UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

MARINA MIGUEL BEDRAN

Caminhos cruzados: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson

(versão corrigida)

São Paulo
2012

MARINA MIGUEL BEDRAN

Caminhos cruzados: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson

(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e
Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob
orientação do Prof. Dr. Samuel de Vasconcelos Titan Jr.

De acordo: Samuel de Vasconcelos Titan Jr.

São Paulo

2012

BEDRAN, Miguel Marina. **Caminhos cruzados**: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson. Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Samuel por me apontar o caminho, sempre; à Capes pela bolsa de estudos; aos professores doutores Marcelo Pen Parreira e Fabio de Souza Andrade pela interlocução generosa e pelas ótimas sugestões na banca de qualificação. Sou grata ao apoio eterno da minha família e aos pitacos dos amigos, que são os melhores que alguém poderia ter. À Lorena, que tentou me ajudar até o último minuto – e conseguiu. Ao Suketu, meu obrigada especial por todo o carinho que me deu na reta final.

RESUMO

BEDRAN, Miguel Marina. **Caminhos cruzados**: a correspondência entre Henry James e Robert Louis Stevenson. 2012. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Tradução comentada da correspondência entre Henry James (Nova York, 1843 – Londres, 1916) e Robert Louis Stevenson (Edimburgo, 1850 – Samoa, 1894), inédita em português. A correspondência começou em dezembro de 1884, e se estendeu por uma década. As cartas revelam uma amizade algo improvável entre dois escritores muito diferentes, e um interesse compartilhado pela arte da ficção. O material analisado joga luz sobre uma discussão importante acerca da literatura em um momento decisivo, à véspera das transformações por que passaria no início do século XX. O ensaio introdutório visa reconstituir o curso dessa discussão e apontar algumas de suas implicações.

Palavras-chaves: Henry James – Robert Louis Stevenson – correspondência – romance – realismo

ABSTRACT

BEDRAN, Miguel Marina. **Crossed paths:** the correspondence between Henry James and Robert Louis Stevenson. 2012. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Annotated translation of the correspondence between Henry James (New York, 1843 – London, 1916) and Robert Louis Stevenson (Edinburg, 1850 – Samoa, 1894), unpublished in Portuguese. The correspondence began in December 1884 and lasted for a decade. The letters reveal an unlikely friendship between two very different writers and a shared concern for the art of fiction. The material examined sheds light on an important discussion about literature at a decisive moment, on the eve of the transformations that it was to undergo at the beginning of the twentieth century. The introductory essay seeks to recreate the course of this discussion and point some of its implications.

Keywords: Henry James – Robert Louis Stevenson – correspondence – novel – realism

SUMÁRIO

PRELÚDIO	9
NOTAS SOBRE A CORRESPONDÊNCIA	13
EPÍLOGO	61
CARTAS TRADUZIDAS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

PRELÚDIO

A história desta pesquisa é a da descoberta de caminhos que se cruzam. Ela começou quando um livrinho publicado em 1948 chegou às minhas mãos: *Henry James and Robert Louis Stevenson: A Record of Friendship and Criticism*, no qual Janet Adam Smith reuniu e comentou todas as cartas a que teve acesso trocadas entre os dois escritores. Seu trabalho visava colocar lado a lado autores que ocupavam lugares distintos no cânone literário. Fazia meio século que Stevenson (Edimburgo, 1850 – Samoa, 1894) tinha morrido e, se nesse ínterim muitos haviam escrito sobre sua lenda e sua vida de aventuras, havia pouquíssima crítica séria sobre sua obra. Ao reunir as cartas que eles haviam trocado, Smith queria mostrar que Stevenson merecia a mesma atenção que o mundo acadêmico e os leitores de boa prosa dedicavam a Henry James (Nova York, 1843 – Londres, 1916), e que ali havia uma interlocução das mais relevantes para quem quisesse entender os rumos que a literatura tomou no século XX.

Smith tomou como base para a correspondência de Stevenson os volumes organizados por Sidney Colvin, *Letters to His Family and Friends*, de 1899, e a edição Vailima, de 1924, com exceção de cinco cartas que foram transcritas a partir dos originais. No cotejo, ela percebeu como o material fora negligenciado por Colvin: ele não havia dado a atenção devida à pontuação, transcreveu palavras erroneamente, censurou trechos e omitiu passagens inteiras. As cartas de James foram pinçadas da edição de Percy Lubbock, *The Letters of Henry James* (Scribner, 1920), que se mostrou mais cuidadosa.

Em 1987, Michel Le Bris publicou uma tradução francesa da correspondência entre James e Stevenson. Seu ensaio introdutório retomava os mesmos pontos levantados por Smith, o que prova que em quatro décadas pouca coisa havia mudado na recepção de Stevenson. Por falta de acesso aos originais – a coleção das cartas de Stevenson está na Houghton Library, em Harvard, e a de James está na Beinecke Library, em Yale –, Le Bris teve de partir da mesma edição duvidável feita por Colvin para traduzir as missivas de Stevenson. Para verter as cartas de James ele tomou como base os volumes III e IV da correspondência que Leon Edel editou na Macmillan (1974-1980), com muito mais cuidado. Em 1994, após ter podido consultar os manuscritos de ambos os autores, Le Bris publicou um novo volume pela Payot & Rivages, no qual corrigiu muitas das passagens problemáticas e incluiu cartas inéditas, que encontrou nos arquivos de Yale e Harvard.

De lá para cá, uma edição minuciosa da correspondência completa de Stevenson, organizada por B. A. Booth e Ernest Mehew (1994-1995, Yale University Press), foi feita só a partir dos originais. Os trechos que tinham sido excluídos das outras publicações foram restituídos, a pontuação do autor foi respeitada, muitos erros foram corrigidos e há um material de apoio que ajuda a dar sentido ao conjunto. Ela foi minha fonte para a tradução das cartas de Stevenson.

No início, minha intenção era reunir apenas algumas das cartas, dando preferência para as que tratavam especificamente da arte da ficção, tema que deu origem ao diálogo dos escritores. A banca de qualificação recomendou que eu incluísse todo o *corpus* epistolar existente na dissertação, pois os professores viram ali um material que poderia render frutos. A sugestão não poderia ser mais acertada, já que, no conjunto, as cartas contam uma história de amizade e de formação de ideias, e cada parágrafo é relevante para reconstruir o tom dessa relação.

De cabeça feita, mas ainda um tanto desconfiada em relação às cartas de James, pois notara algumas discrepâncias entre as publicações a que tinha acesso aqui, fiz uma viagem aos Estados Unidos para pesquisar os originais. Minhas suspeitas se comprovaram: havia alguns problemas com as transcrições (as cartas desse período ainda eram manuscritas), notei muitas omissões de nomes e trechos, e não raro páginas inteiras censuradas, provavelmente porque traziam comentários indiscretos sobre contemporâneos dos escritores. As edições mais recentes da correspondência de James estão resolvendo parte dos problemas, mas algumas das cartas não foram reeditadas e outras são inéditas, ao menos em inglês.

Com os manuscritos em mãos, consegui completar muitas das lacunas e corrigir alguns errinhos. Há passagens indecifráveis – mas isto é coisa que há de se resolver com tempo e olhos mais treinados. Tentei sinalizar os pontos em que os originais diferiam das publicações, para que também a história do tratamento deste material seja contada nas entrelinhas.

Durante a minha pesquisa, percebi o quanto estas cartas ainda são pouco conhecidas não apenas no Brasil, mas também no universo de língua inglesa. E perdi a conta de quantas vezes ouvi que essa amizade era improvável, mas aparentemente interessante. A esperança é que a tradução deste material, inédito em português, possa torná-lo acessível a novos públicos e contribuir de alguma forma para os estudos literários. O comentário introdutório não tem nem de longe a pretensão de esgotar o assunto; é apenas uma tentativa de contar a história

dessa correspondência e mostrar alguns pontos onde os caminhos de James e Stevenson se cruzam.

As cartas ganham muito se lidas paralelamente aos ensaios que deram origem ao debate: “The Art of Fiction”, de James, e “A Humble Remonstrance”, de Stevenson, ambos publicados na *Longman’s Magazine* em 1884. O primeiro já existe em português – foi traduzido por Daniel Piza e incluído no volume de ensaios *A Arte da Ficção* (São Paulo: Imaginário, 1995), mas o “humilde protesto” de Stevenson ainda espera para ser vertido para nossa língua. Há também dois ensaios que James escreveu sobre Stevenson. Um deles, de 1887, acaba de sair em tradução de Rubens Figueiredo (“Robert Louis Stevenson” in *O Clube do Suicídio e outras histórias*. São Paulo: Cosac Naify, 2011). O outro, uma resenha¹ que James escreveu sobre a correspondência de Stevenson logo que ela foi publicada pela primeira vez, em 1899, ainda é inédito em português. Nesta coletânea há também alguns poemas que Stevenson escreveu para James e que deixei em inglês por respeito às musas.

Por fim, arrisco dizer, a leitura da ficção de James e de Stevenson ganha outro sabor depois de uma incursão por este material epistolar.

---

¹ O texto foi publicado na *North American Review* em janeiro de 1900 e depois em *Notes on Novelists*.

NOTAS SOBRE A CORRESPONDÊNCIA

I

“Um romance é um romance, assim como um pudim é um pudim, e tudo o que podemos fazer é abocanhá-lo”.² Foi com essas palavras que Henry James definiu o modo como o público, os escritores e os críticos do universo de língua inglesa viam o romance no final do século XIX. A passagem foi extraída de seu famoso ensaio “The Art of Fiction”, publicado em setembro de 1884 na *Longman’s Magazine*, no qual ele afirma que o romance inglês não parecia ter uma teoria, uma convicção, uma autoconsciência por trás de si; não era, portanto, o que os franceses chamam *discutable*. A ironia de James traduz o seu descontentamento, pois, para ele, a arte

lives upon discussion, upon experiment, upon curiosity, upon variety of attempt, upon the exchange of views and the comparison of standpoints [...] The successful application of any art is a delightful spectacle, but the theory, too, is interesting; and though there is a great deal of the latter without the former, I suspect there has never been a genuine success that has not had a latent core of conviction. Discussion, suggestion, formulation, these things are fertilizing when they are frank and sincere (JAMES, 1884, p. 54).

A situação é atenuada porque “within a year or two, for some reason or other, there have been signs of returning animation – the era of discussion would appear to have been to a certain extent opened”.³ James se refere aqui ao debate iniciado havia pouco pelo escritor Walter Besant, que, no dia 25 de abril daquele ano, proferiu a conferência intitulada “The Art of Fiction” na Royal Institution de Londres (James tomou emprestado para seu ensaio na *Longman’s* o título de Besant). Sendo um escritor bastante popular, sua atitude teve repercussão imediata.⁴ No dia seguinte, a *Pall Mall Gazette* trazia um parágrafo sobre a

---

² James fez algumas alterações em seu texto original, de 1884, para a versão que incluiu em *Partial Portraits*, de 1888. As mudanças estão sinalizadas entre colchetes: “During that period I have alluded to there was a comfortable, good-humoured feeling abroad that a novel is a novel, as a pudding is a pudding, and that this was the end of it [and that our only business with it would be to swallow it]”. Todas as citações do ensaio que aparecem neste trabalho foram tiradas de “The Art of Fiction”, de 1884, reproduzido em *Henry James and Robert Louis Stevenson: A Record of Friendship and Criticism*, organizado por Janet Adam Smith. As exceções serão sinalizadas.

³ JAMES, 1884, p. 54.

⁴ Walter Besant tornou-se conhecido sobretudo por seus romances superficiais e pela série *East End*, que alimentava simpatia pelos pobres. O centro de recreação The Peoples’s Palace, construído em 1887, foi inspirado em seu livro *All Sorts and Conditions of Men* (1882). Era membro do Rabelais Club com James na década de

conferência e, em 30 de abril, uma resposta do crítico Andrew Lang, também intitulada “The Art of Fiction”. Em maio, a Chatto and Windus publicou a conferência sob a forma de panfleto e com apontamentos do autor. O texto vinha sendo resenhado e comentado em alguns periódicos⁵ quando James entrou no debate que veio a constituir o primeiro credo moderno do romance na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Besant não era exatamente o que James esperava de um interlocutor – era um escritor sentimental, *naïf*. Fora chamado de “an efficient and good-natured hack, not very bright Victorian moralist”. Mark Twain, que era seu amigo, recusara-se a resenhar seu tratado para escritores *The Pen and the Book* (1898) porque, segundo ele, não havia sequer uma página racional nele, e apenas um inimigo jurado experimentaria suas baboseiras. Para um de seus apologistas, suas considerações talvez fossem mais apropriadas para instruir alguém a fabricar um móvel do que para ensinar a escrever boa ficção (SPILKA, 1973, p.102).⁶ Mas Besant tinha criado a audiência que James precisava, e era portanto o pretexto perfeito para James, que se aproveitou do burburinho gerado pela conferência de Besant para discutir a ficção de forma séria. No mais, ainda que repletos de platitudes e contradições, o objetivo dos argumentos de Besant era reclamar para a ficção o status de arte. Ela deveria ser tratada como a pintura, a escultura, a música e a poesia. E o escritor devia ser visto como artista. James não poderia concordar mais com ele.

Tal proposta não era propriamente nova (a ideia estava circulando desde meados do século XIX), mas tampouco era forte na Inglaterra e nos Estados Unidos, como era entre os franceses. James, em 1875 e 1876, vivera em Paris, onde conheceu Turgueniev e, por meio dele, Flaubert, Zola, Maupassant e Daudet. Ali ele testemunhou as experimentações formais que esses escritores estavam fazendo, assim como suas sofisticadas discussões sobre a arte da ficção, as quais ele queria importar para o universo de língua inglesa. Com seu ensaio, esperava atrair outros interlocutores sérios para o debate, fazendo com que o romance fosse, à maneira dos franceses, *discutable*. E ficou decepcionado porque não houve uma resposta imediata. Para um amigo, ele escreveu que seu texto não tinha atraído “the smallest attention

---

1870, fundador da Society of Authors em 1884, onde mais tarde tornou-se editor de sua publicação, secretário do Palestine Exploration Fund por 18 anos e defensor dos laços entre Estados Unidos e Inglaterra em institutos como o Atlantic Union. Era filantrópico, amava publicidade, pessoas importantes e controvérsia (SPILKA, 1973, p. 103).

⁵ Cf. SPILKA, 1973, p.101.

⁶ À época deste debate, James estava escrevendo *The Bostonians*. Vamos encontrar no personagem da feminista Verena Tarrant algo do estilo amável e lugar-comum característico de Besant.

here, not even an allusion. [...] There's almost no care for literary discussion here – questions of form, of principle, the 'serious' idea of the novel appeals apparently to no one, and they don't understand you when you speak to them".⁷

Em dezembro daquele ano, no entanto, a resposta veio com “A Humble Remonstrance”, um artigo que Robert Louis Stevenson publicou na mesma *Longman's*. O “humilde protesto” de Stevenson implodia o argumento central de James em “The Art of Fiction”, a saber, que o principal objetivo de um romance era competir com a vida: “No art – to use the daring frase of Mr. James – can successfully ‘compete with life’; and the art that does so is condemned to perish *montibus aviis*”.⁸ Em sua réplica, Stevenson defendia a diferença incomensurável entre arte e vida. A vida sendo monstruosa, infinita, ilógica, caótica, abrupta e intensa; a arte, por sua vez, é finita, nítida, racional, autossuficiente, fluida e castrada. Se, para James, a virtude suprema do romance residia na sua capacidade de transmitir um ar de realidade, e o escritor competia “with his brother the painter in *his* attempt to render the look of things, the look that conveys their meaning, to catch the colour, the relief, the expression, the surface, the substance of the human spectacle”,⁹ Stevenson acreditava que as histórias não são feitas para serem verdadeiras, mas típicas; não para captar os contornos específicos de cada fato, mas para ordená-los rumo a um mesmo fim. As belas histórias até podem se nutrir das realidades da vida, mas seu objetivo não é senão satisfazer o desejo do leitor, obedecendo às leis ideais da imaginação, cada acontecimento respondendo ao outro como notas musicais.

O que está em jogo aqui é um embate entre realismo e artifício, que também coloca em lados opostos os escritores. James, ainda que tenha estabelecido relações complexas e nuancadas com o realismo ao longo dos anos, e feito diversas experimentações que o tornaram de certa forma precursor da modernidade literária, jamais abandonou a crença na capacidade que o romance tem de representar a vida.¹⁰ Já Stevenson insistia no caráter artificial da literatura. Em “A Gossip on Romance”, um texto que escreveu em 1882 –

---

⁷ SPILKA, 1973, p. 106.

⁸ STEVENSON, 1884, p. 89.

⁹ JAMES, 1884, p. 68.

¹⁰ Cf. BROOKS, 2005.

portanto, a rigor, inaugurando “a era da discussão”¹¹ –, afirmou que a ficção estava para o adulto como a brincadeira estava para a criança. O ensaio é uma defesa apaixonada do romance de aventuras e do poder da imaginação. Para ele, nenhuma arte produz a ilusão de verdade; o principal é sempre o artifício, tanto no sentido da preocupação com o estilo quanto no sentido do poder de persuasão da técnica. O importante, para ele, é *apagar* a realidade:

[...] in the theatre we never forget that we are in the theatre; and while we read a story, we sit wavering between two minds, now merely clapping our hands at the merit of the performance, now condescending to take an active part in fancy with the characters.¹²

É curioso que James tenha encontrado o interlocutor que tanto esperava em Stevenson, pois há de fato uma longa distância entre este autor conhecido por suas histórias de aventura e de mistério passadas no interior da Escócia, nas madrugadas sinistras de Londres ou, nas palavras de James, em “ilhas de péssima fama”, e o cronista da vida nas mansões vitorianas ou em palácios desertos na Itália, dos salões e do mundo do decoro. Henry James era então conhecido por *Roderick Hudson*, *The Americans*, *The Portrait of a Lady* e *Daisy Miller*, livros que tratavam da “questão internacional”, ou seja, do confronto entre europeus e americanos. Tendo deixado sua América natal para residir em Londres, James foi criticado nos dois lados do Atlântico, acusado nos Estados Unidos de “bajular os ingleses” e na Europa de não entender a tradição milenar. Isso se traduzia em poucas vendas. Sua escrita refinada, por vezes rebuscada, sobretudo em sua fase final, assim como sua preocupação com o estilo, gerou alguma incompreensão crítica. Numa resenha inglesa sobre seu livro *The Princess Casamassima* logo que ele foi publicado, lê-se:

For ourselves, we have always thought that his obstinate addiction to the style of mere marivaudage and to pictures of a society which, much as he has frequented it, he misunderstands, as it is the wont of even the cleverest foreigners to misunderstand, was a mistake. [...] Unfortunately for Mr. James, his great predecessors [Balzac e Dickens] confined themselves almost entirely to their own people, whom they understood, and Mr. James has tried English people, whom he does not understand. The result is that Muniment, Miss Henning, Lady Aurora, Sholto, and the rest are rather extremely clever attempts and

¹¹ Também em 1882, William Dean Howells publicou o controverso ensaio “Henry James, Jr.”, no qual dizia que James era o expoente de uma “nova escola” na ficção inglesa. Para ele, de certa forma, todas as histórias já tinham sido contadas, de modo que os leitores contemporâneos estavam mais interessados em estudos analíticos, como os de James (SPILKA, 1973, p. 110).

¹² STEVENSON, Robert Louis. “A Gossip on Romance”. Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

conjectures than real life studies. [...] However, this cannot be helped, and after all there is a great deal of interest in the book.¹³

Stevenson veio de uma longa linhagem de engenheiros construtores de faróis, mas renunciou à tradição familiar e resolveu se dedicar às letras. Foi um boêmio algo exótico durante toda a década de 1870. Em uma de suas andanças no ano de 1876, conheceu Fanny Osbourne em Grez-sur-Loing, uma colônia de artistas na França. Ela era casada e tinha filhos nos Estados Unidos, então voltou para lá, mas em 1879, Stevenson fez uma viagem penosa para buscá-la, e eles se casaram pouco depois que ela pediu o divórcio do primeiro marido. O casamento deles foi visto com ressalva: Fanny era dez anos mais velha, muito morena, e tinha um gênio forte (Os europeus a consideravam exótica e estranha, postura que traía certo preconceito). Em abril de 1885, Stevenson mudou-se para Bournemouth para tratar da saúde, frágil desde a infância, levando Fanny e os filhos dela. Ele já havia escrito *An Inland Voyage* e *Travels with a Donkey*, além de ensaios sobre diversos temas, inclusive sobre a arte da ficção, mas foi com a publicação de *Treasure Island* que ele se tornou um escritor popular. A morte prematura e a vida de aventuras no Pacífico Sul que levou em seus últimos anos fizeram dele um mito, e, com o passar dos anos, ficou conhecido como um escritor infantojuvenil.

Janet Adam Smith sintetizou a disparidade que caracterizava a visão mais comum sobre os autores da seguinte forma:

In the houses where James's novels are a long row in the study, most of the Stevensons are up in the nursery or schoolroom, beside *The Three Midshipmen* and *The Coral Island*; in those where Stevenson is the chief literary ornament, in the uniform dignity of the Swanston Edition, or the Skerryvore, or the Tusitala, there is likely to be no book by James at all.¹⁴

A impressão inicial que um escritor teve do outro reforçava essa distância – após um primeiro encontro em Londres, em 1879, James diria a T. S. Perry que Stevenson lhe parecera um “shirt-collarless Bohemian and a great deal (in an inoffensive way) of a poseur”.¹⁵ Stevenson, por sua vez, viu em James “a mere club fizzle”, e, se estimou desde o início a

¹³ *The Guardian*, 23 de fevereiro, 1887. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2003/jun/28/fromthearchives.henryjames>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

¹⁴ SMITH, 1948, p. 9.

¹⁵ HARMAN, 2005, p. 278.

precisão da escrita jamesiana, se irritava um pouco com seus preciosismos, e achou *Washington Square* desagradável.¹⁶ Ele inclusive compôs e enviou a Henley um poema em que zomba de James:

H. James

Not Clad in transatlantic furs
But clinking English pence
The young republic marks me hers
In no parochial sense

A bland colossus, mark me stride
From land to land, the sea
And patronize on every side
Far better men than me

My books that models are of wit
And masterworks of art
From occident to orient flit
And please in every part

Yet I'm a sentimental lot
And freely weep to see
Poor Hawthorne and the rest who've not
To Europe been like me¹⁷

A visão de Stevenson sobre James ecoava a opinião geral. Uma leitura mais atenta de seus romances, provavelmente por insistência de Fanny, compatriota e fã do escritor americano, fez com que Stevenson mudasse sua ideia a respeito dele – mais adiante, ele se arrependeria de ter escrito o poema satírico (LE BRIS, 1994, p. 10). Mas foi apenas alguns anos depois, quando descobriram o interesse comum pela ficção, que eles se aproximaram. Assim que leu “A Humble Remonstrance”, James enviou a Stevenson umas palavras:

[1] Não palavras de objeção, discordância, revide ou protesto, mas de sincera simpatia, plenas de meu apreço por tudo o que você escreve. É um luxo, nesta era imoral, encontrar alguém que *escreve* – que realmente tem familiaridade com essa arte adorável. Não seria justo bater-me com você aqui; além disso, nós mais concordamos, creio eu, do que discordamos, e ainda

¹⁶ “Mrs Pennyman we both *adore* and have always adored. And shall ever adore, world without end; which does not prevent *Washington Square* from being in its way, an unpleasant book, nor H. James from being a mere club fizzle [. . .] and no out-of-doors, stand-up man whatever” (BOOTH; MEHEW, vol III, p. 159).

¹⁷ LE BRIS, 1994, p. 10.

que haja pontos sobre os quais um espírito mais impetuoso que o meu gostaria de pelejar, não é isso o que eu desejo – quero, ao contrário, lhe agradecer por tudo o que há de feliz e de sugestivo em suas observações – notadas com tanta perspicácia e ditas com tanto brilhantismo. Suas observações estão repletas dessas coisas, e o fluxo de seu estilo admirável não para de produzir pérolas e diamantes. Suas palavras finais são excelentes, e ninguém concorda mais do que eu com sua tese de que toda arte é simplificação. É um prazer ver tal verdade proferida com tanta clareza. Minhas páginas na *Longman's* eram simplesmente um apelo à liberdade: eram apenas metade do que eu tinha a dizer, e algum dia tentarei expressar o restante.

A resposta de Stevenson foi igualmente calorosa, mas insistia na continuação do debate, ecoando, na verdade, as preocupações iniciais de James:

[2] Foi com enorme prazer que recebi suas palavras, e por vários motivos. O primeiro é a esperança de que haja uma sequência. Foi para isso que me empenhei. A verdade é que, devido à escassez de informação e interesse sério na arte da literatura, aqueles que tentam praticá-la a valer correm o risco de não encontrar público adequado. [...] Ora, eu quero ventilar as coisas, para a minha educação e a do público; e lhe imploro que reflita o quanto antes, que tire proveito de minha derrota nas circunstâncias em que discordamos e (para evitar a zombaria dos leigos) que enfatize os pontos sobre os quais concordamos. Estou certo de que seu artigo me apontará o caminho para uma resposta; e espero poder responder com habilidade suficiente para seduzi-lo ou arrancá-lo do silêncio que você ameaçou. Não pediria nada melhor do que passar minha vida a debulhar esse trigo em sua companhia.

Stevenson esperava poder escrever mais. Em uma carta a Henley, comemorava o fato de que James faria uma tréplica, e reclamava do pouco espaço que lhe fora dado na *Longman's*. Ele também disse que tinha planos para um “Treatise of the Art of Literature”, “a small, arid book that shall some day appear”.¹⁸ Ele inclusive passou o Natal escrevendo o ensaio “On Some Technical Elements in Style”, publicado no ano seguinte, 1885. Mas, para a decepção de Stevenson, James não escreveu outro artigo. O “restante” que James lhe prometera em sua primeira carta, a outra metade do que tinha a dizer, só foi aparecer impresso no início do século XX, com os prefácios que redigiu para a edição nova-iorquina de sua obra completa, muitos anos após a morte de Stevenson. Mas a discussão teórica que começou no periódico continuou em cartas e em conversas.

Os escritores se encontraram pela primeira vez em 1885, na casa de Stevenson em Bornemouth, para onde James levou a irmã inválida, Alice. Nos dois anos seguintes, viram-se

---

¹⁸ HARMAN, 2005, p. 280.

com alguma frequência, ora em Bournemouth, ora na casa de Sidney Colvin no British Museum, onde Stevenson ficava hospedado quando ia a Londres. Em 1887, Stevenson foi com a família para os Estados Unidos, de onde partiu, um ano depois, para o Pacífico Sul, em busca de climas mais amenos. Stevenson acabou por se estabelecer em Samoa, e nunca mais voltou à Europa. Se os encontros entre eles findaram ali, o debate nunca cessou – eles se corresponderam até a morte de Stevenson. As cartas que não foram parar no fundo do mar são, além de uma ode à amizade, o registro de uma discussão poética das mais singulares, que toca em questões centrais da literatura à época, sobretudo no que diz respeito aos modos de entender o realismo e a natureza da ficção.

Janet Adam Smith, em 1948, foi a primeira estudiosa a reunir e comentar as cartas trocadas entre James e Stevenson. Em 1987, Michel Le Bris, o tradutor delas para o francês, aprofundou a reflexão iniciada por Smith décadas antes. Esses trabalhos são importantes porque desconstroem noções rápidas sobre os autores e mostram que as diferenças se dão num campo comum. Para além da amizade e do interesse pela forma e pelo estilo, há uma semelhança no modo de conceber o mal que deixa marcas não apenas no núcleo moral de suas obras, mas também em suas reflexões sobre o realismo e o papel da arte.¹⁹ Essa

---

¹⁹ Tanto James como Stevenson concebiam o mal como uma realidade primordial do mundo (SMITH, 1948, p. 35). Para ambos, a consciência do mal está intimamente relacionada às vivências familiares desde muito cedo. Quando James tinha apenas um ano de idade, presenciou uma crise do pai, até então saudável e bem-disposto, que o deixou feito uma criança desamparada. James depois diria como o episódio lhe parecera um terror insano e abjeto, sem causa aparente. Henry James Sir escreveria anos depois o livro *The Nature of Evil*. James também acompanhou crises semelhantes do irmão William, que dizia que seus medos inexplicáveis pareciam vir das trevas, e as angústias e os surtos neuróticos da irmã Alice, que registrou em seu diário um dia antes de morrer: “[...] moral discords and nervous horrors sear the soul” (SMITH, 1948, p. 33). Segundo Peter Brooks, a imaginação de James e sua ficção estão constantemente preocupadas com o ameaçador, o violento e o desconhecido. Para ele, o terrível estava escondido sob a tênue superfície das coisas. “I have the imagination of disaster and see life as ferocious and sinister”, escreveu em 1896 (BROOKS, 1995, p. 153).

Stevenson, cuja imagem esteve desde sempre associada à infância, aos jogos e ao otimismo (segundo James, sua produção constitui “uma expressão refinada, uma espécie de espirituoso evangelho da alegria”), também teve de se haver com o lado melancólico e macabro da vida. Observou os tormentos do pai deprimido, autoritário e atormentado pelo medo do diabo, e pelo peso da tradição presbiteriana escocesa. Quando criança, nas noites de tempestade, Stevenson arrepiava ao pensar nos espíritos malignos e acreditava que no dia seguinte começaria a descer para as profundezas do inferno (SMITH, 1948, p. 34 et seq.). Relatos dessa convivência com o mal estão sobretudo em seus ensaios “Pulvis et Umbra” e “A Chapter on Dreams”. No último ele discorre sobre a importância dos “brownies” em sua literatura – criaturas demoníacas que, segundo ele, seriam responsáveis por sua inspiração para escrever.

Para Le Bris, o interesse de ambos os autores pelo estilo e pela forma não é apenas uma questão estética, mas uma exigência moral: é tarefa da arte dar forma ao mal (LE BRIS, 1994, p. 53.). Segundo Smith, enquanto Zola e outros realistas queriam retratar o mal tangível – a luxúria, a pobreza, a sordidez – James e Stevenson acreditavam que tais horrores materiais não passavam de manifestações de um mal maior inerente à ordem das coisas. Essa postura está por trás da crítica de ambos ao naturalismo – retratar o mal, para eles, era tarefa da mais profunda imaginação, e não do olho da câmera (SMITH, 1948, p. 33). Nesse sentido, ambos os autores estão próximos do imaginário romântico, e a recorrência de relatos sobre duplos – tema caro ao romantismo – em suas obras é prova disso (LE BRIS, 1994, p.45).

correspondência é um lugar privilegiado para observar tais semelhanças, além de jogar luz sobre o modo como cada um compõe e vê a literatura. O diálogo também mostra como o encontro inesperado deixou marcas nas trajetórias de ambos. Por tudo isso, Graham Greene e Faulkner afirmaram que a correspondência entre James e Stevenson rivaliza em termos de beleza e interesse com aquela entre Goethe e Schiller.²⁰

II

[2] As pessoas supõem que se interessam pela “matéria”; creem, por exemplo, que o refinamento das ideias e sentimentos em Shakespeare impressiona por si só, e não se dão conta de que o diamante bruto não passa de uma pedra. Aham que situações memoráveis ou bons diálogos são obtidos a partir do estudo da vida; não conseguem entender que essas coisas são obtidas por meio do artifício deliberado e realçadas por dolorosas supressões.

É assim que Stevenson manifesta, logo na primeira carta que escreveu a James, sua atenção minuciosa ao artifício, ao estilo, à técnica. James notou como Stevenson diferia ao máximo do escritor que “encara as palavras como números e uma página como uma mera soma de palavras” – ele se regozija com um estilo que “nada tem de acidental ou acanhado; ele é, de forma destacada, consciente de suas responsabilidades e as cumpre com uma espécie de galantaria”.²¹ Em muitas das cartas aqui reunidas podemos acompanhar a preocupação recorrente dos dois escritores com a forma, seja quando um critica a obra do outro, seja quando dividem suas preocupações a respeito de algo que estão compondo, seja quando avaliam a obra de seus contemporâneos. Mas isso também rendeu a Stevenson alguma incompreensão. William Archer, em um artigo publicado na *Time*,²² acusava-o de ser um devoto da “leveza do toque a qualquer preço”; e que, com isso, ele levaria (deliberadamente) seus leitores a observar primeiro sua forma e só depois seu assunto. Para James, a restrição de Archer denotava o juízo usual da época de que não se poderia ser “artístico em excesso” no universo de língua inglesa.

---

²⁰ LE BRIS, 1994, p. 8.

²¹ JAMES, 1888, p. 362.

²² “R. L. Stevenson, his Style and Thought”, novembro de 1885.

Se foi na Inglaterra do século XVIII que o romance, por diversos motivos, encontrou as condições históricas e sociais para sua formação e afirmação como o grande gênero da modernidade, foi também ali que ele se deparou com mais censura. Nessa mesma época, começaram a aparecer as justificativas para que ele pudesse existir – agradar e instruir – e também as primeiras tentativas de entender e definir o novo gênero, que se tornava cada vez mais popular. A máxima horaciana do *utile et dulci* fornecia uma boa desculpa para se fazer e ler romances, mas impunha um problema de outra ordem: como atender ao mesmo tempo aos requisitos da *vraisemblance* e da *bienséance* herdados da tradição francesa? A discussão sobre como adequar a representação da realidade – que constituía o traço essencial e o princípio formal do novo gênero –, ao conteúdo moral, edificante e exemplar dos romances ocupou inúmeros escritores do período, como provam os prefácios dos livros publicados naquela época (VASCONCELOS, 2002, p. 47).

No século XIX, os ingleses ainda estavam se havendo com as mesmas questões. Para James, devido à herança do julgamento protestante, a arte, para os ingleses, figurava no extremo oposto da moralidade, do entretenimento e da instrução. E se a literatura deveria instruir ou entreter, questões artísticas e a busca pela forma, para muitos, não contribuíam para nenhum desses fins – eram muito frívolas para serem edificantes e muito sérias para serem divertidas. Com “The Art of Fiction”, James visava liberar o romance de suas funções pedagógica e de entretenimento para afirmá-lo como arte, lançando os fundamentos para que fosse discutido em seus próprios termos.

Besant já reclamava para a ficção o *status* de arte – ela deveria ser tratada como irmã e igual da pintura, escultura, música e poesia. Mas sua argumentação era repleta de generalidades e lugares-comuns,²³ e, no fim, ele se regozijava com o fato de que o romance inglês quase sempre tinha um propósito moral consciente. Andrew Lang, após criticar alguns pontos da conferência de Besant, concluiu que não adiantaria debater a arte da ficção, já que “one might argue any point either way in the metaphysic of fiction”. Mas acabava concordando com seu argumento de que todas as ficções seriam boas se “they amuse us, and

---

²³ Por exemplo: “The Art of fiction requires first of all the power of description, truth, and fidelity, observation, selection, clearness of conception and of outline, dramatic grouping, directness of purpose, a profound belief on the part of the story-teller in the reality of his story, and beauty of workmanship” (Besant apud SPILKA, 1973, p. 109). James achava as recomendações de Besant “belas e vagas”, e dizia que, mesmo que fosse possível concordar com quase todos os pontos assinalados, eles jamais poderiam ser ensinados.

waken, as Mr. Besant said, our sympathy with men, and take us out of ourselves and away from this world of trouble”.²⁴

É por isso que encontrar em meio à crítica contemporânea, que James achava “parca em sabor e apreciação”, um interlocutor que queria “ventilar as coisas” despertou nele um “desejo caloroso” de discussão, que ajudou a moldar pontos centrais de suas ideias a respeito da ficção. Anos depois do início da correspondência, e a muitos quilômetros de distância, era para Stevenson que James ainda despachava suas impressões:

[38] Este é um brado pessoal e egoísta: eu o quero de volta; porque a literatura é solitária e Bournemouth é árida sem você. [...] A crítica é de uma estupidez e de uma puerilidade abjetas – ela não existe; ela rebaixa a inteligência de nossa raça a um nível muito rasteiro.

[50] A vulgaridade da literatura nestas ilhas, hoje em dia, é indizível, e eu me agarro a você da mesma forma que, em meio ao estardalhaço do mercado, a orelha se volta para a música.

A ideia de que um romance deveria entreter não incomodava tanto a Henry James. Ele sabia que trabalhava num campo essencialmente popular, que oferecia possibilidades artísticas inexploradas até então. James aceitou as restrições da serialização e tentou a vida toda obter reconhecimento no mercado literário e sucesso de público. Perturbava-o muito mais a insistência na moralidade. Para James, as questões artísticas só diziam respeito à execução, não à moralidade. Invertendo a proposição de Besant, James achava que o romance inglês tinha mais “timidez moral” que “propósito moral”, ou seja, os escritores evitavam as dificuldades com que se depara quem quer que se disponha a retratar a realidade. Para ele,

In the English novel (by which I mean the American as well), more than in any other, there is a traditional difference between that which people know and that which they agree to admit that they know, that which they see and that which they speak of, that which they feel to be a part of life and that which they allow to enter into literature.²⁵

James defendia que a condição da arte tinha que ser a liberdade. Algumas das experimentações mais profícuas no campo da literatura, afinal, vinham dos franceses, que tratavam de temas que “fly in the face of presumptions”.²⁶ Vale notar que nem sempre foi assim. Na década de 1870, ele criticara Baudelaire por fazer “lindos versos sobre temas

---

²⁴ Lang apud SPILKA, 1973, p. 110.

²⁵ JAMES, 1884, p. 82.

²⁶ JAMES, 1884, p. 72.

abjetos”, e não se cansava de dizer que preferia Turgueniev a escritores “artísticos” como Flaubert ou Balzac, já que ele tinha uma “sound philosophy of life” que ele não encontrava nos outros. Quando, em 1884, ele afirma que “we must grant the artist his subject, his idea, what the French call his *donné*; our criticism is applied to what he makes of it”,²⁷ ele está de certa forma reparando a injustiça que dirigira antes aos escritores franceses, e que agora sofria dos críticos ingleses, para quem os assuntos de James não eram “manifestly serious and worth the application of serious men”.²⁸

Segundo Spilka, “to grant the artist his *donné*” significava romper com a mentalidade vitoriana rumo a um novo estado de consciência, uma nova compreensão das dificuldades que o romancista disposto a abordar a realidade se depara. A conclusão, para James, é que havia apenas um ponto em que

[...] the moral sense and the artistic sense lie very near together; that is, in the light of the very obvious truth that the deepest quality of a work of art will always be the quality of the mind of the producer. In proportion as that mind is rich and noble will the novel, the picture, the statue, partake of the substance of beauty and truth. To be constituted of such elements is, to my vision, to have purpose enough. No good novel will ever proceed from a superficial mind; that seems to me an axiom which, for the artist in fiction, will cover all needful moral ground.²⁹

James transfere a ênfase para a mente do escritor. É a sua percepção que vai conferir à ficção seu valor ou, como ele resumiu mais tarde no prefácio a *The Awkward Age*, “what a happy thought has to give depends immensely on the general turn of the mind capable of it”.³⁰ Stevenson, em “The Morality of the Profession of Letters”, escrito em 1881, já parecia apontar para essa direção ao dizer que

[...] the subject makes but a trifling part of any piece of literature, and the view of the writer is itself a fact more important because less disputable than the others. Now this spirit in which a subject is regarded, important in all kinds of literary work, becomes all-important in works of

---

²⁷ JAMES, 1884, p. 72.

²⁸ Gard apud SPILKA, 1973, p. 114.

²⁹ JAMES, 1884, p. 83-84.

³⁰ JAMES, 1907-1909, Disponível em: <<http://www.henryjames.org.uk/>>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

fiction, meditation, or rhapsody; for there it not only colours but itself chooses the facts; not only modifies but shapes the work.³¹

Outro ponto central do ensaio de James é sua tentativa de definir a natureza da ficção por meio da dupla analogia com a pintura e a história. Besant já emprestara a terminologia da pintura para tratar de questões relativas à ficção, e propôs uma correspondência exata entre as leis de harmonia, perspectiva e proporção que governam ambas as artes. Mas James acreditava que o que as unia era o propósito comum: competir com a vida. Para James, aliás, “the only reason for the existence of a novel is that it *does* compete with life”, pois

[...] when it ceases to compete as the canvas of the painter competes, it will have arrived at a very strange pass. It is not expected of the picture that it will make itself humble in order to be forgiven; and the analogy between the art of the painter and the art of the novelist is, so far as I am able to see, complete. Their inspiration is the same, their process (allowing for the different quality of the vehicle) is the same, their success is the same.³²

Stevenson achou ousada demais a pretensão de James, pois nem o romance nem a pintura jamais poderiam ser tão abrangentes e vívidos como a experiência. A conclusão é que:

Man’s one method, whether he reasons or creates, is to half-shut his eyes against the dazzle and confusion of reality. [...] Painting, ruefully comparing sunshine and flake-white, gives up truth of colour, as it had already given up relief and movement; and instead of vying with nature, arranges a scheme of harmonious tints. Literature, above all in its most typical mood, the mood of narrative, similarly flees the direct challenge and pursues instead an independent and creative aim. So far as it imitates at all, it imitates not life but speech: not the facts of human destiny, but the emphasis and the suppressions with which the human actor tells of them.³³

Em “The Art of Fiction” James também dizia que a arte é essencialmente uma seleção “whose main care is to be typical, to be inclusive”.³⁴ Mas ele enfatizou *inclusive* junto com *typical*. Assim, ele tratou logo de escrever a Stevenson para se corrigir e afirmar que ninguém

---

³¹ STEVENSON, Robert Louis. “The Morality of the Profession of Letters.” Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

³² JAMES, 1884, p. 56.

³³ STEVENSON, 1884, p. 91

³⁴ JAMES, 1884, p. 75.

concordaria mais do que ele com a tese de que toda arte é simplificação. Quatro anos depois, na versão do ensaio que foi incluída em *Partial Portraits* (1888), ele retocou seu texto, trocando “competir” por “representar” todas as vezes em que a palavra aparecia na longa passagem do terceiro parágrafo.³⁵

Muitos anos depois, ao redigir o prefácio a *Spoils of Poynton* para edição nova-iorquina, ele reformulou mais uma vez esta questão que o interessou a vida toda:

Life being all inclusion and confusion, and art being all discrimination and selection, the latter, in search of the hard latent value with which alone it is concerned, sniffs round the mass as instinctively and unerringly as a dog suspicious of some buried bone.³⁶

Isso hoje soa jamesiano, mas é impossível não reconhecer aqui as palavras de Stevenson.

Em outra passagem do ensaio, James critica o romancista Anthony Trollope porque, em um aparte ao leitor, confessa que ele e seu amigo só estavam “fingindo”, que os incidentes narrados tinham sido todos inventados, e que ele portanto poderia dar à história o fim que o leitor preferisse. James classificou a “indiscrição” do colega como um crime terrível, pois implicaria que o escritor “is less occupied in looking for the truth than the historian, and in doing so it deprives him at a stroke of all his standing-room”.³⁷

Stevenson, refletindo sobre o processo de composição da narrativa, aí incluída a história e a literatura, ressaltou que ela dependia sobretudo de seleção, de omissão e até de invenção para poder dar forma ao material bruto, caótico e monstruoso, isto é, à vida, e rebateu a reprimenda de James: “Mr. James utters his mind with a becoming fervour on the

---

³⁵ No sétimo parágrafo, James deixou “competir”: “It is here, in very truth, that he [o romancista] competes with life; it is here that he competes with his brother the painter in *his* attempt to render the look of things, the look that conveys their meaning, to catch the colour, the relief, the expression, the surface, the substance of the human spectacle”. Ele queria insinuar no seu argumento de que havia um ponto essencial no qual a arte de fato competia com a vida, a saber, transmitir o ar de realidade, e ao mesmo tempo evitar a acusação de Stevenson.

³⁶ JAMES, 1907-1909. Disponível em: <<http://www.henryjames.org.uk/>>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

³⁷ JAMES, 1884, p. 57.

sanctity of truth to the novelist; on a more careful examination truth will seem a word of very debateable propriety, not only for the labours of the novelist, but for those of the historian”.³⁸

James faria então outra mudança na versão de 1888, acrescentando o seguinte parêntese para explicar sua concepção de verdade:

It implies that the novelist is less occupied in looking for the truth (the truth, of course I mean, that he assumes, the premises that we must grant him, whatever they may be) than the historian, and in doing so it deprives him at a stroke of all his standing-room.

No quinto parágrafo do ensaio escrito em 1884, James dá sua definição de romance, que de certa forma vai na direção do comentário de Stevenson: “A novel is in its broadest definition a personal impression of life; that, to begin with, constitutes its value, which is greater or less according to the intensity of the impression”. Mas depois do “protesto” de Stevenson, James achou por bem reforçar a ideia que a arte é uma versão da realidade – a do artista – e no texto de 1888 introduziu o referido parêntese já no terceiro parágrafo (SPILKA, p. 116).

III

Na primeira carta de Stevenson, ele faz um pedido (no tom de chiste que lhe é peculiar) a James que ilustra o que está em questão no encontro dos universos ficcionais de ambos os autores:

[2] É claro que não sou estúpido a ponto de lhe pedir que deixe seu caminho; mas será que o sr. não poderia, num romance, para agradar um admirador sincero, e para enriquecer suas prateleiras com um volume amado, será que o sr. não poderia, será que o sr. não gostaria de confeccionar seus personagens num molde um pouco mais abstrato e convencional (a cara sra. Pennyman já tinha, dentre seus outros trabalhos, um sabor disso que eu quero dizer), dar às peripécias um tom, não diria mais forte, mas um pouco mais enfático – como num episódio de um dos velhos romances de aventura? Temo que não; e suponho que devo, com um suspiro, admitir que o sr. tem razão. E, porém, quando entrevejo, por exemplo, um livro de Tom Jones trabalhado com sua maravilhosa precisão e repleto daquelas reflexões oblíquas nas quais o sr. é mestre, é com pesar que renuncio a essa visão tão grata. Pense nisso.

---

³⁸ STEVENSON, 1884, p. 89.

De um lado, o realismo e sua “maravilhosa precisão”, a densidade psicológica e as reflexões oblíquas. De outro, a narrativa de aventuras, os estereótipos, o *romance*. Essa oposição dava o tom também da situação geral da literatura no século XIX, época de afirmação do romance realista. Na língua inglesa, *romance* designava um tipo de narrativa associada ao maravilhoso, ao inverossímil e ao mundo aristocrático e idealizado, vinda da tradição francesa, muito popular no século XVII. Já *novel* é o termo que passou a ser usado na Inglaterra a partir do século XVIII para designar o romance moderno, gênero que surgia ali (VASCONCELOS, 2002, p. 33-34).

Já no século XVIII, os romancistas e pensadores do romance queriam acentuar o compromisso do novo gênero com a verdade, com os acontecimentos comuns e naturais e com a probabilidade em oposição à ficção romanesca, que transgredia os limites de tempo e lugar, de natureza e possibilidade. A prosa de ficção oscilou desde os primórdios entre a fantasia pura, sem muita atenção às leis da probabilidade e da verossimilhança, e o compromisso com a representação da realidade. (VASCONCELOS, 2002, p. 27-28.). Erich Auerbach mostrou como a concepção do real e as formas de representá-lo mudou ao longo do tempo, enfatizando que houve um movimento na direção do realismo a partir do século XVIII, que chegou aos limites do naturalismo no século XIX. Stevenson, na contracorrente da época, assume o papel de defensor do *romance* e de outras formas arcaizantes, como ele declara no gracejo dirigido ao “comprador hesitante” de *Treasure Island*:

If sailor tales to sailor tunes,
Storm and adventure, heat and cold,
If schooners, islands, and maroons,
And buccaneers, and buried gold,
And all the old romance, retold
Exactly in the ancient way,
Can please, as me they pleased of old,
The wiser youngsters of today:

— So be it, and fall on! If not,
If studious youth no longer crave,
His ancient appetites forgot,
Kingston, or Ballantyne the brave,
Or Cooper of the wood and wave:
So be it, also! And may I
And all my pirates share the grave
Where these and their creations lie!³⁹

---

³⁹ STEVENSON, 1993, p.7.

Para James, o maravilhoso se impõe na obra de Stevenson com desinibida segurança, e o extraordinário tem lugar central porque opera como depositário de uma tradição de coisas preciosas – suspense, ousadia, decisão, paixão, curiosidade, galantaria, eloquência, amizade –, impedindo que elas pereçam. Mas Stevenson seria capaz de inserir em fábulas “dignas de Alexandre Dumas” uma densidade de observação com a qual o outro escritor nunca teve nada a ver, e é aí que residiria sua genialidade. Para James, Stevenson nos levaria a dizer:

Deixe que a tradição viva, por todos os meios, contanto que seja prazerosa; porém ao mesmo tempo ele é a causa de percebermos novamente que só se mantém viva uma tradição acrescentando-se algo a ela. Nesse caso particular – *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* e em *Sequestrado* –, Mr. Stevenson acrescentou a psicologia.⁴⁰

Tomemos *Treasure Island*, por exemplo, uma narrativa de aventuras clássica. O enredo é puro *romance*: um garoto, um mapa do tesouro, piratas, uma ilha deserta, lealdades testadas e traídas, uma caça frenética ao tesouro. Mas o apelo do livro ultrapassa o enredo emocionante – neste âmbito, seria uma obra não apenas convencional, mas derivativa⁴¹ – e isso se deve em grande parte ao realismo psicológico dos personagens. Nas palavras de James, além do registro de “acasos incríveis”, há ali um estudo de sentimentos juvenis, um lado moral. E as coincidências surpreendentes convivem com os sentimentos familiares. Os personagens não são “fantoques de rosto indefinido” (como seria o caso nos *romances* típicos): se Jim Hawkins ilustra a

[...] ousadia exitosa, o faz com uma otimista e divertida infantilidade e com uma consciente e humilde responsabilidade perante o erro. Sua sorte é tremenda, mas não o deixa orgulhoso, e sua atitude é revigorantemente provinciana e humana. O mesmo vale para John Silver, um dos vilões mais pitorescos e, de fato, em todos os aspectos, um daqueles apresentados de modo mais cordial em toda a literatura romântica. Seu semblante é singularmente distinto e expressivo e, está claro, se revela a máscara de uma cara feia, jamais se viu uma máscara pintada com tanta perícia e vivacidade.⁴²

Há na ficção de Stevenson certa ambiguidade no modo de conceber questões éticas e uma gradação na construção de personagens que apaga as demarcações mais estanques de bem e mal ou de vilão e herói que são típicas do relato romanesco. Seus personagens são

---

⁴⁰JAMES, 1888, p. 385.

⁴¹Cf. HARMAN, 2005, p. 227.

⁴²JAMES, 1888, p. 387.

cheios de nuances, e se transformam ao longo da história. Quando Jim Hawkins se vê obrigado a matar o pirata Israel Hands, Stevenson se alonga ao relatar o corpo do defunto que teima em boiar, e assim o leitor acompanha com riqueza de detalhes as reações e sentimentos de Jim em relação a esse acontecimento que funciona como um rito de passagem em sua vida. Outro fator importante é a amizade de Jim com John Silver que está no núcleo do livro. O fato de Jim continuar a admirar a coragem e a gentileza de Silver mesmo depois que ele se revela um assassino sanguinário é prova de certa maturidade conquistada pelo garoto, tão ingênuo a princípio.

O livro foi escrito para entreter o enteado de Stevenson, Lloyd Ousbourne, como ele declarou: “No women in the story, Sam’s orders; and who so blythe to obey? It’s awful fun boy’s stories”.⁴³ Mas conseguiu conquistar o apreço de inúmeros leitores adultos, dentre eles o exigente James e os escritores Joseph Conrad e Marcel Schwob, admiradores do narrador duplo de *Treasure Island*.⁴⁴ O que faz com que (mais um) relato sobre ilha, tesouro e piratas tenha tanta força é o modo como ele é trabalhado. A estratégia foi usada outras vezes por Stevenson (no caso de *Jekyll and Hyde* são três pontos de vista que se entrecem para que a história ganhe forma), e faz pensar na técnica do ponto de vista, minuciosamente desenvolvida por James ao longo de muitos anos, e que fez dele o precursor do romance moderno. Mais do que simplesmente lançar mão de uma técnica, Stevenson conseguia investir sua narrativa de uma coerência interna que dava um tom de verdade ao que ele decidia retratar. Boa parte de sua obra era dedicada a captar os sentimentos juvenis, coisa que ele fez, para James, com uma singular maturidade de expressão. É verdade que James achava que os temas de Stevenson não eram sofisticados o suficiente; mas ele seria “um artista consumado até a sofisticação, cujo tema constante é aquilo que não é sofisticado” (JAMES, 1888, p. 366). A crítica volta a aparecer numa carta de 1893:

[55] A arte de *The Beach of Falesá* parece-me uma arte levada à perfeição e eu me delicio com a verdade da observação, a modéstia da natureza, do narrador. O homem primitivo não me interessa, confesso, tanto quanto o civilizado – no entanto ele *me interessa* quando você escreve sobre ele.

---

⁴³Stevenson em uma carta sobre *Treasure Island* (HARMAN, 2005, p. 225).

⁴⁴Neste romance, as peripécias são narradas a princípio pelo protagonista, o menino Jim Hawkins, e os capítulos finais são contados pelo dr. Livesey.

Para James, Stevenson teria atingido tal perfeição na execução em *Kidnapped* que as aventuras românticas de um garoto se tornavam “uma questão de relações universais”. O personagem de Alan Breck lhe parecia um estudo do amor à glória executado com extrema verdade psicológica, e a cena da discussão à encosta da montanha – a respeito de quase nada –, um lance de gênio capaz de captar o próprio ritmo da vida.

O “adorável livrinho” *A Child’s Garden of Verses*

[...] celebra, do início ao fim a faculdade de retratar, personificar, dramatizar – a vida vista do ângulo do cercadinho de um bebê. O livro é uma maravilha pela vivacidade com que reproduz cada impressão precoce: poderia ter sido escrito por uma criança, se uma criança pudesse ver a infância de fora, pois tem-se a impressão de que só uma criança poderia estar assim tão perto do chão de seu quarto (JAMES, 1888, p. 367).

Mesmo com projetos tão diferentes, James felicitava Stevenson por sua teoria da composição do romance. Para James, os incentivos mais fortes e constantes de Stevenson eram “os triunfos que estão para ser alcançados na arte de retratar o estranho, o improvável, o heroico, sobretudo enquanto tais coisas reluzem ao longe no olho crédulo da juventude” (JAMES, 1888, p. 383). Arrisco dizer que era sobretudo pela tentativa de ser coerente com o ponto de vista de uma narrativa que James o admirava tanto, já que esta era a principal marca de sua prosa.

Assim, Stevenson tinha consciência do caráter abstratizante do *romance* e tirava partido de seus elementos, como o emprego de personagens estereotipados, a criação de suspense e o uso de formas melodramáticas⁴⁵ para compor histórias que tocam em questões morais e estéticas centrais à sua época, muitas vezes ultrapassando-a. É o que ocorre em *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, por exemplo. Stevenson trata do bem e do mal de um modo que supera o dualismo. Vícios e virtudes coabitam nos homens, e o juízo sobre as dificuldades de ser bom e a brutalidade – e a sedução – de ser mau ao mesmo tempo que revelam algo sobre as hipocrisias da sociedade vitoriana antecipam muitas descobertas de Freud.

De acordo com MacKenzie,

---

⁴⁵Stevenson remonta o desenvolvimento de sua imaginação visual à infância e ao melodrama (Cf. os ensaios “Rosa quo Locorum” e “A Penny Plain and Two Pence Coloured”). Segundo MacKenzie, um dos recursos que o melodrama oferecia à indagação poética de Stevenson era a cena sensacional, recurso do teatro que leva a ação dramática a um clímax moral e visualmente satisfatório. O teatro em miniatura fabricado por um certo Skelt – que remetia “à grande época do melodrama” –, com que brincava quando criança, o teria ensinado a comunicar intensidade passional mediante uma ação detida. Para MacKenzie, foi então que Stevenson aprendeu a compor suas cenas dramáticas, dotadas de uma quietude que intensifica o impacto da emoção (apud BALDERSTON, 1982, p. 44).

El villano siniestro envuelto en una capa negra, la heroína de cabelos dorados, el bondadoso anciano de barba y cabelos blancos... Atraído por la eficacia de los aspectos externos de la caracterización melodramática, Stevenson aprendió a sacar partido de los estereotipos: a conservar su familiar atractivo aspecto mientras dotaba a sus naturalezas morales de una ambigüedad que resultaba un desafío para el lector.⁴⁶

A postura de Stevenson está ancorada numa elaborada, ainda que assistemática, teoria da composição do romance, que se encontra sobretudo nos ensaios que ele escreveu no começo da década de 1880: “The Morality of the Profession of Letters” (1881), “A Gossip on Romance” (1882), “A Note on Realism” (1883), “A Humble Remonstrance” (1884) e “On Some Technical Elements in Style” (1885). Esses textos resumem sua visão sobre a ficção, cujo cerne é o apelo à imaginação.⁴⁷ Para ele, a experiência da leitura deve ser prazerosa e absorvente, e ele localiza na infância o momento em que esta prática tem maior intensidade – não é à toa que ele dedicou tantos livros às crianças. São sobretudo as imagens e os incidentes que têm o poder de arrebatá-lo o leitor, e é por isso que o aspecto plástico da literatura e a narrativa de aventuras são os sustentáculos de sua prosa. Logo no início de seu ensaio “A Gossip on Romance” ele apresenta estes que são os alicerces de sua literatura:

In anything fit to be called by the name of reading, the process itself should be absorbing and voluptuous; we should gloat over a book, be rapt clean out of ourselves, and rise from the perusal, our mind filled with the busiest, kaleidoscopic dance of images, incapable of sleep or of continuous thought. The words, if the book be eloquent, should run thenceforward in our ears like the noise of breakers, and the story, if it be a story, repeat itself in a thousand coloured pictures to the eye. It was for this last pleasure that we read so closely, and loved our books so dearly, in the bright, troubled period of boyhood. Eloquence and thought, character and conversation, were but obstacles to brush aside as we dug blithely after a certain sort of incident, like a pig for truffles.⁴⁸

É “certa qualidade do incidente bruto” que faz com que o leitor abandone a sua reserva para participar ativamente da história, pois

⁴⁶ apud BALDERSTON, 1982, p. 44.

⁴⁷ Para Le Bris, o início dos anos 1880 marca uma mudança na trajetória de Stevenson. O escritor original, armado de uma teoria literária nova e potente que volta de uma viagem penosa aos Estados Unidos, não é o mesmo boêmio dos anos 1870 (LE BRIS, 1994, p.23).

⁴⁸ STEVENSON, Robert Louis. “A Gossip on Romance”. Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

something happens as we desire to have it happen to ourselves; some situation, that we have long dallied with in fancy, is realised in the story with enticing and appropriate details. Then we forget the characters; then we push the hero aside; then we plunge into the tale in our own person and bathe in fresh experience; and then, and then only, do we say we have been reading a romance.⁴⁹

Os personagens, as ideias, as conversas, tudo, para Stevenson, era subordinado aos incidentes; são eles, afinal, que põem em forma o fluxo de uma consciência ou uma ideia, que fazem com que o leitor suspenda a descrença e se “banhe na experiência fresca”. A aventura para ele não é apenas matéria do romance, mas sua forma. Por isso que Stevenson barganhava com James incidentes narrados em tom mais enfático. Sua principal crítica aos realistas era que, em suas obras, havia certo desprezo pelas aventuras e pelos incidentes:

English people of the present day are apt, I know not why, to look somewhat down on incident, and reserve their admiration for the clink of teaspoons and the accents of the curate. It is thought clever to write a novel with no story at all, or at least with a very dull one.⁵⁰

Era a preferência pelo tinir das colherinhas de chá e pelas conversações em detrimento das aventuras o que fazia do romance de costumes, em voga à época, algo sem interesse para ele, como ele também afirma em uma carta, quando já havia se estabelecido definitivamente em Samoa, a James:

[53] E amigos inquietos me suplicam para que eu fique em casa e estude a natureza humana nos salões de Brompton! *Farceurs!* E, de qualquer forma, você sabe que não tenho talento para isso. Nada me induziria a ter o mais remoto interesse por Brompton *qua* Brompton ou por um salão *qua* um salão. Sou um Escritor Épico com k, mas sem o gênio necessário.

O projeto naturalista tampouco lhe entusiasmava. Quando James lhe enviou um exemplar de *La Bête Humaine*, de Zola, ele respondeu:

---

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ STEVENSON, Robert Louis. “A Gossip on Romance”. Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

[44] *La Bête Humaine* eu já tinha lido em Noumea, enquanto interrogava os descendentes do bando de condenados. Ele, sim, é uma Besta; mas não humana, e, para ser sincero, não muito interessante. “Doenças nervosas: a ala dos homicidas” seria o título mais apropriado. Ah, esse jogo começa a ficar cansativo.

O que mais incomodava Stevenson na estética realista era o uso excessivo do detalhe. Ele concordava que a admissão do detalhe na literatura expressou, durante algum tempo, uma contemplação mais ampla das condições da vida do homem. Os escritores realistas do século XIX estavam, afinal, tentando dar conta do momento histórico, com todas as revoluções sociais e políticas da época, o surgimento da cidade moderna e a variedade que naturalmente decorre dessas aglomerações, as relações tensas entre classes sociais e grupos diversos, a importância do dinheiro e dos objetos descartáveis e sempre renováveis que surgem com o modo de produção capitalista e industrial. Portanto, nada melhor para revelar um personagem do que seus acessórios, móveis, instrumentos, roupas etc. Segundo Jakobson, a prosa realista se define sobretudo pelo uso da metonímia. A noção do todo, portanto, é conseguida a partir da soma das partes – os detalhes, as particularidades, as coisas (BROOKS, 2005, p. 12-17). Mas Stevenson achava que o escritor que abusava dessa técnica corria o risco de sacrificar

[...] the beauty and significance of the whole to local dexterity, or, in the insane pursuit of completion, to immolate his readers under facts; but he comes in the last resort, and as his energy declines, to discard all design, abjure all choice, and, with scientific thoroughness, steadily to communicate matter which is not worth learning.⁵¹

De um lado, há o risco do mero virtuosismo improfícuo, do qual, aliás, ele mesmo já havia sido acusado de ser adepto; de outro, o escritor que quisesse colocar tudo na obra corria o risco de comprometer a forma. Como já vimos, a arte, para Stevenson, depende da seleção, da simplificação.

From all its chapters, from all its pages, from all its sentences, the well-written novel echoes and re-echoes its one creative and controlling thought; to this must every incident and character contribute; the style must have been pitched in unison with this; and if there is

---

⁵¹ STEVENSON, Robert Louis. “A Note on Realism”. Disponível em: http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/. Acesso em: 20. Nov. 2012.

anywhere a word that looks another way, the book would be stronger, clearer, and (I had almost said) fuller without it.⁵²

Para Stevenson, era preciso tomar o maior cuidado para não acabar caindo no erro dos naturalistas franceses, “and consider any fact as welcome to admission if it be the ground of brilliant handiwork” ou então no do pintor de paisagens moderno,

[...] who is apt to think that difficulty overcome and science well displayed can take the place of what is, after all, the one excuse and breath of art-charm. A little further, and he will regard charm in the light of an unworthy sacrifice to prettiness, and the omission of a tedious passage as an infidelity to art.⁵³

A ficção, afinal, era para ele sobretudo uma experiência prazerosa. Em uma carta a James, que ele por sinal assina como um “*romancer* confuso e ambicioso”, ele formula seu desgosto e parodia o estilo naturalista:

[58] Como superar, como escapar da *particularidade* embrutecedora da ficção? “Roland chegou à casa; tinha portas verdes e venezianas nas janelas; alguém raspava o chão no andar de cima”. Ao diabo com Roland e o raspador!

Para Barthes (1972), na estética realista, ainda que a descrição pudesse contribuir para reforçar características dos personagens, havia um grande número de detalhes “inúteis”, que estavam ali, como o barômetro em cima do piano da sala de Madame Aubain no conto “Un Coeur Simple”, de Flaubert, sem qualquer função conotativa, apenas como evidência do real. O barômetro, assim como o raspador, não agregaria significados à narrativa; estaria ali para criar o “efeito de real.” Stevenson provavelmente concordaria com a ilusão referencial de Barthes – para ele, o realismo não tinha a ver com a busca da verdade, mas sim com a escolha de uma técnica literária, como ele afirmou em seu ensaio “A Note on Realism”: “It is no

---

⁵² STEVENSON, 1884, p. 92.

⁵³ STEVENSON, Robert Louis. “A Note on Realism”. Disponível em: http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/. Acesso em: 20. Nov. 2012.

especial cultus of nature and veracity, but a mere whim of veering fashion, that has made us turn our back upon the larger, more various, and more romantic art of yore”.⁵⁴

Stevenson não tinha uso para o detalhe “inútil”, pois achava que ele entupia a literatura e não deixava espaço para a imaginação do leitor. Na opinião de Chesterton, a economia de detalhes de Stevenson imprimia à narrativa uma simplificação excessiva, que renunciava à “complexidade confortável da vida real”, típica dos romances vitorianos. Com sua abundância de detalhes e o recurso às repetições, eles faziam com que o leitor se sentisse em casa. Para Chesterton, haveria certa hospitalidade em Trollope, Dickens e Thackeray que é estranha ao ambiente de Stevenson. Os personagens e os ambientes de Stevenson são simplificados e de tal forma sintetizados, que sobra muito pouco deles a que possamos nos agarrar. Sua técnica faz com que tenhamos a impressão de ver as coisas “como que num lampejo” (CHESTERTON, p. 60-61).

Havia, no entanto, certa classe de detalhes da qual Stevenson lançou mão em toda sua obra: detalhes anômalos, surpreendentes e misteriosos, que abrem perspectivas de relatos secundários, sem que para isso seja necessário desenvolver qualquer trama secundária, o que enfraqueceria a narrativa. Vejamos um exemplo tomado de *Treasure Island*, quando Jim Hawkins e sua mãe abrem o baú de Billy Bones, que, por fora, se assemelha a um baú qualquer de marinheiro:

A strong smell of tobacco and tar rose from the interior, but nothing was to be seen on the top except a suit of very good clothes, carefully brushed and folded. They had never been worn, my mother said. Under that, the miscellany began—a quadrant, a tin canikin, several sticks of tobacco, two brace of very handsome pistols, a piece of bar silver, an old Spanish watch and some other trinkets of little value and mostly of foreign make, a pair of compasses mounted with brass, and five or six curious West Indian shells. I have often wondered since why he should have carried about these shells with him in his wandering, guilty, and hunted life.

In the meantime, we had found nothing of any value but the silver and the trinkets, and neither of these were in our way. Underneath there was an old boat-cloak, whitened with sea-salt on many a harbour-bar. My mother pulled it up with impatience, and there lay before us, the last things in the chest, a bundle tied up in oilcloth, and looking like papers, and a canvas bag that gave forth, at a touch, the jingle of gold.⁵⁵

---

⁵⁴ STEVENSON, Robert Louis. “A Note on Realism”. Disponível em: http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

⁵⁵ STEVENSON, 1993, p. 36.

Por dentro, os objetos que estão ali, assim pareados, revelam um universo prenhe de possibilidades. Billy e sua mãe (e nós leitores também) são levados a especular e a inventar uma história para justificar sua presença na trama, o que dá uma ilusão de riqueza ou de profundidade ao relato. Stevenson também recorria com frequência a detalhes que uniam partes da história para fixá-las numa imagem que se mantém viva na memória, como ele define em “A Gossip on Romance”:

The threads of a story come from time to time together and make a picture in the web; the characters fall from time to time into some attitude to each other or to nature, which stamps the story home like an illustration. Crusoe recoiling from the footprint, Achilles shouting over against the Trojans, Ulysses bending the great bow, Christian running with his fingers in his ears, these are each culminating moments in the legend, and each has been printed on the mind's eye forever. Other things we may forget; we may forget the words, although they are beautiful; we may forget the author's comment, although perhaps it was ingenious and true; but these epoch-making scenes, which put the last mark of truth upon a story and fill up, at one blow, our capacity for sympathetic pleasure, we so adopt into the very bosom of our mind that neither time nor tide can efface or weaken the impression. This, then, is the plastic part of literature: to embody character, thought, or emotion in some act or attitude that shall be remarkably striking to the mind's eye.⁵⁶

James (1888) notou como as imagens compostas desta forma abrem caminho para as circunstâncias que estão por vir e põem o leitor no clima da história. Tal operação, a um só tempo simples e poderosa, é repetida muitas vezes na obra de Stevenson. A entrada do marinheiro moreno com uma cicatriz de sabre no Admiral Benbow logo na abertura de *Treasure Island* é o exemplo perfeito:

SQUIRE TRELAWNEY, Dr. Livesey, and the rest of these gentlemen having asked me to write down the whole particulars about Treasure Island, from the beginning to the end, keeping nothing back but the bearings of the island, and that only because there is still treasure not yet lifted, I take up my pen in the year of grace 17__ and go back to the time when my father kept the Admiral Benbow inn and the brown old seaman with the sabre cut first took up his lodging under our roof.

I remember him as if it were yesterday, as he came plodding to the inn door, his sea-chest following behind him in a hand-barrow—a tall, strong, heavy, nut-brown man, his tarry pigtail falling over the shoulder of his soiled blue coat, his hands ragged and scarred, with black, broken nails, and the sabre cut across one cheek, a dirty, livid white. I remember him looking round the cover and whistling to himself as he did so, and then breaking out in that

---

⁵⁶ STEVENSON, Robert Louis. “A Gossip on Romance”. Disponível em: http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/. Acesso em: 20. Nov. 2012

old sea-song that he sang so often afterwards: Fifteen men on the dead man's chest — Yo-ho-ho, and a bottle of rum!⁵⁷

Nessa passagem, uma série de detalhes visuais fortes estão encadeados de forma rápida. Sua intenção não é proporcionar um quadro exaustivo dos atributos físicos dos personagens, mas apenas sugerir algumas características a partir de traços visuais. Não precisamos de muito mais que uma cicatriz, unhas negras e quebradas e um baú nas costas para saber o que esperar de John Silver, mesmo sem ter acesso aos seus pensamentos. Imagens marcantes como a cicatriz fazem o leitor especular sobre seu passado. E apesar do movimento de algumas passagens, o quadro apresentado tem a imobilidade de uma ilustração.⁵⁸ Essa técnica, que é a essência da narrativa de Stevenson, Borges descreveu como sendo “a invenção (e enérgica fixação) de memoráveis traços visuais”.⁵⁹

No julgamento de Alfredo Reyes,⁶⁰ as imagens que Stevenson cria interrompem o fluxo narrativo, fazendo com que flua com mais rapidez, porque elimina as descrições características de boa parte da ficção do século XIX. Para ele, a primazia de elementos pictóricos assim dispostos – os fios de uma história unidos em uma imagem, imagens que se ligam umas às outras numa trama visual – faz da literatura de Stevenson uma arte cinematográfica antes mesmo que o cinema tivesse sido inventado, opinião compartilhada por Brecht.⁶¹ Quando Stevenson descreve para James sua viagem a bordo do navio Curaçoa, os diferentes quadros que ele ilumina, num ritmo que lembra o da montagem cinematográfica, deixa a sensação de que estamos vendo um filme:

[62] O repasto dos oficiais foi no convés, iluminado por tochas, todo mundo, evidentemente, em uniforme, menos eu e o primeiro tenente (que é um corpo reumático), que estava embalado em uma capa. Pouco a pouco o sol poente foi se apagando, a ilha desapareceu sob nossos olhos, embora tenha ficado presente para o ouvido de forma ameaçadora, com a voz da rebentação, e então o capitão acendeu o farol e nos mostrou a costa, a praia, as árvores, as

---

⁵⁷ STEVENSON, 1993, p. 15.

⁵⁸ BALDERSTON, 1982, p.47.

⁵⁹ apud BALDERSTON, 1982, p. 42.

⁶⁰ apud BALDERSTON, 1982, p.46.

⁶¹ Cf. BRECHT, Bertold. “L’oeil cinématographique de Stevenson”. In: LE BRIS, Michel (org.). *Robert Louis Stevenson*. Paris: Éditions de L’Herne, 1995.

casas dos nativos e as falésias com lampejos de luz do dia, uma espécie de relâmpago deliberado.

IV

A relação de James com a tradição realista era ambígua e complexa, e se transformou ao longo do tempo. O período em que se dá esta correspondência coincide com suas experiências naturalistas. Em uma carta de 1888, James relata para Stevenson sua intenção com a literatura:

[38] Quero deixar uma multidão de imagens do meu tempo, projetando meu pequeno foco circular sobre o maior número possível de pontos, primando tanto pelo número como pela qualidade, de tal forma que o número chegue a um conjunto que tenha valor como observação e testemunho.

Nada poderia se assemelhar mais ao projeto de um escritor como Zola. Mas James achava que, se o esforço do francês era extraordinário, estava viciado por um espírito pessimista.⁶² Nas cartas aqui reunidas, ele deixa transparecer um certo enfado com a cartilha de Zola. No final da década de 1880, James confessou a Stevenson que não havia lido *La Bête Humaine*, que ainda assim despachara a Samoa. Tinham lhe dito que “Zola relata seu objeto de forma maçante e imperfeita. Leria qualquer coisa nova dele – mas isso é velho, velho, velho”.⁶³ Em outra carta [60], já no início de 1890, quando comenta um almoço que teve com Zola, afirma que “Nada, literalmente nada jamais lhe aconteceu a não ser escrever os *Rougon-Macquart*. O que torna essa série, admito, ainda mais curiosa”. James desenvolveria esta ideia num ensaio sobre ele publicado em 1903, no qual Zola ganha ares de John Marcher, o protagonista da novela *The Beast in the Jungle*, que ele escreveu mais ou menos na mesma época. Nada aconteceu a Zola não ser escrever os *Rougon-Macquart* e o *J'accuse*, sua famosa carta aberta em defesa de Dreyfus, que James achava das coisas mais corajosas já feitas.

---

⁶² Opinião compartilhada por Stevenson. Cf. “A Note on Realism”.

⁶³ Carta [43].

James reconhecia o talento de Zola para representar o homem comum, a multidão, o povo, mas não via nenhuma nuance de psicologia individual em suas obras, e isso, para ele, era o principal num romance. No fim, o método de Zola lhe parecia um atalho, “the most extraordinary *imitation* of observation that we possess”.

Ainda assim, o naturalismo chegou a influenciá-lo em obras como *The Bostonians* e *The Princess Casamassima*, escritas entre 1885 e 1886. A primeira é uma minuciosa documentação da sociedade americana no final do século XIX, que aborda as questões daquele momento: a situação das mulheres e a reforma social. Segundo Leon Edel, o estilo fluido de suas primeiras obras, que abordavam a questão internacional, dá lugar aqui a uma detalhada descrição, à moda de Balzac, que resvala frequentemente na prolixidade (talvez porque James conhecesse Boston bem demais). Ele estava tão tomado por sua matéria-prima que acabou perdendo o controle sobre ela. Se aplicarmos os conceitos de Stevenson aqui, ele deixou que a monstruosidade e o caos da vida ganhassem da simplificação ordenadora da arte. James se deu conta disso, pois não incluiu esse romance na edição nova-iorquina de sua obra, com o argumento de que era “too diffuse and insistent – far too describing and explaining and expatiating”.⁶⁴ De acordo com Spilka, o “ar de realidade” em *The Bostonians* estava mais pra um “nevoeiro”.⁶⁵

The Princess Cassamassima é uma tentativa assumida de emular Zola. O romance aborda a penúria da classe operária numa época em que o marxismo britânico estava tomando forma e o Partido Trabalhista e a Fabian Society estavam sendo fundados. James acompanhou o impulso revolucionário nascente e se interessou profundamente pelos acontecimentos e pelas tensões em Londres, assim como queria entender as relações de poder que animavam os grupos revolucionários. Ele queria dar seu testemunho da época, e para isso foi a campo tomar notas. Para escrever a sequência da prisão nos primeiros capítulos de *Princess*, ele fez uma visita a Millbank Prison. Quando saiu de lá, escreveu a T.S. Perry: “I have been all the morning at Millbank Prison (horrible space) collecting notes for a fiction scene. You see, I am quiet the Naturalist. Look out for the same – a year hence ”.⁶⁶

---

⁶⁴ EDEL, 1996, p. 311-312.

⁶⁵ SPILKA, 1973, p. 118.

⁶⁶ EDEL, 1996, p. 315.

No entanto, James o fez à sua maneira. Seu protagonista é um jovem que trabalha como encadernador de livros, mas que ambiciona ser escritor. Filho bastardo de um aristocrata inglês com uma costureira francesa, Hyacinth Robinson encarna um pouco dos dois mundos retratados no livro, e também a dinâmica de poder que o rege – sua mãe, que fora seduzida e vilipendiada por seu pai, mata este por vingança. Criado num lar pobre do subúrbio londrino, Hyacinth se alia à causa revolucionária, e acaba sendo adotado pela princesa Christina, que se envolve com a luta mais por tédio que por convicção. E assim o mundo da aristocracia se descortina para ele, de modo que o enredo se passa entre o subterrâneo de Londres e os salões. James dotou seu personagem de uma extrema sensibilidade, e é por meio dele que o leitor acompanha a história. Podemos dizer que o principal tema do romance é o efeito que as tensões de classe e as ações revolucionárias têm na mente sensível do jovem encadernador, em quem James colocou muito de si. Quando chega a hora de Hyacinth agir – a cúpula do movimento lhe designa a tarefa de assassinar um duque –, é incapaz. Ele se dá conta de que o mundo que os revolucionários querem destruir, ele quer preservar. A única solução que encontra é usar a arma destinada para o assassinato contra si mesmo, e o livro acaba com o suicídio de Hyacinth, em um estilo que revela também a dívida que James tem com o melodrama.

Em *Princess* James realizou o que não logrou em *The Bostonians*: produziu um documento social, fruto de uma observação atenta, mas com total controle de seu material. Ainda que o livro trate de um tema caro aos naturalistas e pareça, portanto, sua obra menos típica, é trabalhado numa chave inconfundivelmente jamesiana. O romance não foi bem recebido na Inglaterra, pois abordava de forma muito direta as agitações que ameaçavam a manutenção da Londres vitoriana. Afinal, os ingleses de então buscavam na literatura conforto e diversão; queriam escapar das ansiedades da vida cotidiana, e não ter de lidar com elas. Nos Estados Unidos, o livro foi um pouco mais bem-aceito, mas desapontou os leitores que esperavam mais das aventuras sentimentais de heroínas americanas na Europa, motivo característico de sua obra até então. Stevenson acompanhou a serialização de *Princess* nas páginas da *Atlantic Monthly*, e enxergou ali um novo rumo:

[7] Não tenho como adivinhar, mas estes dois primeiros números me parecem sólidos, bem pintados e torneados, realmente um novo rumo. Quanto à sua jovem dama, ela está toda lá; sim, senhor, parece mesmo que você pode retratar a arraia-miúda. A prisão estava excelente; era esse tipo de toque que às vezes me fazia uma falta de doer em seus trabalhos anteriores: alguma sujeira, quero dizer, e aquele tanto de esqueleto que há na natureza. Por favor, tome

sujeira no bom sentido; ela não precisa ser ignóbil; o que é sujo pode ter sua dignidade; na natureza, ele geralmente tem; e sua prisão está um espanto.

É curioso que Stevenson, com toda sua militância antinaturalista, tenha elogiado esse romance com tanta ênfase; ele era, aliás, era um de seus preferidos de James. A obra de James, no entanto, nunca mais teria esse “tanto de esqueleto que há na natureza”, pois suas experiências naturalistas deram lugar à exploração de um realismo cada vez mais subjetivo e indireto. Mas ele admitiu deliberadamente “alguma sujeira” em sua obra, exigência do romance comprometido com o retrato da realidade, como ele assume em “The Art of Fiction.” Ainda em 1884, em uma carta a Howells, ele declara que Daudet, Goncourt e Zola faziam

[...] the only kind of work, today, that I respect; and in spite of their ferocious pessimism and their handling of unclean things, they are at least serious and honest. The floods of tepid soap and water which under the name of novels are being vomited forth in England, seem to me, by contrast, to do little honour to our race.⁶⁷

Os franceses trabalhavam com mais sujeira que James gostaria, e isso passava sobretudo pela questão sexual. Mas tinham, ao menos, o respeito pela liberdade que o tema de um romance exige, e isso era “*the great sign of the painter of the first order.*” Enquanto na França do século XIX os romances tratavam de adultério, prostituição, homossexualismo e muitas variedades de obsessões sexuais, na tradição inglesa mal se podia aludir a “*great relation between men and women*”, como James simbolicamente define as questões sexuais, já que ele mesmo se referia a ela de forma indireta e oblíqua. De modo que James conscientemente deixou que o *unclean* se insinuasse mais e mais em sua obra. No final da década de 1890, ele começou a explorar a consciência sexual precoce em obras como *The Turn of the Screw*, *What Maisie Knew* e *The Akward Age*. No romance *The Ambassadors*, escrito já no século XX, o protagonista Strether não consegue enxergar o sexo onde ele obviamente está, mas acaba admitindo, no final, que o sentido artístico e sexual andam muito próximos. Em *The Wings of the Dove* e *The Golden Bowl*, obras de sua fase final, as cenas de sexo são centrais para a trama, e, ainda que elas jamais sejam descritas, elas são claramente aludidas.

---

⁶⁷ apud SPILKA, 1973, p. 113.

Em um ensaio de 1899 sobre a situação da literatura na França, ele reclama que os escritores ali são monotemáticos, pois

There *are* others, after all, than those of the eternal triangle of the husband, the wife and the lover, or of that variation of this to which we are too much condemned as an only alternative – the mistress, the first and the second, or the second and the third, the third and the fourth, lovers.⁶⁸

Para ele, na literatura inglesa, a paixão podia até ter suas asas cortadas, mas assumia outras formas e podia adquirir uma imensa variedade de vida que não a sexual. Aqui ele já não estava mais querendo evitar o sexo, mas pedindo que ele fosse tratado de formas mais complexas, que é o que acontecia em sua obra. Em *The Beast in the Jungle*, por exemplo, o sexo está no centro de tudo o que acontece – e não acontece – sem ser mencionado sequer uma vez. É por isso que, quando Thomas Hardy decide trazer a questão à baila no mundo inglês, o veredito de James é implacável:

[54] Sou submisso e envergonhado lá onde o estardalhaço público é ensurdecedor – assim baixe a cabeça e deixar passar *Tess of the D.'s*. Mas, ah, sim, caro Louis, ela é vil. A pretensão à “sexualidade” só faz par com a ausência dela, e a abominação da linguagem com a reputação de estilista do autor. Há, decerto, alguns aromas, visões e sons agradáveis. Mas você tem melhores na Polinésia.

Se o importante para James era captar o ar de realidade, a realidade não é nunca definida de forma objetiva, podendo assumir uma miríade de formas. Ele deixa isso claro em “The Art of Fiction”:

The characters, the situation, which strike one as real will be those that touch and interest one most, but the measure of reality is very difficult to fix. The reality of Don Quixote or of Mr. Micawber is a very delicate shade; it is a reality so coloured by the author's vision that, vivid as it may be, one would hesitate to propose it as a model; one would expose one's self to some very embarrassing questions on the part of a pupil. It goes without saying that you will not write a good novel unless you possess the sense of reality; but it will be difficult to give you a

---

⁶⁸ apud BROOKS, 2007, p. 186.

recipe for calling that sense into being. Humanity is immense and reality has a myriad forms; the most one can affirm is that some of the flowers of fiction have the odour of it, and others have not.⁶⁹

Mas James disse repetidas vezes que seu modelo era Balzac. O escritor se tornou uma espécie de pedra de toque para medir o senso de realidade num romance. Isso se deve sobretudo a um interesse pelo que está além da superfície, que os olhos não podem captar. O caminho privilegiado para atingir a verdade, na medida em que a verdade depende da apreensão individual, é a consciência do personagem. O escritor, portanto, deve sempre ir “beneath and behind.” Segundo James, Balzac “truly cares for nothing in the world, thank goodness, so much as for the free play of character and the sharp revelation of type, all the real stuff of drama and the natural food of novelists”.⁷⁰ Na opinião de James, a busca pela interioridade e a exploração da complexidade moral são os principais pontos num romance, e isso só se consegue se o escritor der a seus personagens “a long rope, for acting themselves out”,⁷¹ como fazia Balzac.

Se as obras iniciais de James tinham mais atenção à aparência do mundo, com o passar do tempo ele se volta mais e mais para o interior da consciência do personagem. No prefácio a *Portrait of a Lady*, James localiza pouco após a metade do livro – momento em que Isabel Archer reflete sobre sua condição – o clímax do romance. Quase nada acontece no enredo, se o considerarmos tradicionalmente. Isabel vê Osmond e madame Merle muito à vontade um com outro, e isso dispara nela uma reflexão que é descrita por James como uma aventura: “It’s a representation simply of her motionless *seeing*, and an attempt withal to make the mere still lucidity of her act as ‘interesting’ as the surprise of a caravan or the identification of a pirate”.⁷²

Isso denota sua preferência pelas aventuras psicológicas e aponta o rumo que sua obra cada vez mais tomaria, de modo que escritores como Virginia Woolf fariam dele um precursor. Em seu ensaio “Mr. Bennett and Mrs. Brown”, de 1924, ela ataca a técnica de Arnold Bennett e os *Edwardians*, a geração de escritores realistas que denomina seus “elders

---

⁶⁹ JAMES, 1884, p. 65.

⁷⁰ apud BROOKS, 2007, p. 164.

⁷¹ Idem.

⁷² JAMES, 2003, p. 54.

and betters”, pois não era por meio do acúmulo de detalhes sobre o mundo externo que se chegaria à verdade sobre o personagem: “[Mr. Bennett] quer fazer com que imaginemos por ele; quer convencer-nos de que, porque ele fez uma casa, há de ter uma pessoa morando lá”. Virginia Woolf defenestra a técnica descritiva dos *Edwardians* com uma paródia que faz lembrar o rompante de Stevenson, quando manda os naturalistas ao diabo:

I asked them – they are my elders and betters – How shall I begin to describe this woman’s character? And they said, ‘Begin by saying that her father kept a shop in Harrogate. Ascertain the rent. Ascertain the wages of the shop assistants in the year 1878. Discover what her mother died of. Describe cancer. Describe calico. Describe –’ But I cried, ‘Stop! Stop!’ And I regret to say that I threw that ugly, that clumsy, that incongruous tool out of the window.⁷³

A descrição é atacada por motivos diversos. Stevenson está voltado para formas arcaizantes e artificiais; Woolf está dando voz a uma geração de escritores que viria a transformar radicalmente a literatura. “On or about 1910 human character changed”, ela proclamou. Os personagens deveriam ser investigados em sua subjetividade, a partir do mundo interior. Assim, o mundo exterior se dissolve na química da consciência, sem que as coisas, centrais para a escola realista do século XIX, desapareçam completamente. A questão é adotar a perspectiva de uma (ou mais de uma) consciência enquanto ela interage com as coisas do mundo (BROOKS, 2005, p. 210). Essa visão do personagem, que está na base do realismo modernista, Woolf herdou de James.

O comentário sobre a vigília de Isabel também mostra, como notou Peter Brooks, que, se James faz troça dos termos das histórias de aventuras, eles constituem, num certo sentido, seus termos de referência para medir o grau de interesse numa história. James se proclamava herdeiro de Balzac e instava os escritores a emulá-lo para recuperar a herança perdida do romance. Para ter uma ideia do que o comentário de James significa, basta lembrar que o francês fez seu aprendizado com o romance *noir*, bebeu do romance gótico, do melodrama e das histórias de aventura, modos de narrar que apostam que a realidade pode ser excitante e se igualar às demandas da imaginação.

Se a visão clássica sobre James quer crer que os atos dos personagens estão imbuídos de significados do mundo do decoro e dos costumes, Peter Brooks sugere que isto é apenas o

---

⁷³ WOOLF, p. 753.

ponto inicial de uma imensa rede de conotações, e que por trás da aparência realista há certos elementos que impedem que o restrinjamos a essa estética. A chave para entender a estética jamesiana é o melodrama. Na origem, o melodrama era um drama emocional e ético baseado na luta maniqueísta entre bem e mal – deve-se localizar o mal e confrontá-lo, expulsá-lo da ordem social. No universo melodramático, o homem se vê no centro deste conflito que, no entanto, o ultrapassa. As atuações do melodrama buscam expressar as forças e os imperativos ocultos, trazê-los à cena e impor sua evidência (BROOKS, 1995, p. 13).

Construída sobretudo por metáforas, as coisas na obra de James não são apenas elas mesmas, e os atos não são apenas indicadores de relações investidas de significados sociais – são veículos de metáforas que sugerem a existência de uma realidade de outra ordem, um drama hiperbólico e elevado, no qual estão em jogo conceitos polares de escuridão e luz, danação e salvação. Seus personagens se encontram no ponto de interseção de forças éticas primordiais, e ele confere a suas representações uma carga de significado que remete ao confronto dessas forças.

É consensual que James tenha lançado mão do melodrama em seus primeiros romances. A trama de vingança e traição de *The American*⁷⁴ ou o suicídio de Hyacinth Robinson em *The Princess Casamassima* são provas disso. No entanto, críticos como Jacques Barzun e Leo B. Levy propuseram que as ficções tardias também fossem vistas sob essa perspectiva, pois retratam o horror dos personagens face ao mal, e encenam o conflito da virtude aviltada com a depravação. O recurso ao melodrama, para eles, dá às questões morais de James um sentido de perigo e de crise. Brooks vai além e sugere que com o passar dos anos sua veia melodramática só se reafirma; mas, a partir de *The Portrait of a Lady*, o melodrama é internalizado e vivido no plano da consciência. Ainda que os atos de Isabel sejam “motionless”, “still”, eles devem ter o mesmo apelo que têm caravanas e piratas, de modo que a nota da aventura não está ausente de sua narrativa, mas apenas internalizada, ressonando na consciência da protagonista.

Os experimentos com o teatro e a radicalização do ponto de vista só intensificariam o caráter melodramático de sua obra. Inclusive, quando estava adaptando seu romance *The American* para os palcos, é justamente na tradição do melodrama francês que ele vai buscar inspiração, como mostra a invocação dos mestres que ele gostaria que lhe ajudassem na

---

⁷⁴ Mas desde o início fica claro que James tem uma interpretação bem particular do melodramático. O protagonista, tendo a chance de se vingar e reparar o mal, opta por não fazê-lo. Isso de alguma forma intensifica as oposições e dá à decisão uma carga dramática inesperada.

adaptação de seu romance *The American* para o palco: “À moi, Scribe; à moi Sardou, à moi, Dennery”.⁷⁵

Analisando os Comédiens-Français, James chegou a uma solução que parece traduzir perfeitamente o tipo de prosa que ele almejava, uma que “solve triumphantly the problem of being at once realistic to the eye and romantic to the imagination”.⁷⁶

V

A correspondência entre James e Stevenson também joga luz sobre a experiência de James no teatro, que iria deixar marcas em sua obra tardia. Foi para Stevenson, mais do que para qualquer outro correspondente, que James comentou sobre sua experiência e dividiu suas apreensões. Em uma carta de 12 de janeiro de 1891, ele conta como esteve “religiosamente presente à *première* memorável” de *Beau Austin*, uma das peças que Stevenson escreveu em colaboração com William Henley. Então ele confessa que também está tentando a sorte no teatro:

[46] Não me despreze demais se eu confessar que *anch'io sono pittore. Je fais aussi du théâtre, moi*; e o faço, para começar, por razões numerosas demais para importuná-lo, mas todas excelentes e práticas. Uma noite dessas, em Southport, Lancashire, a adaptação de um dos meus primeiros romances – *The American* – foi um sucesso *dont je rougis encore*. A coisa só será representada em Londres daqui a alguns meses – e fará a tournée das Ilhas Britânicas primeiro.

A estreia de *The American* foi no dia 3 de janeiro de 1891, em Southport, próximo a Liverpool. A peça foi aplaudida, James foi levado ao palco. Era a primeira vez que ele experimentava o sucesso popular. As razões “excelentes e práticas” lhe envergonhavam um pouco:

---

⁷⁵ Citação tirada dos *Notebooks* de James apud BROOKS, 1995, p. 160.

⁷⁶ James apud BROOKS, 1995, p. 161.

[46] Não seja duro comigo – a necessidade simplificadora e punitiva pousou sua mão brutal sobre mim e eu tive que tentar ganhar de um jeito ou de outro o dinheiro que não ganho com a literatura. Meus livros não vendem, e parece que minhas peças podem vender. Portanto vou, descaradamente, escrever uma meia dúzia. Já escrevi, na verdade, outras duas além desta que acabou de ser encenada; e o sucesso pronunciado – realmente *pronunciado* – da última vai provavelmente apressar as próximas. Por tudo isso, fico contente que você não esteja aqui. A literatura está fora disso.

Nos últimos cinco anos, James ganhara um dinheiro razoável com a publicação de três romances longos em folhetim. Mas quando as histórias saíam em livro, não vendiam. Ele geralmente mal conseguia cobrir o adiantamento que recebia dos *publishers* com o dinheiro dos direitos autorais. No ano anterior, a Macmillan's havia expressado dúvidas em relação a *Tragic Muse*, e lhe ofereceu apenas 70 libras como adiantamento, ou seja, menos da metade do valor usual, 250 libras, de modo que ele precisou contratar um agente literário para ajudá-lo nas negociações. É por isso que quando o jovem ator e produtor Edward Compton lhe pediu que vertesse *The American* para o teatro, James não hesitou. Ele tinha esperanças de que o teatro pudesse lhe trazer um retorno financeiro que a literatura definitivamente não trazia (EDEL, 1996, p. 364). Mas seu “tributo a mais vulgar das musas” também é motivado por um desejo não revelado de atingir um público maior do que aquele composto pelos leitores de seus romances, de fazer o sucesso que Stevenson, por exemplo, fazia com seus livros. James se dedicou ao teatro com mais afinco do que admitia em suas cartas. Ele escreveu, fez inúmeras revisões, acompanhou ensaios, teve de negociar com os atores, que vez ou outra se recusavam a dizer algumas de suas falas. São várias as menções ao seu trabalho com a dramaturgia nas cartas do início de 1891:

[47] Estou fazendo o que posso para me lançar na direção dramática – e o curioso da coisa é que estou levando isso quase a sério, como se *tivéssemos* a *Scène Anglaise*, o que não temos. E sonho secretamente em suprir essa lacuna infame? *Pas même* – meu zelo neste caso só se equipara à minha indiferença. [...] Deus queira que eu não persista nesta verdade herética por mais de dois ou três anos – tempo o bastante para desenterrar oito ou dez obras-primas consideráveis e ganhar dinheiro suficiente para que eu possa me aposentar em paz e me dedicar tranquilamente a *um pouco* de escrita suprema, tão distinta da extorsão que é a Forma acima mencionada.

The American estreou em Londres no dia 26 de setembro de 1891. James foi aplaudido e recebido no palco sob gritos de “author, author!”. Mas as críticas não foram muito favoráveis. Para seu irmão, um mês depois, ele escreveu “You can form no idea of how

a provincial success is confined to the provinces”.⁷⁷ A peça continuou a turnê pela província, mas foi revisada antes disso, tendo seu final alterado: Valentin de Bellegarde não morria mais após o duelo, como no livro; Claire, em vez de ir para o convento, casava-se com Newmann⁷⁸ (EDEL, 1996, p. 383). Em outubro de 1891, ele deu sua versão dos fatos para Stevenson:

[48] Recentemente, apresentei uma peça aqui – uma dramatização de meu velho romance *The American* (ela foi encenada na última primavera em diversos lugares do interior), em circunstâncias de humilhação pública que a colocam na categoria dos começos heroicos. Os jornais criticaram-na sem piedade, e ela foi – por muitos de seus intérpretes – lamentavelmente mal representada; ela também trai a falta de experiência de seu autor e sofre terrivelmente com a camisa de força que é a falta do elemento cênico no livro. Mas se não tivesse sido solicitado a fazer esta peça, jamais teria começado; e se não tivesse começado, não teria o firme propósito de mostrar, daqui em diante, que flor de perfeição creio que possa colher nos gastos arbustos – ah, rala vegetação! – da forma dramática. A peça está em sua quinta semana – e vai provavelmente atravessar umas boas outras; mas houve um tempo (no início, Deus sabe!), que fiquei contente por você não estar na Inglaterra.

Depois desta carta, James não mencionou mais o teatro nesta correspondência. Stevenson só se manifestou uma vez, numa carta do dia 7 de dezembro: [49] “Fiquei encantado também em ouvir sobre o sucesso de sua peça, como você bem sabe, sou um maldito fracasso, e poderia ter jantado no clube que Daudet e seus companheiros frequentavam”. Stevenson se referia ao “dîner des sifflés”, frequentado na década de 1870 por Daudet, Flaubert, Edmond de Goncourt, Turgueniev e Zola, cujas experiências no teatro fracassaram. Apesar de ter escrito algumas peças, Stevenson nunca fora tão suscetível ao glamour dos palcos quanto Henry James e também nunca se levou a sério como dramaturgo. Certa vez, declarou que *Admiral Guinea* não passava de “low, black, dirty, blackguard, ragged piece: vomitable in many parts – simply vomitable” (HARMAN, 2005, p. 270). Ele não via uma peça desde que voltara dos Estados Unidos, em 1880, e nunca viu encenada uma de suas próprias peças, nem mesmo um ensaio. O próprio James notara em sua carta sobre a estreia da peça como ele desdenhava das precauções cênicas.

---

⁷⁷ apud EDEL, 1996, p. 367.

⁷⁸ Não há como não lembrar das palavras proféticas de James em “The Art of Fiction”: “They would argue, of course, that a novel ought to be ‘good’, but they would interpret this term in a fashion of their own, which, indeed would vary considerably from one critic to another. One would say that being good means representing virtuous and aspiring characters, placed in prominent positions; another would say that it depends for a ‘happy ending’ on a distribution at the last of prizes, pensions, husbands, wives, babies, millions, appended paragraphs and cheerful remarks” (JAMES, 1884, p. 59-60).

A curta carreira de James no teatro ainda foi um pouco adiante. Em 1893, ele propôs a George Alexander, o homem da vez no teatro londrino, um drama sério: *Guy Domville* era a história de um jovem com vocação para o sacerdócio, mas que deveria renunciar porque era o último de sua linhagem, e a família esperava que casasse e tivesse filhos para perpetuar seu nome. Haveria uma história de amor, mas no final o jovem renunciaria ao mundo e iria para o monastério. Ele aceitou, mas logo vieram as intervenções: mais uma vez, os produtores queriam um final feliz, com casamento. Nada poderia ser mais estranho ao universo jamesiano, que protestou: “My subject is my subject to take or to leave”.⁷⁹

Guy Domville estreou em 5 de janeiro de 1895 (Stevenson morrera em dezembro de 1894, durante os ensaios da peça). James apostara tudo nessa peça. Se fracassasse, ele abandonaria o teatro. James não assistiu a estreia – em vez disso, foi ver *An Ideal Husband*, de Oscar Wilde, que começara dois dias antes em Haymarket. Ele deixou aquele teatro tendo testemunhado aplausos entusiasmados. Quando voltou para o teatro onde sua peça estava sendo encenada, as últimas falas de *Guy Domville* estavam sendo ditas. Ele não sabia ainda da série de incidentes que tinham marcado a estreia da peça.⁸⁰ Aplausos e vaias dividiram a plateia, que era muito variada. De um lado, amigos e admiradores da arte sutil de James; de outro, fãs de Alexander, o herói romântico que deixara a desejar, e não lhes entregara o final apropriado. James deixou o teatro desolado. Tinha fracassado.

No dia seguinte, voltou anônimo ao teatro e assistiu a peça, que transcorreu normalmente e foi aplaudida no final. Mas nada comparado às reações que Oscar Wilde despertava em sua plateia. A crítica foi generosa, aí incluindo três jovens estreantes no ofício que viriam a se tornar nomes centrais da literatura no século seguinte: Bernard Shaw, H.G. Wells e Arnold Bennet. Eles viram em *Guy Domville* a história de um sentimento nobre e de maneiras delicadas; uma peça lindamente escrita e delicada demais para ser encenada; uma peça cheia de beleza, e com cenas extraordinárias, que estavam no mesmo nível dos romances de James. James continuava a ser o protótipo do artista, mas sem público. A peça ficou um mês em cartaz, como previsto. Depois disso, James abandonou o teatro (EDEL, 1996, p. 426).

Para Leon Edel, o problema é que James estava escrevendo para o público errado: os ingleses. Eles estavam interessados em comédias como as de Oscar Wilde, que, na opinião de

---

⁷⁹ EDEL, 1996, p. 403.

⁸⁰ Cf. LEON EDEL, 1996, “The Dramatic Years”.

James, não traziam nada além dos clichés habituais do teatro vitoriano, provocavam um riso fácil e não almejavam mais do que o sucesso imediato (EDEL, 1996, p. 409). Estivesse ele na França, onde o teatro era levado mais a sério, talvez as coisas fossem diferentes. Mas o fato é que as peças de James não tinham a mesma força de seus romances. Quando ele publicou *Theatricals* (1984), um volume com quatro de suas comédias que sabia que não seriam encenadas, seu irmão William James lhe escreveu para dizer por que achava que elas não poderiam funcionar: não despertavam a simpatia do espectador e dependiam inteiramente de jogo de palavras, sendo que os personagens não entendiam uns aos outros, de modo que eles estavam sempre a se explicar. James se justificou dizendo que o palco exigia dele “an anxious excess of simplicity” com o qual não estava familiarizado (EDEL, 1996, p. 404). Quando tentava ser menos sutil e refinado, James se tronava banal. Faltava-lhe o apêlo popular que Wilde tinha de sobra.

As experiências com a dramaturgia, no entanto, iriam influenciar significativamente seu modo de compor. Em uma das cartas a Stevenson, ele dissera que:

[47] O que importa é que, tendo começado a trabalhar nessa direção alguns meses atrás – para dar de comer aos meus pequenos – vejo a *forma* se abrir diante de mim como se houvesse um reino a conquistar: um reino, na verdade, de brutos ignorantes, como são os gerentes, e estúpidos canastrões, como são os atores. Mesmo assim, sinto como se tivesse finalmente *encontrado* minha forma – minha verdadeira forma –, aquela para a qual a pálida ficção é uma substituta inútil.

O método cênico é parte da técnica de James desde o início – as convenções teatrais, a representação e mesmo a teatralidade são, segundo Peter Brooks, os pressupostos do romance tal como James o concebia. Mas depois de sua experiência no teatro esse método tornou-se cada vez mais deliberado e consciente. Em suas anotações, encontramos uma entrada de 1896 que diz “I realize – none too soon – that the *scenic* method is my absolute, my imperative, my *only* salvation”.⁸¹

A salvação de James viria justamente do excesso de simplicidade exigido pelas técnicas específicas do teatro. Sua apreciação de Ibsen é reveladora do modo como ele passou

---

⁸¹ James apud BROOKS, 1995, p. 160.

a entender o teatro. No final da década de 1880, ele assistira *Doll's House* e achara o dramaturgo norueguês medíocre. Na década de 1890, ao assistir uma produção de *Hedda Gabler*, ainda que ele continuasse achando-o provinciano, prosaico, burguês, ele se dá conta de que o método de Ibsen era potente. Ele escolhia uma hora crucial na vida de seus personagens e a apresentava ao público; a partir daí revelava pouco a pouco todos os tecidos de relações que envolviam esse grupo. Ele se inspirou em Ibsen quando pensou em como apresentar a história de *Guy Domville* no palco, e, quando estava rascunhando o que viria a se tornar *The Other House*, ele anotou que a história deveria ser um drama burguês à maneira de Ibsen. Mas a influência se faria sentir mesmo nos romances que James compôs daí em diante (EDEL, 1996, p. 404-406).

A partir de *The Spoils of Poynton*, primeiro romance escrito após seus anos de teatro, James começou a pensar a narrativa como se fosse uma peça, com o esqueleto do drama. Os procedimentos cênicos, quando aplicados à narrativa, impunham restrições importantes, sobretudo no que diz respeito à interioridade do personagem. No teatro, o autor não pode ir “além”. De modo que significado só pode ser acessado por meio da superfície, pelo que vemos os personagens fazer, pelo que os ouvimos dizerem. Daí a importância da lição de Ibsen, que conseguia armar a cena de tal modo que as relações entre os personagens podiam ser exploradas com o máximo de intensidade. O método cênico não foi conquistado de vez. Ora ele contava uma história quase que exclusivamente por meio de diálogos, como em *The Awkward Age*, ora ele armava a trama de modo que as passagens narrativas fossem preparação para as cenas, nas quais os conflitos vinham à tona em forma dramática, como é o caso em *The Spoils of Poynton*.

Se, nas obras iniciais, James desenvolvia uma história à moda de Balzac, criando um enorme pano de fundo e descrevendo exaustivamente o ambiente, agora apenas os objetos cênicos relevantes eram descritos. Segundo Leon Edel, “no chair is mentioned if a character is not to sit on it; a mirror is on the wall only because we see the heroine looking in it” (EDEL, 1996, p. 434). James lança mão dos *props* típicos do teatro, mas os investe de uma carga metafórica que abre possibilidades mais amplas de significados e dá o tom da coisa vivida às histórias. Em *The Spoils of Poynton*, um mero biscoito no chão, algumas colheres de chá fora do lugar e algo nas expressões de Fleda Vetch e Owen Gereth, num instante emoldurado, revelam para Mrs. Brigstock, que chega inesperadamente na hora do chá, que havia ali mais do que os olhos podiam alcançar. Em *The Ambassadors*, o figurino de Madame Vionnet sugere a Strether que há algo errado, mas, quando os olhos descansam na sombrinha cor-de-

rosa, dispararam em Strether uma reflexão sobre a natureza da relação dela com Chad que faz com que ele leia retrospectivamente a história dos dois para descobrir que estava enganado. Seu momento de reconhecimento, tão caro a um enredo clássico, é catapultado por um objeto trivial, um detalhe, digamos, que não tem nada de inútil, como na passagem a seguir:

There were things, all the same, it was impossible to blink and which made this measure an odd one—the too evident fact for instance that she hadn't started out for the day dressed and hatted and shod, and even, for that matter, pink parasol'd, as she had been in the boat. From what did the drop in her assurance proceed as the tension increased—from what did this slightly baffled ingenuity spring but from her consciousness of not presenting, as night closed in, with not so much as a shawl to wrap her round, an appearance that matched her story? She admitted that she was cold, but only to blame her imprudence which Chad suffered her to give such account of as she might. Her shawl and Chad's overcoat and her other garments, and his, those they had each worn the day before, were at the place, best known to themselves—a quiet retreat enough, no doubt—at which they had been spending the twenty-four hours, to which they had fully meant to return that evening, from which they had so remarkably swum into Strether's ken, and the tacit repudiation of which had been thus the essence of her comedy.

No prefácio a esta obra, James diz que mesmo este que parece ser o menos cênico de seus romances foi totalmente pensado a partir dos recursos do teatro. Colado que está aos volteios do pensamento de Strether, escolhido para ser a consciência que vai guiar a história, o livro pode ser dividido entre partes que preparam ou superpreparam as cenas, e as cenas que justificam tanta preparação. Ele até importa um recurso típico do teatro, a *ficelle*, por mais disfarçado que esteja nas figuras de Maria Gostrey e Waymarsh, para permitir que o protagonista – e o leitor – tenha acesso aos fatos que de outra forma lhe seriam impossíveis devido à restrição que o método impõe. Como vimos, James sempre se interessou pelo modo como as pessoas percebem, mas depois da incorporação dos procedimentos cênicos à narrativa, ele radicalizou o perspectivismo de suas histórias. Só lhe é permitido adentrar certas consciências, e todo o restante tem de ser conseguido por meio da forma dramática. E assim as cenas vão cada vez mais sendo investidas de uma carga altíssima de significado.

VI

Não é sem algum estranhamento que, a certa altura, lemos a seguinte passagem de uma carta de Henry James a Stevenson, em 1891:

[46] Li com um prazer irrestrito os primeiros capítulos de seu livro de prosa [*The South Seas*, 1890] (gentilmente concedido a mim no pequeno volume vermelho destinado ao sucesso); adorei-os e abençoei-os de verdade. Mas tenho *mesmo assim* uma restrição – senti falta do *visível* – quero dizer, no que diz respeito às pessoas, coisas, objetos, faces, corpos, trajes, feições, modos; senti falta dos elementos preliminares, do toque *pessoal* do pintor. Ou bem você não sentiu – por algum acidente – sua responsabilidade suficientemente engajada neste quesito ou bem, em função de alguma teoria sua, declinou dela. Nenhuma teoria que nos prive de *ver* é boa. Contudo, não tenho dúvida de que vamos esfregar os olhos de satisfação antes que tenhamos terminado a leitura. É claro que as imagens – as abençoadas fotografias de Lloyd – *y sont pour beacoup*; mas eu queria sentir mais a nota do retrato. Sem dúvida, sou guloso – mas quem *não é* quando janta na Maison D’Or?

A restrição de James à falta do visível em *The South Seas* é estranha porque, como vimos, a obra de Stevenson até então estava toda ela estruturada em torno de imagens. Dois anos depois, a reprimenda volta a aparecer a propósito de *Catriona*:

[60] A única coisa que me faz falta no livro é a nota da *visibilidade* – o livro submete minha visão, minha imaginação *visual*, a uma privação quase dolorosa. A imaginação auditiva, por assim dizer, é servida como um fidalgo, e esse alarido parece uma afronta diante da frustração do prazer dos olhos – de modo que me sinto (falo, é claro, apenas do ponto de vista que *minha* impressão anseia por se completar durante a leitura) na presença de vozes no escuro – vozes tão mais distintas e vívidas, tão mais admiráveis e sonoras, como as vozes sempre são – mas também tão mais atormentadoras e confusas – por causa destes olhos vendados.

A resposta de Stevenson traz o esboço de uma teoria sobre a ficção que vai na contramão de tudo o que ele defendia até então. E suas palavras finais, em tom de manifesto, surpreendem pela veemência:

[61] Seu júbilo com *Catriona* me fez bem, e ainda mais a sutileza e veracidade de seu comentário sobre a pobreza do sentido visual naquele livro. É bem verdade, e a não ser que eu faça o maior esforço – e estou, nesse sentido, convencido de sua necessidade – será cada vez mais assim, temo, no futuro. Eu *ouço* as pessoas falando e as *sinto* em ação, e parece-me que isso é que é a ficção. Meus dois objetivos podem ser descritos assim:

Primeiro – Guerra ao adjetivo.

Segundo – Morte ao nervo óptico.

Temos que admitir que vivemos na era do nervo óptico na literatura. Por quantos séculos a literatura viveu sem nem sinal dele?

Stevenson não chegou a desenvolver a ideia ou a publicar ensaios sobre essa sua nova maneira de conceber a ficção – ele morreria um ano depois de ter escrito essa carta. É verdade que a natureza privada do veículo não propicia muita repercussão, mas é digno de nota que um comentário inesperado – para dizer o mínimo – como esse tenha passado ao largo de boa parte das discussões sobre a literatura de Stevenson. Entre os comentadores, há os que procuraram minimizar sua relevância. Borges nunca chegou a admitir que Stevenson mudara de opinião e de prática, e vê sua declaração como uma defesa por ser “demasiado visual”:

Pero, por supuesto, se dijo eso era porque se daba cuenta de que corría el riesgo de ser demasiado visual. Pienso que, en cierto sentido, se estaba defendiendo a sí mismo. La mayoría de los escritores no tiene por qué decirlo. Por ejemplo, en el caso de Henry James nunca se ve nada, y no creo que él haya visto nada; no creo que hubiera reconocido en la calle a uno de sus personajes. Todo era – como se disse en Escocia – *very innerly* (apud BALDERSTON, 1982, p. 54).

Claire Harman, em sua biografia de Stevenson, não acha que o visual esteja ausente de suas últimas obras, e aproveita a ocasião para mostrar como a obra de James, esta sim, nunca teve nada de visual – desta forma, o diálogo entre os dois a propósito desta questão é visto mais como uma provocação entre amigos. Bioy Casares insistia que o fato de Stevenson evitar o visual em suas últimas obras não tinha importância, pois “como uno pode ver a los autores como figuran en la eternidad, en la eternidad no se arrepentió, allí está, uno puede admirarlo” (apud BALDERSTON, 1982, p. 55).

Mas a leitura de *Catriona* decerto revela uma mudança no modo de compor de Stevenson. Chesterton notou como boa parte do livro está ocupada pelo interior do cérebro humano, o de David Balfour, seus arrependimentos e elaborações acerca de seus relacionamentos. Aliás, o título que Stevenson queria para o romance era *David Balfour*, pois é principalmente pelos seus olhos que acompanhamos a história (*Catriona* foi uma imposição do editor). Para Balderston, o núcleo do livro são os diálogos “lentos de equívocos en que ambos jóvenes tratan de dissimular el amor que sienten el uno por el otro, y por tal motivo se inflingen un dolor infinito” (BALDERSTON, 1982, p. 53). Ora, a descrição serviria para um romance de James. Assim que ele leu o romance, despachou uma carta para Stevenson na qual expressava sua admiração:

[60] Porque o dito *Catriona* ressoa e recende com tal gênio que não há refúgio para o leitor desesperado a não ser arrojá-la em adoração. Não sei bem se é magnânimo de sua parte ter êxito assim de forma tão sem consideração – deve haver certa modéstia no triunfo fácil que sua musa inflamada talvez descuide um pouco. Mas perdoe a imagem desajeitada – não tentarei levá-la adiante. Deixe-me apenas dizer que não despacho essas palavras débeis por caminhos tão cheios de água senão para lhe agradecer por um prazer extraordinário. [...] Que feito raro me parece toda a personalidade e o tom de David e com que mão supremamente feliz você pintou as mulheres de carne e osso. Elas são absolutamente adoráveis e todo mundo corre atrás delas. Em David não há um erro, não há jamais uma nota em falso; ele é de uma verdade e correção exasperantes.

Como vimos, a única ressalva a *Catriona* era a falta do elemento visual. Parte disso é porque as experiências com o método cênico contribuíram para reforçar a consciência visual de James. Certos recursos típicos do melodrama, como o *tableau*,⁸² foram essenciais para isso. Ao longo dos anos, James desenvolveu uma concepção de “novelistic picture” – compunha de modo a formar um “quadro”, um *tableau* que representasse o significado latente em cada gesto e em cada ação. Em *Portrait*, por exemplo, o modo como Madame Merle e Gilbert Osmond estão dispostos, muito à-vontade um com o outro, adquire, num *relance*, valor de signo para Isabel Archer; como se ela se deparasse com um quadro e então finalmente pudesse *enxergar* a natureza verdadeira daquela relação. Em *Princess*, é a *visão* de Paul Muniment com a princesa em frente à casa dela que faz Hyacinth Robinson se dar conta do real significado daquela reação, que se confirma quando eles entram ali juntos. Mesmo a construção das metáforas em sua obra tardia tem uma carga visual inédita até então: a torre de marfim, a taça de ouro ou uma fera que fica à espreita durante toda a narrativa certamente são capazes de unir os fios da história numa imagem, garantindo seu lugar no “olho da mente”, como queria Stevenson.

De qualquer forma, é interessante que quando Stevenson escreve um romance à maneira de James, James dê pela falta de traços, digamos, stevensonianos na obra. Se James jamais produziu um “romance de Tom Jones salpicado de reflexões oblíquas”, Stevenson acabou por construir um universo de personagens “very innerly”, dotadas da tal complexidade

---

⁸² O *tableau* era geralmente usado em momentos de crise e clímax – de repente, a fala é silenciada e a narrativa é suspensa de modo a criar uma representação visual e fixa das reações à peripécia. Ao final de cada ato, era recomendável também que os personagens fossem agrupados cada um numa atitude que expressasse seu estado de espírito (uma mão na testa, por exemplo, representava a dor). O intuito do *tableau* era que o espectador, numa mirada, visse os significados representados, as emoções e o estado moral traduzidos em sinais claros (BROOKS, 1995, p. 61 et seq).

moral que é central ao universo jamesiano. É difícil saber se Stevenson seguiria escrevendo assim e se reveria sua posição sobre a literatura em textos teóricos. Em sua trajetória, ele concebeu projetos tão díspares quanto este *Catriona*, o relato de aventuras que é *Treasure Island*, o realismo de *Beach of Falesá*, as histórias fantásticas de *New Arabian Nights* e seus ensaios conscienciosos sobre a arte da ficção.⁸³

Mas o romance *Weir of Herminston*, no qual Stevenson trabalhava no dia em que morreu, também visa perscrutar os sentimentos e as emoções que regem os relacionamentos de todos os tipos. A nota do visual não está ausente em *Catriona* e *Weir*, mas ela é utilizada para preparar as cenas, que são de uma carga dramática intensa. Archie Weir, o protagonista deste romance, é um garoto tão sensível quanto os que encontramos na obra de James, e boa parte do livro retrata sua percepção do mundo. Criado pela mãe religiosa, ele não consegue aceitar a violência da profissão de seu pai, um juiz que condena as pessoas à força.

Neste livro, Stevenson inclusive se arrisca a retratar mulheres e relacionamentos amorosos, coisa rara em sua obra – e tão frequente na de James. James, em seu ensaio, dissera que Stevenson “encarava as mulheres como meninas supérfluas nas brincadeiras de um menino”, pois “não gostam de navios, pistolas, lutas, elas atrapalham os movimentos dos homens no cais, requerem acomodações à parte e também, o pior de tudo, não possuem o padrão literário mais elevado” (JAMES, 1888, p. 369-370). Em *Weir* há dois personagens femininos de mesmo nome: Kirstie Elliott. Uma é a jovem por quem Archie Weir se apaixona, a outra é a tia dela, que cuida da propriedade de Hermiston. James achava a caracterização da Kirstie mais velha uma das melhores coisas que Stevenson já fez. Para ele, Stevenson lhe recusou a juventude e os modos que poderiam contribuir para seu encanto, e fez dela uma velha empregada escocesa e rústica. A despeito disso, ela é imponente e leva o leitor à hipérbole.⁸⁴

O capítulo VIII de *Weir* é construído de modo a preparar a cena do fim, uma conversa inflamada entre Archie e a velha Kirstie sobre o relacionamento dele com a jovem Kirstie. Stevenson acompanha o fluxo da consciência de Kirstie, que nutre sentimentos ambíguos por

---

⁸³ James notou como cada um de seus livros representa um “esforço independente – uma janela aberta para uma paisagem diferente”, sendo sua curiosidade a única receita à luz da qual ele produzia (JAMES, 1888, p. 364).

⁸⁴ Os comentários de James foram tirados de uma carta de 1896 publicada na revista americana *The Book Buyer* naquele ano. Há apenas um trecho dessa carta, e o destinatário não foi identificado. O fragmento não tinha nunca sido republicado até sair em tradução para o francês na edição de Michel Le Bris. “Ce splendide et tragique fragmente: Hermiston, le juge pendeur”. In: LE BRIS, 1994, p. 371.

Archie. Ela ama o garoto como a um filho, mas ao mesmo tempo a relação causa nela as palpitações de um encontro carnal. Quanto à sobrinha, ela alterna entre a identificação – o nome igual não é mera coincidência – e a inveja. Ora ela lhe rouba Archie em sua fantasia, ora a sobrinha, como familiar e mulher, precisa ser defendida dos perigos do mundo. O trecho a seguir é um momento da vigília de Kirstie:

She lay tossing in bed that night, besieged with feverish thoughts. There were dangerous matters pending, a battle was toward, over the fate of which she hung in jealousy, sympathy, fear, and alternate loyalty and disloyalty to either side. Now she was reincarnated in her niece, and now in Archie. Now she saw, through the girl's eyes, the youth on his knees to her, heard his persuasive instances with a deadly weakness, and received his overmastering caresses. Anon, with a revulsion, her temper raged to see such utmost favours of fortune and love squandered on a brat of a girl, one of her own house, using her own name—a deadly ingredient—and that “didna ken her ain mind an’ was as black’s your hat.” Now she trembled lest her deity should plead in vain, loving the idea of success for him like a triumph of nature; anon, with returning loyalty to her own family and sex, she trembled for Kirstie and the credit of the Elliotts. And again she had a vision of herself, the day over for her old-world tales and local gossip, bidding farewell to her last link with life and brightness and love; and behind and beyond, she saw but the blank butt-end where she must crawl to die. Had she then come to the lees? she, so great, so beautiful, with a heart as fresh as a girl's and strong as womanhood? It could not be, and yet it was so; and for a moment her bed was horrible to her as the sides of the grave. And she looked forward over a waste of hours, and saw herself go on to rage, and tremble, and be softened, and rage again, until the day came and the labours of the day must be renewed.⁸⁵

A passagem impressiona pela força dos sentimentos retratados e pela fluidez com que passa de um estado a outro. Kirstie vive o amor de forma vicária, para depois introjetar a frustração de uma vida na qual, no fim das contas, nada aconteceu. Ela ainda tinha o coração de uma garota, mas à sua frente está a cova. Ela perdeu a chance de amar, ter filhos, de viver, e agora lhe resta fazer tudo isso na imaginação. Não é à toa que James foi levado à hipérbole.

Quando Stevenson começou a esboçar o romance, em 1892, contou a James que pretendia [53] “produzir raios e trovões – só espero não jogar fora um chifre de Auroque (se é assim que se soletra isso) tentando fabricar uma colher.” Para James, há em Weir uma matéria totalmente nova, como se Stevenson fizesse vibrar ali uma outra nota. É no auge do livro, ou seja, no capítulo seguinte à vigília da velha Kirstie, quando o leitor estaria preparado para uma revelação, que se abate sobre ele esse grande bloco de silêncio – irreversivelmente. Só é possível especular, como muitos de seus contemporâneos fizeram, se, no fim, Stevenson

---

⁸⁵ STEVENSON, 1945, p. 608.

fabricaria sua colher ou desperdiçaria um chifre.⁸⁶ Para James, o que ficou foi um fragmento trágico, porém esplêndido, uma joia de valor incontestável que ele pôde arrancar do vazio no fecho de sua vida.

---

⁸⁶ Muitos contemporâneos de Stevenson consideraram *Weir of Hermiston* uma obra-prima. Colvin e Arnold Bennet, por exemplo, achavam que o romance era o melhor que ele já havia escrito. Claire Harman defende que isso era uma forma de resolver as dúvidas que pairavam sobre o significado da obra de Stevenson. Muito jovem e profícuo, ele também fora negligente com a literatura em diversas ocasiões, deixando obras deliberadamente inacabadas (por cansaço ou doença ou simplesmente falta de interesse). Havia também certa mística em torno de sua figura. Stevenson sempre achou que morreria cedo, e construiu sua imagem como um ser frágil, boêmio e excêntrico, que deveria ser perdoado por qualquer pecadilho. Sua morte precoce e repentina, para Harman, atribuiu valor simbólico à sua última obra e criou uma expectativa em relação ao que viria dali caso ela fosse um dia acabada (HARMAN, 2005, p. 453).

EPÍLOGO

Em 1900, a Scribner's propôs a Henry James uma edição de suas obras completas, prática comum no período (Stevenson e Kipling já tinham as suas edições de luxo). Mesmo tendo hesitado a princípio, ele logo se pôs a trabalhar na revisão das obras selecionadas e na redação dos prefácios aos 11 romances e 52 contos e novelas que compunham *The Novels and Tales of Henry James: New York Edition*. Isso lhe custou cinco anos de trabalho, e os volumes foram lançados entre dezembro de 1907 e julho de 1909. James mexeu muito nos textos, inseriu trechos novos, cortou parágrafos inteiros, modificou características das personagens. Nos prefácios, ele discutia os motivos que o levaram a escrever cada obra, sua inspiração e, principalmente, técnica e arte, retomando questões que já apareciam no ensaio de 1884. Para ele, esses textos eram “uma espécie de apelo à Crítica, ao Discernimento, em linhas que não sejam incipientes – algo contra a ausência geral dessas coisas no mundo anglo-saxão [...] reunidos, eles devem, todavia, formar um tipo de manual abrangente ou vade-mécum para os aspirantes em nossa árdua profissão”.⁸⁷

À época, a vendagem dos livros foi módica, mas o trabalho de James foi bem recebido pela crítica, repetindo mais uma vez sua sina com o mercado literário. Em 1909, o crítico inglês Percy Lubbock escreveu no *Times Literary Supplement* que os prefácios eram um “acontecimento, de fato o primeiro acontecimento na história do romance”.⁸⁸ Em 1921, alguns anos após a morte de James, Lubbock reuniu as ideias contidas nos prefácios em um livro intitulado *The Craft of Fiction*, transformando-as em instrumentos para analisar diversos romances e romancistas e ensinar ficção. Em 1934, os prefácios foram reunidos e prefaciados por R. P. Blackmur no livro *The Art of The Novel*, livro que se tornou central para os estudos sobre a ficção depois da Segunda Guerra. Finalmente, James cumprira sua promessa e expressara a outra metade do que tinha a dizer. Assim, no século XX, James encontrou seu público. E conseguiu bater a marca dos 10 exemplares...

A fortuna crítica sobre Stevenson é bastante irregular: de um lado, escritores como Graham Greene, Cesare Pavese, Italo Calvino, Vladimir Nabokov e Jorge Luis Borges o reverenciam como a um mestre; já F. R. Leavis, que teve papel significativo na promoção de

---

⁸⁷ apud PARREIRA, 2001, p. 12.

⁸⁸ apud PARREIRA, 2001, p. 15.

James a um dos expoentes do romance moderno sério, considerava Stevenson um mero epígono de Walter Scott; Harold Bloom, apesar de reconhecer sua qualidade de estilista, o vê com reserva⁸⁹ e William Gass ridicularizou Borges pela admiração que nutria por Stevenson, para ele prova de um gosto adolescente por formas duvidosas e imaturas.⁹⁰ Mas raramente a crítica dá conta de todas as dimensões de sua obra, quer dizer, uma prosa imaginativa e inovadora, uma verve estilística e o refinamento de seus escritos teóricos.

A apreciação equivocada de Stevenson se deve em parte ao fato de que o contato com a obra acabou sendo substituído pela lenda do homem, pelo romance de sua vida. Para Le Bris (1994, p. 20-22), Stevenson virou o símbolo divino de uma geração agonizante, maltratada por Darwin e Lyell, destroçada pela industrialização, ridicularizada por Zola e pelos realistas. Após sua morte, surgiram sociedades que celebravam sua memória ou conservavam suas relíquias. Sua mulher, assim como seus amigos de juventude, interessados em difundir sua obra – e lucrar com isso –, acabaram por reforçar uma imagem romântica, arcaizante e algo estúpida que vinha se formando a respeito dele. Para isso, contribuíram sobremaneira *The Life of Robert Louis Stevenson*, a biografia escrita por seu primo Graham Balfour, que enfatizava o caráter romântico de suas aventuras, e a publicação de sua correspondência por Sidney Colvin, que chegou a mutilar várias de suas cartas. Assim reduzido a um punhado de clichês de uma época, bastava que esta época morresse, que foi o que aconteceu com o cataclismo de 1914, para que Stevenson desaparecesse com ela. Ou melhor, para que ele fosse destinado às prateleiras das crianças.

Henry James era uma voz dissonante em seu meio a lamentar que o culto da imagem romântica de Stevenson ganhasse preeminência sobre sua obra.⁹¹ Em seu último ensaio sobre Stevenson, em 1900, por ocasião da publicação de sua correspondência por Colvin, em 1899, James escreveu: “It has been his fortune (whether or no the greatest that can befall a man of letters) to have had to consent to become, by a process not purely mystic and not wholly untraceable – what shall we call it? – a Figure”.⁹²

---

⁸⁹ ARRIGUCCI JR., 2011, p. 8.

⁹⁰ BALDERSTON, 1982, p. 7.

⁹¹ Na França, graças a Marcel Schwob, primeiramente, e depois a Jacques Rivière, sua obra teve papel decisivo nos debates literários até os anos 1930 (LE BRIS, 1994, p. 22).

⁹² JAMES, Henry. “The Letters of Robert Louis Stevenson”. In: SMITH, 1948, p. 277.

E logo depois, em 1901, quando saiu o livro de Graham Balfour, ele questionava o biógrafo:

The question really is, however, for the critical spirit, wheter Louis's work itself doesn't pay somewhat for the so complete exhibition of the man and the life. You may say that the work was, or is, the man and the life as well; still, the books are jealous and a certain supremacy and mistery (above all) has, as it were, gone from them (apud HARMAN, 1994, p. 462).

O processo começou ainda em vida. A publicação de *Jekyll and Hyde* o transformou em celebridade nos dois lados do Atlântico, e a fama e o caráter excêntrico desde os anos de boemia só foram realçados com a peregrinação pelas ilhas do Pacífico Sul. O escritor e sua família alugaram o próprio iate, trocaram a vestimenta vitoriana por trajes tropicais, estiveram em meio a povos recém-saídos do canibalismo e outros “a meio caminho entre a selvageria e a civilização”, como sua mãe descreveria os nativos do Taiti, participaram de festas e rituais típicos de culturas consideradas exóticas. Mas a reputação de Stevenson foi definitivamente afetada por sua decisão de se fixar em Samoa. Para o público em geral, a atitude pareceu romanesca e excitante; já entre os amigos, a reação de censura foi quase unânime. Colvin estava certo de que “living permanently in that outlandish world and far from cultivated society both Stevenson and his writing must deteriorate” (apud HARMAN, 1994, p.397). Para outros, Stevenson já começava a adquirir o *status* de mito: Marcel Schwob, J. M. Barrie, Kipling e Arthur Conan Doyle queriam fazer a peregrinação a Samoa.

As questões políticas de Samoa passaram a ocupar boa parte de seu tempo, assim como o trabalho físico, que lhe havia sido interdito a vida toda em função da saúde frágil – e ele chegou a afirmar que a jardinagem era de longe mais satisfatória do que a literatura. Nos primeiros anos em Samoa, a produção de Stevenson teve uma redução significativa e ele lançou dois livros duvidosos em colaboração com seu enteado Lloyd Osbourne. Mas logo depois ele produziu duas de suas obras mais intrigantes: *Catriona* e *Weir of Hermiston*, e não há como saber para aonde esse rumo iria levá-lo.

A ida de Stevenson a Samoa também mudou o tom de sua correspondência. Devido à periodicidade do correio samoano, que partia apenas uma vez por mês, as cartas começaram a adquirir um tom de monólogo. Para Mrs. Jenkin, Stevenson reclamou “It seems absurd to write, we have every reason to suppose nobody ever receives them”, pois mesmo quando as cartas eram postadas e registradas, não havia garantia de que chegariam ao seu destino –

muitas delas desapareceram na jornada. Ademais, as respostas, se chegassem, demorariam pelo menos dois meses. As missivas da década de 1890 mostram um escritor cheio de questionamentos e inseguranças e, ao mesmo tempo, extremamente consciente de sua arte. “I begin to see the whole scheme of letter writing: you sit down every day and pour out an equable stream of twaddle” foi como Stevenson descreveu essa mudança a Colvin, com alguma ironia (apud ARMAN, 1994, p. 411).

Essas cartas, portanto, são um acesso privilegiado ao fluxo de consciência de Stevenson nos últimos anos de sua vida, além de jogar luz sobre um momento singular da trajetória de James. Elas também nos contam como nenhum dos dois sairia incólume deste encontro. Há pontos em que é possível comprovar a influência, como o reaparecimento das ideias debatidas com Stevenson na década de 1880 nos prefácios da edição nova-iorquina das obras de James, mas há outros em que só podemos especular – e o calor e a verve que jorram de cada linha de uma década de amizade e discussão teórica só estimulam o exercício desta faculdade. Mas, mais do que isso, essa correspondência revela algo da história do romance, de sua batalha para que fosse aceito como arte no universo de língua inglesa e de como ele tomou a forma que tem hoje. Se, como definiu Ian Watt, o realismo é o traço essencial do romance e tendeu a suplantiar os modos não-realistas que predominavam na prosa de ficção até seu surgimento, o gênero está longe de constituir uma forma pura. Pelo contrário, o romance é afeito à mistura, a contaminações, à variedade e ao cruzamento de fronteiras, um gênero onívoro desde o começo (VASCONCELOS, 2002, p. 29). O viés romanesco que se insinua da pena jamesiana prova que o gênero não sufocou por completo o elemento romanesco no interior da narrativa realista. Da mesma forma, vemos como mesmo onde não há pretensões declaradas de representação da realidade, como é o caso de Stevenson, o real de alguma forma se insinua pela porta dos fundos. À guisa de conclusão, vem a calhar o fecho do prefácio de James a *The Ambassadors*: o romance, sob a adequada persuasão, é “a mais independente, a mais elástica, a mais prodigiosa das formas literárias” (JAMES, 2010, p.35).

CARTAS TRADUZIDAS

[1] JAMES A STEVENSON

Bolton St., 3, West London

5 de dezembro [1884]

Meu caro Robert Louis Stevenson,

Foi apenas ontem à noite que li seu ensaio na *Longman's* de dezembro, sua resposta cordial ao meu artigo no mesmo periódico sobre a conferência de Besant,⁹³ e o resultado dessa encantadora meia hora é um desejo caloroso de lhe enviar algumas palavras. Não palavras de objeção, discordância, revide ou protesto, mas de sincera simpatia, plenas de meu apreço por tudo o que você escreve. É um luxo, nesta era imoral, encontrar alguém que *escreve* – que realmente tem familiaridade com essa arte adorável. Não seria justo bater-me com você aqui; além disso, nós mais concordamos, creio eu, do que discordamos, e ainda que haja pontos sobre os quais um espírito mais impetuoso que o meu gostaria de pelear, não é isso o que eu desejo – quero, ao contrário, lhe agradecer por tudo o que há de feliz e de sugestivo em suas observações – notadas com tanta perspicácia e ditas com tanto brilhantismo. Suas observações estão repletas dessas coisas, e o fluxo de seu estilo admirável não para de produzir pérolas e diamantes. Suas palavras finais são excelentes, e ninguém concorda mais do que eu com sua tese de que toda arte é simplificação.⁹⁴ É um prazer ver tal verdade proferida com tanta clareza. Minhas páginas na *Longman's* eram simplesmente um apelo à liberdade: eram apenas metade do que eu tinha a dizer, e algum dia tentarei expressar o restante. Só então voltarei a provocá-lo, de passagem. Você dirá que minha “liberdade” é uma divindade obesa, que faz exigências extraordinárias; mas direi apenas uma última coisa, antes de calar a boca. Eu me delicio com a *alegria* natural de tudo o que você escreve, e quando penso que ela provém de um homem que a vida obrigou a passar grande parte do tempo numa cama (se entendi direito), eu o julgo de fato um gênio. Você certamente encontra prazer nisso também. Pegue notícias

---

⁹³ “The Art of Fiction”, de Henry James, saiu na *Longman's Magazine* de setembro de 1884. O artigo de James tomava emprestado o título da palestra que o escritor e crítico literário Walter Besant (1836-1901) proferira na Royal Institution, em Londres, no dia 24 de abril do mesmo ano (em maio, a editora Chatto e Windus publicou a palestra acrescida de comentários do autor) e era um comentário a ela. “A Humble Remonstrance”, a réplica de Robert Louis Stevenson ao texto de James, saiu na *Longman's* de dezembro.

⁹⁴ É com as seguintes palavras que Stevenson conclui “A Humble Remonstrance”: “For although, in great men, working upon great motives, what we observe and admire is often their complexity, yet underneath appearances the truth remains unchanged: that simplification was their method, and that simplicity is their excellence”.

suas com Colvin⁹⁵ toda vez que o vejo, e vou pedir a ele que lhe entregue estas palavras. Sou, com meus inumeráveis e melhores votos, cordialmente seu,

Henry James

[2] STEVENSON A JAMES

Bonallie Towers, Branksome Park, Bornemouth

8 de dezembro, 1884

Meu caro Henry James,

Foi com enorme prazer que recebi suas palavras, e por vários motivos. O primeiro é a esperança de que haja uma sequência. Foi para isso que me empenhei. A verdade é que, devido à escassez de informação e interesse sério na arte da literatura, aqueles que tentam praticá-la a valer correm o risco de não encontrar público adequado. As pessoas supõem que se interessam pela “matéria”; creem, por exemplo, que o refinamento das ideias e dos sentimentos em Shakespeare impressiona por si só, e não se dão conta de que o diamante bruto não passa de uma pedra. Aham que situações memoráveis ou bons diálogos são obtidos a partir do estudo da vida; não conseguem entender que essas coisas são obtidas por meio do artifício deliberado e realçadas por dolorosas supressões. Ora, eu quero ventilar as coisas, para a minha educação e a do público; e lhe imploro que reflita o quanto antes, que tire proveito de minha derrota nas circunstâncias em que discordamos e (para evitar a zombaria dos leigos) que enfatize os pontos sobre os quais concordamos. Estou certo de que seu artigo me apontará o caminho para uma resposta; e espero poder responder com habilidade suficiente para seduzi-lo ou arrancá-lo do silêncio que você ameaçou. Não pediria nada melhor do que passar minha vida a debulhar esse trigo em sua companhia.

Ponto II – fico de fato exultante ao ouvi-lo falar com tanta simpatia de meu trabalho; exultante e surpreso. Eu me sinto um campônio muito tosco e canhestro, indigno de ser lido, muito menos de ser elogiado, por alguém tão refinado, tão destro, tão engenhoso como você. Você felizmente jamais poderá entender o desespero com que um escritor como eu encara (digamos) a cena do parque em *Lady Barberina*.⁹⁶ Cada toque me surpreende por sua precisão

---

⁹⁵ Sidney Colvin (1845-1927) foi professor de história da arte em Cambridge e depois conservador do British Museum. Foi ele quem introduziu o jovem Stevenson ao meio literário londrino e primeiro editou e publicou sua correspondência. Em 1895, publicou *The Vailima Letters*; em 1899, *Letters to Family and Friends*, e, em 1911, *The Letters of Robert Louis Stevenson*.

⁹⁶ Conto publicado na *Century Magazine* em 1883, e no volume *Tales of Three Cities* (1884).

intangível; e o efeito final, leve como um *syllabub*,⁹⁷ nítido como uma pintura, me enche de inveja. Cada qual persegue sua própria meta, e eu persigo a minha; mas quando se trata de acabamento, eu me sinto, comparado a você, um trapalhão de primeira linha.

Quando discordamos, tanto no desenho das histórias como no traçado dos personagens, só posso lamentar. É claro que não sou estúpido a ponto de lhe pedir que deixe seu caminho; mas será que você não poderia, num romance, para agradar a um admirador sincero, e para enriquecer suas prateleiras com um volume amado, será que você não poderia, será que você não gostaria de confeccionar seus personagens num molde um pouco mais abstrato e convencional (a cara sra. Pennyman⁹⁸ já tinha, dentre seus outros trabalhos, um sabor disso que eu quero dizer), dar às peripécias um tom, não diria mais forte, mas um pouco mais enfático – como num episódio de um dos velhos romances de aventura? Temo que não; e suponho que devo, com um suspiro, admitir que você tem razão. E, porém, quando entrevejo, por exemplo, um livro de Tom Jones trabalhado com sua maravilhosa precisão e repleto daquelas reflexões oblíquas nas quais você é mestre, é com pesar que renuncio a essa visão tão grata. Pense nisso.

Como você sabe, eu pertenço à categoria dos aparvalhados, os inválidos: isto me impede de fazer visitas. Mas quem sabe uma hora você julgue agradável passar um dia perto do mar e entre os pinheiros, longe da cidade, para variar. Se for o caso, por favor, avise-nos, e eu e minha mulher ficaremos encantados em recebê-lo, e lhe daremos o melhor que pudermos para comer e beber (tenho uma garrafa honesta de claret). Com o que creia-me, sinceramente, seu,

Robert Louis Stevenson

Ps: Retomo esta carta para dizer que reli meu artigo e não estou convencido de que tenha sido acurado ou cortês. Eu sabia, é claro, que estava me valendo de seu artigo para pendurar nele meus próprios comentários; mas, ai de mim!, o que é um artigo! Quantos comentários sutis você não poderá pendurar no meu! Como pequei contra a proporção e contra os rudimentos da cortesia, apesar de todo esforço na direção contrária! Você é de fato um leitor muito perspicaz ao adivinhar minha real intenção; e posso apenas concluir, não sem fechar os olhos e encolher os ombros, com as palavras gastas:

---

⁹⁷ Sobremesa britânica servida gelada e feita de leite batido com açúcar, vinho e suco de limão.

⁹⁸ A sra. Penniman (grafia correta) é personagem de *Washington Square* (1881).

Em guarda, pois, Macduff!⁹⁹

[3] JAMES A STEVENSON¹⁰⁰

[Londres, 1885]

Caro Stevenson,

Vou descer sábado à tarde – ficarei no hotel Highcliffe –, para passar o domingo e a segunda com vocês, como outrora, assim que tiver engolido uma costeleta. Mal posso esperar pelo nosso reencontro. Archer vai bem, e é de fato muito inteligente. Acabo de me dar conta de que jamais lhe *enviei* a última versão dos *Bostonians*, que segue aqui. Lembranças a sua cara esposa.

H. James

[4] STEVENSON A JAMES

19 de maio, 1885

*Henry James*¹⁰¹

Who comes to-night? We open the doors in vain.
Who comes? My bursting walls, can you contain
The presences that now together throng
Your narrow entry, as with flowers and song,
As with the air of life, the breath of talk?
Lo, how these fair immaculate women walk
Behind their jocund maker; and we see
Slighted *De Mauves*, and that far different she,
Gressie, the trivial sphynx; and to our feast
Daisy and *Barb* and *Chancellor* (she not least!)
With all their silken, all their airy kin,
Do like unbidden angels enter in.
But he, attended by these shining names,
Comes (best of all) himself – our welcome James.

[5] JAMES A STEVENSON¹⁰²

---

⁹⁹ No original, *Lay on, Macduff* (Macbeth, V, 8). Tradução de Manuel Bandeira.

¹⁰⁰ Beinecke Library, manuscrito 4922.

¹⁰¹ Este poema foi escrito por Stevenson em 1885 e publicado em *Underwoods* (1887). Os nomes em itálico são das heroínas de James nas seguintes histórias: *Madame de Mauves*, *Georgina's Reasons*, *Daisy Miller*, *Lady Barberina* e *The Bostonians*.

¹⁰² Beinecke Library, manuscrito 4923.

Bolton St., 3, West London

31 de julho, 1885

Caro Stevenson,

Um jovem americano encantador, meu amigo, lhe entregará este bilhete; eu pedi a ele que fosse vê-lo quando saísse de Lyndhurst, e ele planeja ficar um pouco, para lhe contar minhas novidades e também tomar sérias notas em Skerryvore¹⁰³ para meu contentamento – e para o dele. Ele se chama John Jay Chapman; é de Nova York e é muito inteligente, amável e talentoso. Gosto muito dele, e você também vai gostar. Deixe apenas que ele vá vê-lo; creio que poderá até jogar soldadinhos de chumbo com você, se você estiver atrás de um adversário.

Do seu fiel, sempre,

Henry James

[6] JAMES A STEVENSON¹⁰⁴

Bolton St., 3, Piccadilly West [Londres]

10 de setembro [1885]

Meu caro Robert Louis,

Quando ouço, como esta manhã, de Sargent¹⁰⁵ (de quem não tinha nenhuma notícia desde a visita que ele lhe fez), que você esteve mal (e, temo, gravemente), sinto mais que nunca que fui inacreditavelmente bruto por não ter escrito. Mas os motivos do meu silêncio são simples. Sabia que seria um desgaste e uma fadiga para você responder uma carta, e não queria que parecesse que eu exigia de você este tipo de esforço. Se ao menos soubesse que você estava de cama, teria feito pouco caso desses escrúpulos refinados! Mesmo agora não quero que você ache que estou lhe interrogando ou impondo à sua miséria o fardo de ter que produzir um manuscrito não remunerado sobre esse assunto. Mas talvez sua mulher possa, por lazer (ela sorrirá quando vir que atribui esta palavra a ela), me relatar brevemente algumas coisas. Está tudo arranjado para que eu vá a Paris amanhã (por quatro ou cinco semanas); e, não fosse por isso, iria imediatamente até aí, para inquiri-lo com meus olhos e ouvidos, e com meu

---

¹⁰³ Nome dado por Stevenson à sua residência em Bornemouth, em homenagem ao célebre farol construído por seu avô e seu tio na costa norte da Escócia.

¹⁰⁴ Beinecke Library, manuscrito 4924.

¹⁰⁵ John Singer Sargent (1856-1925), pintor americano. Em 1885, foi a Bournemouth para pintar dois retratos de Stevenson, encomendados por Charles Fairchild e sua esposa, de Boston.

coração. Sargent fala muito pouco sobre seu caso, pois evidentemente supõe que eu saiba tudo a seu respeito (o ingênuo Sargent!), mas pareceu indicar que você teve um verão muito pior do que esperávamos quando parti de Bournemouth. Deixe-me crer, ao menos, até que ouça o contrário, que você está em plena recuperação novamente e que está cercado de bons presságios. Em todo caso, meu caro Stevenson, minhas mais calorosas simpatias estão com você, e com sua mulher também, que, desconfio, deve ter andado aflita e esgotada – no mesmo grau em que sei que foi brilhantemente devotada. Passei o mês todo aqui, tentando avançar no folhetim grosseiro para a *Atlantic*,¹⁰⁶ que ouço arfar nos meus calcanhares. Assim que voltar de Paris, irei ver você: é uma promessa. Lembro, com toda sorte de ornamento romântico e glamour retrospectivo (ainda que supérfluo) dos nossos encontros no início do verão, em que até Bogue¹⁰⁷ figura como personalidade sedutora. Essas oscilações, meu caro Stevenson, são meros *flamboiements* de gênio, e sua estrela é fixa, e eu creio nela. Espere por mim em uma data próxima, e creia-me sempre afetuoso a você e a sua mulher,

Henry James

[7] STEVENSON A JAMES¹⁰⁸

Skerryvore, Bournemouth

28 de outubro, 1885

Meu caro Henry James,

Por fim, minha mulher num concerto e com uma história terminada,¹⁰⁹ tenho alguma liberdade para lhe escrever e partilhar minhas opiniões com você. Em primeiro lugar, muitíssimo obrigado pelas obras que chegaram ao meu leito de doente. Segundo, e mais importante, *The Princess*.¹¹⁰ Bem, acho que agora você vai acertar a mão; não tenho como adivinhar, mas esses dois primeiros números me parecem sólidos, bem pintados e torneados, realmente um novo rumo. Quanto à sua jovem dama, ela está toda lá; sim, sr., parece mesmo que você pode retratar a arraia-miúda. A prisão estava excelente; era esse tipo de toque que às

¹⁰⁶ *The Princess Casamassima* foi publicado em folhetim na *Atlantic Monthly* entre setembro de 1885 e outubro de 1886, e depois saiu em livro em 1886.

¹⁰⁷ O cachorro de Stevenson.

¹⁰⁸ BOOTH; MEHEW, vol. V, p. 144.

¹⁰⁹ Provavelmente *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que foi enviada à *Longman's* no fim de outubro.

¹¹⁰ *The Princess Casamassima*.

vezes me fazia uma falta de doer em seus trabalhos anteriores: alguma sujeira, quero dizer, e aquele tanto de esqueleto que há na natureza. Por favor, tome sujeira no bom sentido; ela não precisa ser ignóbil; o que é sujo pode ter sua dignidade; na natureza, ele geralmente tem; e sua prisão está um espanto.

E agora ao que interessa: por que não o vemos? Não nos abandone. Faça um sacrifício tremendo e deixe-nos ver “a poltrona de Henry James” devidamente ocupada. Eu mesmo nunca me sento nela (apesar de ela ter pertencido a meu avô); depois do seu aval, ela foi consagrada às visitas, e agora está aqui ao meu lado, deserta. Temos um novo cômodo, também, para lhe apresentar – nosso filho mais novo, a sala de visitas; não chora nunca e já tem seus primeiros dentes. E agora também há um gato, inconsciente de seu destino,¹¹¹ aguardando a faca do Castrador. Você o verá quando seu ferrão já tiver sido extraído, não antes. Ele promete ser um monstro de preguiça e autossuficiência.¹¹²

Não deixe de ver na *Time* (nome terrível para uma revista de leitura ligeira) de novembro um sujeito espirituoso, W. Archer,¹¹³ falando sobre mim – o “atleta-esteta” viçoso; ele me adverte paternalmente que uma febre reumática poria em xeque minha filosofia (como de fato poria) e que meu evangelho não serviria para “aqueles que foram banidos do exercício de qualquer virtude viril que não a renúncia”. Para quem conhece o espectro raquítico e recluso, o verdadeiro R. L. S., o artigo, além de engenhoso, tem um quê de ironia. As partes críticas são particularmente brilhantes e caprichadas, e quase sempre muito verdadeiras. Arrume um exemplar de todo jeito.

Ouçó, de todos os lados, que serei atacado como um escritor vulgar;¹¹⁴ isto é penoso. Será que finalmente cheguei, como você, ao ponto de ser atacado? É a consagração que me faltava – e bem poderia passar sem ela. Não que o ensaio de Archer seja um ataque ou o que tanto ele como eu, creio, chamaríamos assim; me refiro aos ataques à minha moralidade (que pensava ser pedra preciosa).

Agora, meu caro James, venha, venha, venha. O espírito (que sou eu) diz “venha”; a noiva (e essa é minha mulher) diz “venha”; e o melhor que você pode fazer por nós e por você e por seu trabalho é levantar-se e vir agora mesmo.

Afetuosamente, seu,

---

¹¹¹ Referência a Thomas Gray, *Ode on a Distant Prospect of Eton College*.

¹¹² Colvin suprimiu o trecho sobre a castração do gato em sua edição.

¹¹³ William Archer (1856-1924) publicou “R. L. Stevenson: His Style and Thought” na *Time* de novembro.

¹¹⁴ Colvin substituiu a palavra original *bawdy*, traduzida aqui como vulgar, por *immoral*.

Robert Louis Stevenson

Henry James, Ilustríssimo,¹¹⁵Por que tardam as rodas de sua carruagem? Por que tarda a vir?¹¹⁶

F.V. de G.S.

[8] JAMES A STEVENSON¹¹⁷

Bolton St., 3, West London

6 de novembro [1885]

Caro Stevenson,

Há cinco dias, quando ia-me embora de Paris, recebi sua encantadora carta, que prometi para mim mesmo responder assim que chegasse a Londres. Quando, no entanto, ocorreu esse evento notável, estava agonizando com uma dor de cabeça selvagem, que me colocou de cama e me deixou abatido por três dias, e apenas agora me permite dedicar a você algumas trêmulas penas. Amanhã devo estar recuperado, mas não vou esperar nem até amanhã para dizer com que prazer recebi notícias suas “de próprio punho”, como se diz em terras americanas. Estive apreensivo a seu respeito, e agora, no primeiro dia que puder, irei ver com meus próprios olhos *à quoi m'en tenir*. Temo que, por diversos motivos, isso será impossível antes de meados deste mês, mas dou-lhe minha palavra solene e afetuosa que, assim que der, repousarei meu posterior na boa e velha poltrona à beira da lareira. Há uma afinidade essencial entre ele e ela, que anseia por ser satisfeita. Não vou conseguir ficar muito tempo – apenas um momento – mas voltarei em breve. Ainda não fui atrás de *Nine*, mas devo encontrar logo, e vou então entrar por completo na piada, sem dúvida. O pobre sr. Archer, no entanto, quando o imagina ávido por carnificina e coisas viris, deve apenas ter expressado a ideia que a maior parte de seus leitores encontra em suas páginas; porque o milagre de seu feito é que sua enfermidade não tingiu em nada sua produção literária, e você projeta na página escrita a sugestão de um jovem Apolo que desconhece o médico e não deve nada ao farmacêutico. Espero sinceramente que sua dívida não esteja alta nos últimos tempos – que

---

¹¹⁵ É Fanny quem redige este pós-escrito, excluído da edição de Colvin.

¹¹⁶ No original: *Why tarry your chariot wheels? Wherefore waits the gee?* Referência à Bíblia – Juízes, 5:28. Na edição do King James: *Why is he so long in coming? Why tarry the wheels of his chariot?*

¹¹⁷ Beinecke Library, manuscrito 4925.

você esteja numa boa fase e que tenha a perspectiva de um bom inverno. Passei oito semanas em Paris, das quais, no entanto, temo não ter nada proporcional para lhe dizer. Encontrei *Prince Otto*¹¹⁸ aqui, graças à sua benevolência, e lhe direi minha impressão sobre ele da vantajosa posição da poltrona de seu avô. Envio-lhe uma prova corrigida da terceira *Princess*. Diga a sua mulher que me joga aos pés dela, até que possa me ajoelhar ali em carne e osso. Coragem, paciência, meu caro Robert Louis – se bem que não sei por que deveria pregar-lhe virtudes que você possui em quantidade muito maior do que o seu mais fiel,

Henry James

[9] JAMES A STEVENSON¹¹⁹

Bolton St., 3, West London

8 de dezembro [1885]

Caro Robert Louis,

Ontem estive com madame Sitwell¹²⁰ para ter uma ideia de sua situação. O quadro que ela pintou, com uma multidão de detalhes tocantes, deixou-me com a impressão de que esta pequena carta não seria inútil – você não a recebeu antes simplesmente porque imaginei que já estaria ocupado demais a tossir e se purgar para ainda ter de decifrar meus hieróglifos. A sra. Sitwell quer me fazer crer que tais fenômenos cederam, mas não sem alguma inquietação para você e para sua cara esposa e, temo, para nós aqui em Londres *também*. Você tem, no entanto, um dom de “melhorar”, que, de todos os seus dons, considero, no geral, o mais precioso, e estou certo de que você está fazendo o que pode para exercê-lo. Não gostei nem um pouco de saber que você se pôs a trabalhar com a sra F. Jenkin.¹²¹ Duvido que você esteja apto a conduzir a dança com uma viúva biográfica; esperemos que a música seja muito lenta.

---

¹¹⁸ Publicado na *Longman's* de abril a outubro de 1885, acabara de sair em livro em Londres pela Chatto and Windus.

¹¹⁹ Beinecke Library, manuscrito 4926.

¹²⁰ Stevenson conheceu madame Francis Sitwell (1839-1924) em 1873, e encantou-se por ela logo de cara. Foi ela quem o apresentou a Colvin, de quem era amante. Colvin e madame Sitwell viriam a se casar em 1903, depois que seu primeiro marido morreu.

¹²¹ Fleeming Jenkin, professor da universidade de Edimburgo que teve um papel central nos anos de formação de Stevenson, acabara de falecer, e ele prometeu à viúva, Anne, que escreveria a biografia do esposo. Stevenson tinha muita afeição pelo casal, e se dedicou com afinco à biografia por muitos meses, deixando de lado por um tempo o romance *Kidnapped*, que tinha acabado de começar.

Desde que voltei à cidade, estive a romancear (oh, a duras penas) e peguei um “apartamento residencial” em Kensington. Mas não consigo me atrelar ao apartamento no sentido de mobiliá-lo, me mudar etc. antes que [...] ¹²²

Meu caro Stevenson, não duvide da terna solicitude do seu muito fiel,

Henry James

[10] JAMES A STEVENSON ¹²³

Bolton St., 3, West London

4 de fevereiro [1886]

Caro Stevenson,

Não respondi ao seu último e tocante bilhete porque todos os dias eu espero por um milagre que me permita dar um pulo em Bournemouth – queria poder lhe dar uma posição clara. Foi apenas hoje de manhã que ele veio – e agora posso dizer que, se você estiver sozinho na próxima segunda-feira, dia 8, irei correndo até você para ficar 24 horas. Pegarei o trem de manhã bem cedo aqui, e chegarei a Skerryvore logo depois do almoço. No dia seguinte terei que partir cedo o suficiente para poder estar em Londres a tempo de honrar um compromisso para jantar: mas ainda que seja apenas um vislumbre, será, de *part et d'autre*, melhor que nada, e estou tão apinhado nos últimos tempos que não consigo ver quando poderia fazer uma visita mais longa. Tenho muitas coisas para lhe contar. *Só vou se você estiver sozinho*; você faria a gentileza de me escrever ou telegrafar sobre esta questão? Interroguei Colvin, a sra. Sitwell e Henley ¹²⁴ a seu respeito, e o que eu ouvi tende a me agradar. Minhas lembranças afetuosas a sua mulher. Sou o seu, impaciente,

Henry James

[11] STEVENSON A JAMES ¹²⁵

---

¹²² A partir deste trecho falta uma parte da carta. James termina com a frase que vem logo abaixo, escrita na primeira página da carta, no sentido do comprimento.

¹²³ Beinecke Library, manuscrito 4927.

¹²⁴ William Henley (1849-1902), poeta, dramaturgo e crítico literário, dirigiu a *London Review*, a *Outlook* e a *National Observer*.

¹²⁵ Carta de Fanny e Stevenson para James. O começo desta carta foi escrito com a letra de Fanny e o restante está redigido com a caligrafia de Stevenson. Esta carta não fazia parte da edição de Colvin, e foi incluída no volume organizado por Smith.

Skerryvore, Bournemouth

[25 de fevereiro, 1886]

Meu caro sr. James,

Um espelho mágico chegou até nós e parece refletir não apenas nossos meros rostos, mas também o rosto querido de um amigo entrelaçado a todos os tipos de boas lembranças. Louis achou que versos somente dariam conta de expressar seus sentimentos a respeito deste lindo presente, mas sua musa, creio eu, não respondeu ainda a seu chamado. Quanto a mim, a quem o dom da canção foi negado da mesma forma como o foi à fêmea do canário, só posso tentar expressar minha gratidão em prosa rasa.

[...] ¹²⁶

Acima, como você certamente notará, está a parede lateral de nossa sala de visitas, cuidadosamente desenhada. A linda obra da srta. Taylor, os adoráveis cavalos do sr. Lemon, o espelho mágico, o retrato de Louis por Sargent, e a cópia de Chatterton.

Neste ponto, minha mulher foi (ou deveria ter sido) levada a um asilo.¹²⁷ Não me rebaixei tanto, porque preservo meus versos. Quando eles se forem de vez, você ouvirá que Skerryvore está fria e que já não faz mais fumaça, e que o espelho reflete apenas as paredes e os móveis. Recuso-me a tentar me exprimir em prosa. Mas não há dúvidas de que você é um ótimo camarada e de que o espelho é encantador. Direi mais quando a Musa permitir, e, por ora, mil agradecimentos do seu, afetuosamente,

(Hen)* Robert Louis Stevenson

* Veja como estou treloucado: comecei a assinar “Henry James”: o asilo chama por mim.

R.L.S.

[12] STEVENSON A JAMES

Skerryvore, Bournemouth

[7 de março, 1886]

Henry James,¹²⁸

---

¹²⁶ Aqui entra um desenho que mostra 4 quadros em torno de um espelho.

¹²⁷ A partir daqui é Stevenson quem continua a carta.

¹²⁸ Este poema foi publicado, com algumas alterações, em *Underwoods* (1887), com o título *The Mirror Speaks*.

This is what the glass says:
 Where the bells peal far at sea,
 Cunning fingers fashioned me.
 There on palace walls I hung
 While that Consuelo sung;
 But I heard, though I listened well,
 Never a note, never a trill,
 Never a beat of the chiming bell.
 There I hung and looked; and there
 In my gray face, faces fair
 Shone from under shining hair.
 Well I saw the poising head,
 But the lips moved and nothing said.
 And when lights were in the hall,
 Silent moved the dancers all.

So awhile I glowed; and then
 Fell on dusty days and men.
 Long I slumbered packed in straw,
 Long I none but dealers saw;
 Till before my silent eye
 One who Sees came passing by.

Now with an outlandish grace,
 To the sparkling fire I face
 In the blue room at Skerryvore;
 Where I wait until the door
 Open, and the Prince of Men,
 Henry James, shall come again.

[13] JAMES A STEVENSON¹²⁹

De Vere Mansions, 13, West London

[Abril, 1886]

Sábado pela manhã

Meus caros!

Estou absolutamente encantado e irei, se for humanamente possível, e se eu puder me desincumbir dum outro compromisso, abraçá-los esta tarde. Se não for, jogarei uma ficção aos cachorros (na verdade, deveria dedicar-me com afínco a ela) e deixarei a visita para amanhã, dia de Sabbath, pela manhã. Também irei ter com Colvin à noite, na esperança de conseguir uma fração de refração sua. Rezo para que vocês estejam muito bem, e sou o seu fiel,

James

---

¹²⁹ Beinecke Library, manuscrito 4928.

O bilhete de vocês acaba de chegar, encaminhado de meu antigo endereço.

[14] JAMES A STEVENSON¹³⁰

De Vere Mansions West, 13, Londres

16 de julho [1886]

Meu caro Robert Louis,

Desde que lhe escrevi, há 48 horas, fui cercado pelas armadilhas de Londres e *terça-feira* que vem, 20, será de fato o primeiro dia em que conseguirei me liberar. Então pegarei um trem bem cedo e passarei o resto do dia e a quarta-feira com vocês. Aguarde firme até lá e creia-me seu sempre atrasado, mas jamais derrotado,

Henry James

[15] STEVENSON A JAMES¹³¹

[Skerryvore, Bournemouth]

[29 de julho, 1886]

Meu caro James,

Este número¹³² é brilhante mais uma vez – como todos; e Hyacinth e o príncipe são Ma-ra-vi-lho-sos, meu sr., maravilhosos. Eu exultava enquanto o lia; Regozijo-me com aquela cena; é, Oh, tão espirituosa! E interessante como um romance – ouça bem! – quero dizer, interessante como um romance nunca é.

Leia o *Raleigh* do Gosse:¹³³ de primeira.

Do seu,

R.L.S.

[16] JAMES A STEVENSON¹³⁴

¹³⁰ Beinecke Library, manuscrito 4929.

¹³¹ Esta carta não fazia parte da edição de Colvin, e foi incluída no volume organizado por Smith.

¹³² A edição de agosto de 1886 da revista *The Atlantic Monthly*, que trazia o décimo segundo capítulo do romance *The Princess Casamassima*.

¹³³ Edmund Gosse (1849-1928), poeta, historiador, crítico literário e biógrafo, ajudou Stevenson a publicar seus dois primeiros livros. Gosse também foi amigo e confidente de James.

De Vere Mansions, 13, West London

30 de julho [1886]

Meu bom Louis,

Você obedeceu a um impulso iluminado e piedoso ao me enviar palavras de encorajamento em relação a *Princess*. Que a última parte tenha lhe causado palpitações é mais do que eu podia esperar – temia que a qualidade tivesse se retirado dali. Isto me dá alguma esperança de que o restante possa ser, se não melhor, pelo menos não essencialmente pior do que estas páginas de agosto – e que eu possa chegar a porto sem naufragar – ou ao menos sem perder a vida.

Vi várias críticas sobre seu livro, e lhe enviei uma ou duas. São todas admirativas em alto grau – mas são parcas em sabor e apreciação. Assim é, no entanto, a crítica contemporânea. Imagino que tenham chegado mais notícias boas de Sam¹³⁵ – mas *eu* não vejo nenhum iate apontando no horizonte. As melhores saudações à sua boa esposa.

Do seu, sempre,

H. James

O que *ouço* sobre *Kidnapped* é um entusiasmo geral.

[17] JAMES A STEVENSON¹³⁶

De Vere Gardens, 34, West

5 de novembro [1886]

Meu caro Robert Louis,

Preciso lhe dar um bom dia esta manhã e lhe explicar que não o abandonei. Não sou falso nem frio – embora *esteja* resfriado, pela primeira vez, e a pior, em dois anos! Há uma semana, passei para vê-lo, mas você não podia me receber, e sua mulher não estava. No dia seguinte, fui para o campo, onde fiquei por quatro dias, e voltei terrivelmente *enrhumé*, como já foi mencionado. Isso me impossibilitou de ir vê-lo, e desde quarta-feira tenho mantido certa

---

¹³⁴ Beinecke Library, manuscrito 4930.

¹³⁵ Samuel Lloyd Ousborne (1868 – 1947), enteado de Stevenson, tinha andado muito mal de saúde, mas apresentou melhoras depois de um dia no iate da senhora Jenkin.

¹³⁶ Beinecke Library, manuscrito 4931.

distância de Bloomsbury. Estou melhor, mas não estou bem, não bem o suficiente para levar minha influência malévola a seu ser sensível. Não chegarei nem perto de você até que eu esteja imaculado – o que acontecerá nos primeiros dias da semana que vem. Nesse ínterim, estou tristemente no escuro a seu respeito. Peço aos céus que você não esteja sofrendo, ainda que um dia como este não lhe diga muita coisa. Estou impaciente por notícias suas e, no fim, talvez tente, hoje à tarde, encontrar sua mulher, a quem, por favor, transmita as mais afetuosas lembranças do seu fiel,

Henry James

[18] JAMES A STEVENSON¹³⁷

Londres, De Vere Gardens, 34

12 de novembro [1886]

Meu pobre e caro Louis,

Aqui estão três livros – dou-lhe os *prémices* dos capa-amarelas:¹³⁸ ainda não os li. Mesmo assim, recomendo-os a você *de confiance* – que você vai julgá-los mais ou menos abomináveis ou inteligentes. Não ouse perturbá-lo com perguntas sobre você, vou poupá-lo, já que amanhã verei sua mulher. Em breve, espero que você possa me suportar por dez minutos sem risco – eu, que sou tão inócuo. Você não perde muito com seu confinamento nesses dias de lodo e miséria – e quanto a esquecê-lo, quanto menos o vemos, mais vívido você se torna. Não que nós abduquemos de você quando o *vemos* – mas é que você é inextinguível. Melhore pouco a pouco – e isso será para o bem geral. Você pode trabalhar nisso até no leito, para a satisfação particular do seu amigo muito fiel,

Henry James

[19] JAMES A STEVENSON¹³⁹

Londres, De Vere Gardens, 34, West

1 de dezembro, 1886

---

¹³⁷ Beinecke Library, manuscrito 4932.

¹³⁸ Alusão aos romances de capa amarela, sensacionalistas e baratos, assim chamados em função da cor de suas capas (Webster's Revised Unabridged Dictionary, publicado em 1913 por C. & G. Merriam Co.)

¹³⁹ Beinecke Library, manuscrito 4933.

Meu caro Louis,

No dia em que você fugiu de Londres, eu me apresentei no Museu (algumas horas depois) e ouvi do venerável George o relato do bravo feito – acrescido de centenas de detalhes picantes e genuínos. Isso tirou meu fôlego, mas aqueceu meu coração, e a temperatura deste órgão vem subindo regularmente desde que soube que você sobreviveu à aventura de uma forma melhor do que podíamos imaginar. Folgo em saber – sua mulher foi muito boa ao avisar minha irmã. Por dias antes de sua fuga eu tentei chegar até você – mas minha viagem e o ar impenetrável foram obstáculos reais. No dia anterior, parti em sua direção a pé – mas pifei em Piccadilly, e só consegui voltar para casa, tateando meu caminho aos trancos e barrancos. Sábado passado fui visitar uns amigos (fiquei até segunda) que moram perto de Southampton e vislumbrei a possibilidade de parar em Bournemouth em meu caminho de volta. Mas a visão dissipou-se à luz de três pensamentos: 1 que, quando eu chegasse lá, talvez você não pudesse nem me ver – ou só pudesse fazê-lo por no máximo dez minutos; 2 que seus pais estariam lá e você poderia estar esgotado demais para outras visitas; 3 eu vou para o exterior amanhã à noite e deveria estar desesperadamente ocupado com 50 coisas que tenho de fazer, não sei como, antes de partir. Portanto, meu caro Louis, dou as costas (por alguns meses) a essa bela ilha sem apertar a mão, em despedida, de seu filho mais brilhante. No entanto, ficarei fora por tão pouco tempo que tal cerimônia seria mero exagero de amizade. Faz mais sentido que eu passe para vê-lo assim que voltar. Peço aos céus, nesse meio tempo, que cuidem especialmente de você. Enquanto estiver lá, espero escrever o artigo para celebrar seu gênio que já há algum tempo prometi à *Century*, e que só não fiz ainda porque eles me disseram à época que, por mais que quisessem muito o artigo, eles não tinham pressa em publicá-lo. Por isso, minha pequena bagagem consiste em grande parte de seus preciosos volumes. Assim que eu enviar meu texto às pessoas da *Century*, elas ficarão tão encantadas que farão uso dele no mesmo instante. Por enquanto, eu me remexo impaciente pelo *recueil* de contos – quero umidificar meu assobio mais uma vez. Conto que essa tarefa me trará prazer infinito. Espero que sua fuga do veneno de Bloomsbury tenha lhe dado um empurrãozinho. Coloco-me aos pés de sua mulher e sou o seu, muito afetuosamente,

Henry James

[20] JAMES A STEVENSON¹⁴⁰

Villa Brichiere. Bellosguardo, Florença

---

¹⁴⁰ Beinecke Library, manuscrito 4934.

19 de dezembro [1886]

Meu caro Louis,

Escrevi para você (um rabisco breve e apressado) antes sair da Inglaterra, mas isso não muda em nada o fato de que eu tenho que tentar de novo ou, o que é ainda mais problemático, que só me resta recorrer à minha habilidade natural de imaginação para saber como você passou essas últimas três semanas. Peço às musas e a todas as influências místicas que fazem as boas cartas (ou melhor, que praticamente não fazem, hoje em dia) para que sua inestimável cabeça esteja no devido lugar. Daria tudo por três palavrinhas – nem que fosse só isso – de sua mulher *à votre sujet*. Espero sinceramente que a volta a Skerryvore tenha sido a melhor possível. Penso em você com frequência, sua imagem vem e vai nessas perfurações tortuosas que são as ruas de Florença. Estou empoleirado numa colina – numa velha *villa* fantasmagórica que uma amiga sublocou para mim por um mês – acima do domo de Brunelleschi. Estou relendo você e re-amando você. Você faria a gentileza de enviar isto que ajuntei aqui a W. Archer, que não conheço, mas a quem tomo a liberdade de pedir um *renseignement* em relação ao assunto do artigo altamente imaginativo que ele consagrou a você e a mim alguns meses atrás, e que eu gostaria de examinar novamente. Não sei, no mais, como fazer para lembrar do nome e da data da *Revista*, você poderia me enviá-la – ou me dizer – retomo esta frase – é uma mera tentativa de averiguar quando aquele seu volume de *contos* curtos anunciado há algum tempo vai realmente sair. Quero tê-lo em mãos para o que vou escrever logo mais sobre você (já estou molhando minha pena, assim de repente) e, no entanto, odeio ter de esperar por ele. Bain vai me mandar um exemplar quando sair – mas se houvesse algo como uma versão prévia eu prontamente me lançaria sobre ela. Há boas novas de Sam – e sua mulher já tomou sua decisão? Invoco os poderes superiores para que seus pais já tenham partido de Bournemouth. Queira desculpar minha falta de cerimônia. Ao fazer essas perguntas passo a impressão de querer induzi-lo a dar respostas – e eu ficaria feliz em trazer alguma luz para o escuro em que me encontro. Mas acima de tudo, meu caro Louis, esta carta leva a você e a sua mulher a lembrança mais afetuosa do seu muito fiel,

Henry James

[21] STEVENSON A JAMES¹⁴¹

Skerryvore, Bournemouth

---

¹⁴¹ BOOTH e MEHEW, vol. VI.

23 de dezembro, 1886¹⁴²

Todas as saudações!

Meu caro James,

Envio-lhe as duas primeiras páginas do novo volume,¹⁴³ tudo o que já me ocorreu. O restante virá em breve. Sou de fato um tipo bem aceitável, no fim das contas, trabalhei um pouco; uma história boba de Natal (com algumas traquinices) que não será publicada até sabe-se lá quando.¹⁴⁴ Também estou pensando em um volume de versos,¹⁴⁵ boa parte deles será cunhado com minha fala natal, aquela linguagem obscura e oracular: suponho que isso seja uma loucura, mas e aí?¹⁴⁶ Como diz a enfermeira em Marryat, “foi apenas uma pequena”.¹⁴⁷ Temos boas notícias por ora do garoto Samuel, mas suas provisões parecem ter se extraviado: (“Se você quer algo, você tem de incumbir um amigo dos negócios de fazê-lo”.) e pode ser que a uma altura dessa ele esteja de chapéu na mão à beira de uma estrada em Barbados.¹⁴⁸ Minha mulher está *peepy* e *dowie*.¹⁴⁹ duas expressões escocesas com as quais lhe deixarei brigando sem nenhuma ajuda, como uma preparação para minhas obras poéticas. Ela é uma mulher (como você sabe) não de todo desprovida de talento: o talento de extrair a escuridão do eclipse da luz do sol; e recentemente ela tem trabalhado nisso, não sem sucesso ou (como costumávamos dizer) não sem alguma graça. É estranho: brigamos, minha mulher e eu,¹⁵⁰ uma noite dessas; ela me atacou selvagememente, acusando-me de ser um canário; eu retruquei

¹⁴² Colvin datou esta carta como sendo de janeiro de 1887. Há diferenças na pontuação e em várias passagens em relação ao original. Stevenson escreveu esta carta na página de rosto das provas de *The Merry Men*.

¹⁴³ Na edição de Colvin, o livro indicado aqui era *Memories and Portraits*, erro reproduzido tanto por Smith quanto por Le Bris. Trata-se, na verdade, do livro *The Merry Men*.

¹⁴⁴ *The Misadventures of John Nicholson*, publicada em dezembro de 1887.

¹⁴⁵ *Underwoods*.

¹⁴⁶ Nas décadas de 1860 e 1870, o idioma escocês estava em vias de desaparecer. Stevenson já não conhecia mais ninguém cuja primeira língua fosse o escocês. Para ele, a língua tinha um tom de *romance* e de espanto. Em um ensaio de 1887 sobre o pastor John Tod, ele diz que “that dread voice of his that shook the hills when he was angry, fell in ordinary talk very pleasantly upon the ear, with a kinf of honied, friendly whine, not far off singing, that was eminently Scottish” (apud HARMAN, p.42). Stevenson usou o idioma escocês em sua poesia e também em sua prosa, em obras como *Thrawn Janet* e *Weir of Hermiston*. Em meados do século XX, houve um renascimento do escocês, iniciado pelo poeta Hugh MacDiarmid.

¹⁴⁷ A desculpa que a enfermeira dá pelo seu bebê ilegítimo no capítulo 3 de *Mr. Midshipman Easy*.

¹⁴⁸ Toda a passagem sobre Samuel fora excluída da edição de Colvin.

¹⁴⁹ Irascível, triste, sombria.

¹⁵⁰ No original “We fell out my wife and I”, citação de Tennyson: *The Princess*, Parte II, Introductory Song, 1.3.

(aos balidos) protestando que era desnecessário transformar a vida num *King Lear*; logo descobriu-se que haviam dois combatentes mortos no campo de batalha, cada um assassinado por uma flecha da verdade, e nós gentilmente carregamos os cadáveres um do outro. Eis aqui uma pequena comédia para Henry James escrever! Cada um achou que o outro estava ileso a princípio. Mas havíamos desferido punhaladas certeiras.¹⁵¹ Você não diz nada sobre você, o que vou considerar como sendo sinal de boas notícias. O bilhete para Archer foi enviado. Ele é, na verdade, esperto, aquele Archer, e imagino que seja boa pessoa. É uma coisa prazerosa ver alguém que sabe usar a pena; ele sabe; realmente fala o que quer, e fala com estilo; ele vai ao prelo como quem está em casa, não tímido e canhestro como muitos de nós. Bem, boa sorte, e as melhores lembranças do canário e do Rei Lear, da Mulher Trágica e do Homem Frágil.

Robert Ramsay Fergusson Stevenson¹⁵²

É estranho, mas a “mulher triste” ficou assim devido à convivência intensa e prolongada com a alegria, nada mais sério do que isso. Ela lhe manda os melhores votos. Sempre a D.W.¹⁵³

[22] JAMES A STEVENSON¹⁵⁴

Florença, Itália. Hotel du Sud

21 de janeiro [1887]

Meu caro Louis,

Estou envergonhado por não ter agradecido antes pelo seu bilhete amável e encantador que acompanhava algumas das páginas de seu tão deploravelmente adiado volume de contos. Esperava mais, e a chegada de outra fornada de provas teria arrancado alguma eloquência de meus lábios. O fato de seu livro tardar tanto me deixou completamente deprimido – porque queria degustá-lo antes de invocar, em seu nome, a musa da apreciação. No fim, precisei decidir que o aprecio suficientemente sem isso, e acabo de começar meu amável tributo aos seus “poderes excepcionais”. Vou terminá-lo até o fim da semana que vem – então, pelos

¹⁵¹ No original “But we had dealt shrewd stabs”. Possível referência a *Macbeth*.

¹⁵² Referência a dois poetas escoceses do século XVIII, Allan Ramsay e Robert Fergusson.

¹⁵³ Pós-escrito de Fanny. Possivelmente, D.W. são as iniciais de “doleful woman”, traduzido aqui como “mulher triste”.

¹⁵⁴ Beinecke Library, manuscrito 4935.

próximos dias, eu vou realmente conviver com você. Reze para mim – que eu não o ofenda. Se acontecer, será unicamente por que não o incensei à altura – e no entanto vou tentar não ser tão indecentemente melado. Fiquei encantado com seu relato sobre a concussão entre sua exuberância e a moderação de sua mulher, e teria dado tudo para assistir ao debate, o qual me esforçaria para manter nos limites parlamentares. Certamente você tem direito a uma farra espiritual, você que tanto faz pela dos outros. (Isto não é uma citação de meu artigo). E, por outro lado, e pela mesma lógica, sua mulher faz os outros tão felizes que ela tem o direito de fazer uso ela mesma da miséria que lhes poupa. É assim que eu vejo a situação, meus caros amigos, que são ainda mais caros, estou *certo*, um para o outro.¹⁵⁵ Ouvi dizer que vocês estão tendo um inverno ruim e extremamente frio no seu longínquo norte, e me pergunto como vocês conseguem suportar. Espero que não tenham congelado depois de tanto nevoeiro, e ainda que não seja adicto a orações, eu suplico para que no presente momento vocês estejam numa situação suportável. Recuo diante da conduta desesperada de pressioná-los a escrever, mas algumas ideias claras sobre vocês me fariam muito bem. Adoraria saber dos pais – adoraria saber de Sam. Espero que o último já tenha recebido suas provisões – sua agradável conversação certamente poderia tê-lo sustentado por um tempo. Minha estada nestes países ameaça se prolongar – e eu estou disposto a isso. Aluguei os apartamentos de Londres para minha irmã, e, se ela estiver disposta a ficar com eles por um tempo, seguirei no exterior. (Quero dizer, é questão de algumas semanas). Acho a Itália um lugar sereno para se escrever – desde que não seja sobre ela. As manhãs são boas e ainda ensolaradas. Saúdo vocês dois e sou sempre, meu caro Louis, seu – e de sua severa mulher – fiel,

Henry James

[23] STEVENSON A JAMES¹⁵⁶

Skerryvore, Bournemouth

24 de janeiro, 1887¹⁵⁷

Meu caro James,

---

¹⁵⁵ Para outras pessoas, James expressava opiniões não tão lisonjeiras a respeito de Fanny. Em uma carta, referiu-se a ela como uma “poor, barbarous and merely instinctive lady”. Para ele, sua relação com Stevenson fizera dela uma pessoa melhor, mas apenas temporariamente. Alice James registrou em seu diário que Fanny parecia “an appendage to a hand organ” e que o egoísmo dela era tamanho que “produced the strangest feeling of being in the presence of an unclothed being” (HARMAN, p. 282).

¹⁵⁶ BOOTH; MEHEW, vol. VI. Colvin suprimiu alguns trechos do início desta carta.

¹⁵⁷ Colvin datou a carta como sendo de fevereiro de 1887.

Minha maldita saúde me pregou mais uma vez uma peça das mais absurdas, e a criatura que agora vos fala não passa de um miserável e pálido *bouilli* saído de um pote de febre: reumatismo subagudo, murmura o doutor – o rim sobrecarregado, a cordial irritação da pleura, o familiar figado recalcitrante, a vesícula biliar doída e constipada, a dor de cabeça galopante e o diabo a pagar em cada canto de sua economia. Suponho (a julgar por sua carta) que não preciso lhe mandar essas páginas, que me ocorreram torrencialmente durante meu colapso. Estou trabalhando em três livros, aquele de contos, um segundo de ensaios, e outro de – aham – verso. É uma bela ordem, não é? Depois disso não terei mais nada na gaveta. Todo trabalho novo está parado; estava indo bem com *Jenkin*¹⁵⁸ quando essa maldita doença me derrubou do cavalo e me jogou de volta à tarefa de ficar remexendo o esterco que é reeditar. Vou republicar *Virg Puer*¹⁵⁹ como o vol. I dos *Essays* e o novo vol. será o vol. II do *ditto*; serão vendidos, no entanto, separadamente. Isso não passa de falação insípida; no entanto, não tenho condições – ‘não tenho condições de me esforçar para a ação ou para lucubrações’. Meu pai está instável; muitas tristezas e perplexidades rondam a casa de Stevenson; minha mãe está indo para o norte a uma hora dessa, para um negócio de caráter notadamente asqueroso; meu pai (sob tutela de minha mulher) parte amanhã para Salisbury. Eu permaneço na cama assobiando à toa. Em nenhuma parte do céu transparece qualquer coisa encorajadora, afora o bom Colvin que vem me visitar no hotel. Esta visão melancólica da vida piora um tanto com o fato de minha cabeça doer, o que eu sempre encaro como se as instâncias superiores estivessem a tomar liberdades comigo. Esta também é minha primeira carta desde que me restabeleci. Que Deus apresse sua pena laudatória!

Minha mulher partilha de todas as calorosas mensagens.

Do seu,

R.L.S.

[24] JAMES A STEVENSON¹⁶⁰

Villa Bricchieri Colombi, Bellosguardo, Florença

15 de maio [1887]

¹⁵⁸ *Memoir of Fleeming Jenkin* foi publicado em janeiro de 1888 pela Scribner's em Nova York e pela Longman's em Londres.

¹⁵⁹ *Virginibus Puerisque*, publicado em abril de 1881 por Kegan Paul and Co.

¹⁶⁰ Beinecke Library, manuscrito 4936.

Meu caro Louis,

A notícia da morte de seu pai me alcançou esta manhã, aqui, e piora a vergonha que venho sentindo pelo meu longo silêncio. Na mesma hora, envio-lhe este lembrete do enorme interesse que sinto por tudo que lhe toca. Neste caso, sinto que você foi profundamente tocado – e a absoluta falta de informação a seu respeito faz com que minha imaginação dê voltas em círculos melancólicos. Eu o imagino transtornado em todos os sentidos – e envio-lhe, no escuro, minha mais calorosa solidariedade. Conhecia seu pai o suficiente para saber que sensação de colapso a extinção de sua imensa vitalidade deve ter lhe causado. Não sei se (ultimamente) ele andou frágil ou doente – ou se foi levado subitamente, mas quaisquer que tenham sido as circunstâncias, elas certamente foram trágicas. Lembro dele como uma figura maravilhosamente humana, mas, quando o conheci, sua humanidade era totalmente voltada para o trágico. Você sentirá falta dele – uma natureza exuberante como a dele deve ter ocupado um lugar muito importante em sua vida. Mas, seguramente, ainda mais do que sentir a falta dele, você irá se alegrar com a calmaria que vem após o temporal que ele enfrentou – e a morte dele será para você um descanso quase tão grande quanto foi para ele. Que o descanso dele seja profundo! Penso com muito carinho em sua pobre mãe, cuja ocupação principal, em verdade, quase se extinguirá, e eu espero por ela, e por você, que os últimos instantes de vida do seu pai não tenham sido muito penosos. Com toda sinceridade, nos últimos tempos quis lhe escrever inúmeras vezes – mas minhas intenções foram vãs e frustradas. Se não o fiz é porque minha correspondência, quando estou no exterior, é uma batalha diária, semanal, e em algum lugar do campo de batalha eu sou sempre vencido. De qualquer forma, peço, e tenho pedido constantemente, para que você esteja em um de seus períodos menos insuportáveis. Ainda estou na Itália – vou deixando-me ficar, provavelmente por mais um mês. Mande-me umas linhazinhas – nem que sejam dez palavras – de autorrevelação – eu lhe imploro. Talvez sua mulher tenha pena de mim, pois eu a estimo muito. Espero sinceramente que ela vá bem. Estou no escuro sobre a publicação do artigo na *Century* – só pude pedir a eles, de joelhos, que seja logo. Que o céu apresse esse dia! Sempre, meu caro Louis, com um carinhoso aperto de mão,

seu muito fiel,

Henry James

Ps: uma palavra a De Vere Gardens, 34 é a melhor forma de me alcançar, já que meu endereço aqui não é fixo. Vou vê-lo assim que voltar a Londres.

[25] JAMES A STEVENSON¹⁶¹

Florença

16 de maio [1887]

Meu caro Stevenson,

Encontrei, esta manhã, no meu bloco de anotações, a segunda folha de uma carta que lhe escrevi ontem.¹⁶² Você deve ter achado a primeira estúpida sem ela. Eu a suprimi do envelope, sem querer. Agora ela leva, novamente, meus melhores votos e esperanças a vocês dois, e, particularmente, minhas lembranças mais ternas a sua mãe. Como você suporta Edimburgo – e em que estado você chegou lá?¹⁶³ Mando-lhe minha benção e sou afetosamente seu,

Henry James

[26] JAMES A STEVENSON¹⁶⁴

De Vere Gardens, 34, West London

2 de agosto, 1887

Meu caro Louis,

Deixei-o no domingo pela manhã sem dizer adeus – mas achei melhor poupá-lo desse palavrório, já que é provável que o veja logo mais na cidade. Teria gostado muito de fazer uma visita ontem – mas estou totalmente tomado nos últimos tempos, e as horas tornaram-se sordidamente preciosas para mim aqui. Em suma, *tinha* que voltar. Esta carta é para lhe dizer *isso*, com pesar; e para desabafar um pouco mais a respeito do inominável Haggard.¹⁶⁵ Desde que nos vimos, terminei *Solomon* e li metade de *She*. Ah, *par exemple, c'est trop fort* – e o “40 mil” na folha de rosto do meu *She* me deixa deveras indignado.¹⁶⁶ Não é certo que algo assim tão vulgarmente brutal faça o maior sucesso entre os ingleses de hoje em dia. Mais ainda do que a desprezível barateza, me deixa chocado a bestialidade do lado sanguinário da

---

¹⁶¹ Beinecke Library, manuscrito 4937.

¹⁶² Trata-se do final da carta 24.

¹⁶³ Stevenson foi a Edimburgo para as exéquias de seu pai, e caiu de cama, doente.

¹⁶⁴ Beinecke Library, manuscrito 4938.

¹⁶⁵ Sir Henry Rider Haggard (1856-1925) publicou *King's Solomon's Mines* em 1885 e *She* em 1887.

¹⁶⁶ Em inglês “moves me to a holy indignation”, uma brincadeira – intraduzível – com o nome do protagonista do romance, Horace Holly.

coisa – o que, no fim, dá no mesmo – as *hectatombs*¹⁶⁷ baratas que estão por toda a brilhante narrativa. Uma matança perpétua e uma feiura perpétua! Vale a pena escrever um conto de aventura fantástica, com um homem estranho etc., em tom de gíria, matar 20 mil homens, como em *Solomon*, para ajudar seus heróis! Em *She* o próprio narrador mata pelas costas (creio) seu fiel servidor Mahommed, para evitar que ele seja fervido vivo, e descreve como ele “dá um salto no ar” qual um cervo no momento em que recebe o tiro. Ele mesmo é chamado constantemente por um dos personagens de “meu Babuíno”! *Quel genre!* Parecem-me obras nas quais nossa raça e nossa época fazem uma vil figura – e elas subitamente se deprimiram, de forma que ele se vira para *você* para buscar consolo, o seu sempre mais fiel,

Henry James

Ps.: quero dizer consolo *impresso* – nem pense em responder a isto. Espero que o dia seguinte à minha visita não tenha sido ruim.

[27] STEVENSON A JAMES¹⁶⁸

Grand Hotel & Bains Frascati

Plage du Havre, 22 de agosto [1887]¹⁶⁹

É um bom James, e um excelente Henry James, e um vinho particularmente bom; e quanto ao barco, é uma droga de barco, e nós somos todos marinheiros toscos. Queríamos que você estivesse aqui conosco para retratar nossos companheiros disparatados; formam um lote inimitável: temos conosco um ABORRIDO¹⁷⁰ (*B. Bororum*) a quem sua pena sempre em prontidão etc. Todos o saudam: todos bebem à sua saúde diariamente –

¹⁶⁷ No original *hectatombs*, neologismo criado a partir de hecatombe [*hecatomb*] com a palavra recém-inventada na época hectógrafo [*hectograph*], que era um aparato para multiplicar cópias de manuscritos.

¹⁶⁸ BOOTH; MEHEW, vol. VI, p. 3. Esta carta não fazia parte da edição de Colvin, e foi incluída no volume organizado por Smith.

¹⁶⁹ Na verdade, dia 23. Margaret Stevenson registrou que os Stevenson aportaram para almoçar em Le Havre dia 23 de agosto. A carta foi escrita no papel timbrado do hotel. Os tripulantes passaram a noite lá e saíram a bordo do *Ludgate Hill* novamente no dia seguinte. No dia 21 de agosto, Stevenson, sua mulher, o enteado, sua mãe e uma empregada francesa embarcaram em Tilbury rumo à América. O navio fez uma escala em Havre para pegar um carregamento de cavalos e macacos, e Stevenson pegou lá o papel em que ele escreveu esta nota para James, agradecendo-o pela caixa de champanhe que ele lhes entregou no momento do embarque.

¹⁷⁰ *Bore* no original.

“The moon in the ocean¹⁷¹ was dimmed by a ripple
affording a chequered delight.
When the gay jolly Tars passed the word for a tippie.”¹⁷²

O que dá num irrefreado [unchequered] –

R.L.S.

[28] STEVENSON A JAMES

[Newport, Long Island, E.U.A., 18 de setembro, 1887]

Meu caro James,

Aqui estamos em Newport, na casa dos bons Fairchilds;¹⁷³ e que triste fardo despejamos sobre seus ombros. Estou acamado praticamente desde que cheguei. Peguei um resfriado pouco antes de aportar, após ter passado tão bem quanto poderia, e divertido-me mais do que podia imaginar a bordo de nosso zoológico flutuante: garanhões e macacos e seus pares formavam nossa carga; e o vasto continente dessas incongruências rolava de lá pra cá como um moinho de feno; e os garanhões ficavam hipnotizados pelo movimento, mirando a mesa onde jantávamos através das escotilhas, e piscavam os olhos quando a louça quebrava; e os macaquinhos se fitavam uns aos outros desde suas gaiolas, e foram lançados ao mar como pequenos bebês azulados; e o grande macaco, Jacko, percorria o navio a passos largos e vinha se aconchegar em meus braços, para a ruína de minhas roupas; e o homem que tomava conta dos garanhões fez do tombadilho encerado um caramanchão, e se punha ali sentado aos pés de uma divindade cor de ocre, como uma imagem numa caixa de chocolates; e os outros passageiros, quando não estavam enjoados, olhavam e riam. Pegue esse quadro e o faça girar até que os sinos do convés comecem a soar as notas mais inesperadas e as roupas sejam sacudidas de um lado para o outro em nossa cabine e você terá uma ideia do que foi a viagem do *Ludgate Hill*. O navio chegou ao porto de Nova York sem cerveja clara ou escura, soda, curaçu, carne fresca ou água potável; e ainda assim gostamos muitos, e agora sentimos falta do navio.

Minha mulher está bastante esgotada, e eu não estou grande coisa.

¹⁷¹ Smith trocou a palavra *ocean* por *cream* em sua transcrição.

¹⁷² A canção de Charles Dibdin, “The Standing Toast”, de sua ópera cômica *The Round Robin* (1811).

¹⁷³ Charles Fairchild arcou com parte da viagem de Stevenson pelos Estados Unidos.

A América é, como me lembrava, um bom lugar para se comer e para gentilezas; mas, Senhor!, que coisa boba é a popularidade! Sinto falta da obscuridade tranquila de Skerryvore. Se ao menos desse algum dinheiro, disse a Pequenez! e envergonhou-se.¹⁷⁴

Do seu, sinceramente,

Robert Louis Stevenson

[29] STEVENSON A JAMES

[Saranac Lake, Adirondacks, N.Y., 6 de outubro, 1887]

O dia eu não sei; mas o mês
é o triste outubro no mal-assombrado
bosque de Weir.¹⁷⁵

Meu caro Henry James,

Isto aqui é para dizer, *em primeiro lugar*: a viagem foi um enorme sucesso. Todos divertimo-nos (exceto minha mulher) a valer: dezesseis dias no mar com uma carga de feno, parelhas, garanhões e macacos, e num navio que chacoalhava como Deus Todo-Poderoso,¹⁷⁶ sem nenhuma cerimônia, e muitos marinheiros com quem conversar, e os infinitos prazeres do mar – o romanesco disso, a ginástica que é jantar com todo aquele balanço e a louça se espatifando, o prazer – um prazer infinito – de ser embalado pela vaga. Bem, acabou-se.

Segundo, tive uma ótima estada, ainda que um tanto agitada, em Newport e Nova York; frequentei e gostei demais dos Fairchilds, do escultor St. Gaudens, de Gilder da *Century* – vi rapidamente o caro Alexander – e vi muito meu velho e admirável amigo Will

¹⁷⁴ Os Fairchilds já tinham avisado Stevenson que a publicação de *Jekyll and Hyde* fizera dele uma celebridade na América. Mas Stevenson não sabia medir sua popularidade, pois o livro estava sendo muito pirateado – portanto, ele não sabia nem quantas cópias tinham sido vendidas, e também não ganhava um centavo com as vendas. Quando o navio aportou no New York City Harbour, havia pelo menos uma dúzia de jornalistas esperando por ele. Nos Estados Unidos, ele recebeu propostas vultosas de Burlingame e McClure: o primeiro lhe ofereceu 60 libras para que ele escrevesse 12 artigos em 12 meses; o segundo queria lhe dar 2 mil libras para que ele escrevesse um artigo por semana para o *New York World*. Esta ele recusou pois “they would drive even an honest man into being a mere lucre-hunter in three weeks.” Era a primeira vez que Stevenson estava ganhando dinheiro com sua escrita. Ele escreveu a Colvin: “You have no idea how much is made of me here” (HARMAN, p. 327-329).

¹⁷⁵ No original: “I know not the day; but the month it is the drear October by the ghoul-haunted woodland of Weir”. Cf. Poe, *Ulalume*.

¹⁷⁶ A menção a Deus fora excluída da edição de Colvin.

Low¹⁷⁷ – gostaria que você o conhecesse e o apreciasse –, fui retratado em medalhão por St. Gaudens e finalmente escapei para¹⁷⁸

Terceiro, Saranac Lake, onde estamos agora, creio que decididos a gostar e a permanecer até o inverno. Nossa casa – na verdade, a de Baker¹⁷⁹ – fica numa colina, e tem uma vista de um córrego que dá no vale – bendita seja a água corrente! – e também a de alguns montes, e dos tetos prosaicos e pagãos de Saranac; o lago não se vê, mas isso eu não lamento; gosto de água (água fresca, quero dizer) quando ela corre suavemente através das pedras ou então acompanhando o uísque. Enquanto escrevo, o sol (um estranho há tanto tempo) brilha no meu ombro; do quarto ao lado vem o som da máquina de escrever de Lloyd,¹⁸⁰ que compõe uma agradável música enquanto ele tamborila (numa escala que deixa embasbacado este experiente romancista) os primeiros capítulos de um divertido romance de aventuras;¹⁸¹ de um pouco mais longe – as paredes de Baker não são antigas nem massivas – vêm rumores de Valentine no fogão; de minha mãe e de Fanny não ouço nada pelo excelente motivo de que ambas se mandaram, uma para Niagara, outra para Indianopolis. As pessoas reclamam que eu nunca dou notícias em minhas cartas. Varri esta reprimenda.

E agora, *quarto*, vi o artigo;¹⁸² e pode ser por parcialidade natural, mas parece-me o melhor que você já escreveu. Ah, lembro-me do Gautier, que foi uma façanha; e o do Balzac, que era bom; e o do Daudet, que me fez lambar os beijos; mas o R.L.S. é ainda melhor. É tão espirituoso e aponta minhas pequenas fragilidades com uma mão tão precisa (e amigável); Alan¹⁸³ inspira comentários deliciosos, e a briga é elogiada com muita generosidade. Li-o duas vezes, ainda que ele só tenha ficado umas poucas horas em minha possessão; e Low, que o pegou para mim na *Century*, empregou todo o seu tempo para terminar de ler antes de devolvê-lo; e, meu sr., ficamos todos maravilhados. Aqui acaba o papel, e nada, nem a

---

¹⁷⁷ Pintor americano que Stevenson conheceu em Barbizon, a colônia de artistas onde, em 1875, ele também conheceu Fanny Osbourne, com quem viria a se casar.

¹⁷⁸ Stevenson simplesmente abandona esta frase e passa para o parágrafo seguinte.

¹⁷⁹ Andrew Baker era o nome do dono do cottage alugado pela família de Stevenson nos lagos Saranac (HARMAN, p. 331).

¹⁸⁰ A partir de 1887, Sam decide que lhe chamem de Lloyd.

¹⁸¹ Uma versão com muitos erros de *The Wrong Box* foi publicada em 1889 pela Scribner's em Nova York e pela Longman's em Londres. Inicialmente, o livro foi chamado de *The Finsbury Tontine* e depois de *A Game of Bluff*, até receber seu título definitivo.

¹⁸² “Robert Louis Stevenson”, primeiramente publicado na *Century* de abril de 1888 e depois, ainda naquele ano, em *Partial Portraits*.

¹⁸³ Alan Breck, personagem de *Kidnapped*.

amizade, nem a gratidão pelo artigo, me levarão a começar outra folha; então fico por aqui, com as melhores lembranças e os mais ternos votos. Do seu, afetuosamente,

R.L.S.

[30] JAMES A STEVENSON¹⁸⁴

[Outubro, 1887]

... isso tão bem quanto eu. Os outros podem pensar que sim, mas não. O classicismo *natural* das primeiras páginas de *Underwoods*¹⁸⁵ só se compara à sua arte demoníaca. Sim, também eu sou um demônio, e reconheço um par. Não vou temer, mas ansiar com satisfação e confiança por uma considerável carreira de diabruras pela frente. Meu caro Stevenson, eu me deleito com a consciência que você tem da literatura –parece-me impossível que haja pérola mais perfeita que essa. Você não apenas tem tamanha sensibilidade poética, mas é monstruosamente inteligente. Você é tão sabido quanto é genial *quoi!* Daria todos os meus manuscritos não publicados para ter escrito “Sleeps in an Antre of that Alps” e “What Creeping Custom of the Land” e “God’s bright and intricate device of seasons”, assim como outras 20 coisas pinçadas aqui e ali. Bain me disse que o livro está vendendo bastante, e isso é evidente. T. Watts mencionou algo sobre isso no Athenaeum, mas imaginei que Colvin já tivesse lhe falado a respeito, por isso não o fiz eu mesmo, já que me parece detestável receber uma notícia duas vezes quando estamos esperando algo *novo*. Isto revela certa pobreza da fama. Gosse fala de você (dos versos) na *Longman* deste mês, e imagino que ele tenha lhe enviado a revista. Tenho vergonha de lhe confessar que ainda não procurei o sr. Romeike, mas vou fazê-lo imediatamente. Eu teria odiado seus entrevistadores se não os tivesse desprezado; eles foram muito fracos. Deploro, no entanto, a luminosidade violenta que banha a plataforma americana. Deve fazer com que se queira aterrisar na água, por assim dizer. Que país terrivelmente *quente* – para circular com um leque nas mãos! Deixe-me seguir neste refrigerador – apesar de Hugues-Hallet – não tendo uma enteada. Escrevo para você, mas penso igualmente em sua mulher e na sua mãe: diga-lhes que elas habitam [...] ¹⁸⁶

¹⁸⁴ Beinecke Library, manuscrito 4939. Fragmento, o começo da carta está perdido.

¹⁸⁵ Publicado como artigo pela Scribner’s Magazine em 26 de agosto de 1887, e depois como livro por Chatto e Windus, no mesmo ano.

¹⁸⁶ O restante da carta está perdido, com exceção do seguinte pós-escrito.

Ps: Você se lembra do jovem Jack Chapman, que foi a Bournemouth para vê-lo, e o levou ao jardim para ler um conto para você? Há três meses ele *queimou* completamente a mão esquerda – ele colocou a mão sobre o fogo e deixou-a lá –, de modo que teve de ser amputada, isso para se punir por ter feito algo que ele considerou que o desonrava de certa forma. Não sei o que foi, mas um de seus amigos, que vi recentemente em Florença, e que sabe, disse-me que se tratava de algo sem importância. *Tal peculiaridade* vai impressionar Louis. Ele foi encontrado desfalecido, no chão, com o membro destruído. Veneza é agora uma espécie de banho a vapor resplandecente. Mas estou hospedado num grande e fresco palácio de mármore, com afrescos, que uns amigos compraram, e estou confortável e contente. Não me odeie por isso!

H.J.

[31] JAMES A STEVENSON

De Vere Gardens, 34, West London

30 de outubro, 1887

Meu caro Louis,

É verdadeiramente um prazer receber sua carta encantadora (enviada do lago indecifrável) neste exato e abençoado momento. Uma alienação prolongada deixou minha geografia americana vaga, e sem saber *o que* é seu lago, sei menos ainda *onde* ele fica. Não obstante, suspeito vagamente que ele se situe nos Adirondacks; se não for o caso, queira perdoar a ofensa. Deixe-me dizer, sem delongas: fui realmente tomado de alegria por você ter gostado do Artigo. Imaginei – ou melhor, esperava – que você fosse gostar, mas temia que não – isto é, que pudesse não gostar – e, no fim, não estava lá muito convencido, mas a expressão de seu prazer me dá confiança e me recompensa. Senti, enquanto escrevia, que você me servia bem; você foi de fato, meu caro, um assunto excelente – preciso modestamente conceder, ainda que isto tire o brilho do meu mérito. Ser espirituoso e ainda suscitar isso nos outros sem que seja às custas deles, eis uma qualidade rara e nobre, e totalmente sua. Espero sinceramente que seja na *Century* de novembro que a coisa apareça, e que não fique muito evidente para você que eu não tenha visto uma prova – privação que eu detesto. Escrevi para você há umas três ou quatro semanas – a/c Scribner.¹⁸⁷ Parece-me extraordinário o destino que o leva ao projeto de passar o inverno em – bem, onde quer que você esteja. A sucessão de incidentes e lugares

---

¹⁸⁷ Scribner's and Son, editora americana de Stevenson.

em sua carreira é sempre romanesca. Que você encontre o que precisa – dias de inverno brancos e ensolarados, sem precisar abusar do aquecedor ou da carne de porco, com um ar seco e revigorante, lazeres frequentes e nenhum risco de inanição. E que muita prosa boa flua daí. Quisera poder vê-lo – no olho da minha mente: mas *que dis-je?* Eu posso – e os mais ínfimos detalhes de sua choupana de madeira assomam diante de mim. Vejo os batentes, a varanda, a soleira da porta e a maçaneta, e a rua em frente e o quintal atrás. Não fique muito nostálgico da pequena personalidade garbosa de Skerryvore. Tive grande satisfação em saber (pela sra. Procter, é claro) que aquela doce casa ficou para os canadenses. Que eles sejam pontuais com o aluguel. Diga à sua esposa, em seu retorno do oeste selvagem, que eu *suplico* a ela que me escreva e insista nos detalhes, especificações, particularidades. Estou reunindo alguns textos em um volume; e o Artigo, *par excellence*, no centro. Que o ar americano lhe seja leve, meu caro amigo: se dependesse de mim, assim o seria!

Do seu fiel, sempre,

Henry James

Ps.: meu carinho à sua mulher vai sem dizer – mas envio explicitamente minhas saudações amigáveis à sua mãe. Espero que o apreço dela pela América seja restituído. E eu abençoo o percussivo Lloyd.

[32] STEVENSON A JAMES¹⁸⁸

[Saranac Lake, Adirondacks, N.Y., c. 20 de Novembro, 1887]

Meu caro Henry James,

Você talvez fique feliz em saber com o que nossa família anda ocupada. No silêncio da neve, a lâmpada vespertina iluminou um absorto grupo em torno da lareira: minha mãe lendo, Fanny, Lloyd e eu ouvindo com devoção; e a obra foi realmente das melhores que já ouvi; seu autor deve ser louvado e adorado; e qual você supõe que seja o nome da obra? Você mesmo já a terá lido alguma vez? E (estou decidido a chegar ao fim da página sem entregar o ouro, nem que para isso eu tenha que ficar nesta frase o verão todo; porque se você não tiver que virar a página não haverá suspense – e o olho está sempre de prontidão para apanhar nomes próprios; e sem suspense não pode haver prazer neste mundo, pelo menos a meu ver) e, em suma, seu título é *Roderick Hudson*, se você quer mesmo saber. Meu caro James, o livro é muito

---

¹⁸⁸ BOOTH; MEHEW, vol. VI.

inspirado e muito bem feito, e muito fino também. Hudson, a sra. Hudson, Rowland. Ah, são todos de primeira linha: Rowland é um ótimo sujeito, Hudson é tão bom quanto poderia ser (você o conheceu? Desconfio que sim); e a sra. H. nasceu para ser sua mãe, coisa rara de se alcançar em ficção.

Estamos todos firmes e fortes; mas esta não é uma carta minha para você, é a carta de um leitor de *R. H.* para o autor da dita obra, e não diz nada, não pode dizer nada, senão Obrigado.

Vamos reler *Casamassima* como complemento oportuno. Meu sr., acho que essas duas são suas melhores obras; e pouco me importa se os outros sabem disso.

Posso implorar para que, da próxima vez que *Roderick* for impresso, você percorra as páginas dos últimos capítulos e suma com “imenso” e “formidável”? Você simplesmente deixou essas palavras caírem por ali como se tivesse perdido o lenço; você só precisa apanhá-las e metê-las de novo no bolso, e sua casa – que digo? Sua catedral! – estará varrida e provida.¹⁸⁹

Sou, meu caro sr., seu muito satisfeito leitor,

Robert Louis Stevenson

Ps: Talvez isso seja um acesso súbito de honestidade sem causa, talvez eu espere com isso valorizar meu elogio a *Roderick*, talvez eu esteja possuído pelo demônio, mas preciso confessar que não suporto *The Portrait of a Lady*. Eu li o livro do começo ao fim, e até chorei, mas não posso tolerar o fato de você tê-lo escrito; e lhe imploro que você não escreva mais nada do gênero. Infra, senhor: está abaixo de você. Desculpe-me, mas preciso lhe dizer – pode ser sua obra favorita, mas a meu ver está ABAIXO DE VOCÊ como escritor e de mim como leitor. No começo, achei que *Roderick* fosse mais do mesmo; e não posso descrever o prazer que senti quando o vi tomando corpo e me fitando com um semblante humano e cheio de emoção, cujos contornos estão inscritos em minha memória até o último dos meus dias.

R.L.S.

Minha mulher implora seu perdão: imagino que pelo silêncio dela.

[33] JAMES A STEVENSON

---

¹⁸⁹ “Swept and garnished” no original. Possível referência bíblica: “And when he cometh, he findeth it swept and garnished”. King James Bible, Luke 11, 25.

De Vere Gardens, 34, West London

5 de dezembro [1887]

Meu caro Louis,

Poderia quase detestar o pobre Roderick H. (por quem, no melhor dos casos, como acontece com todos os meus esforços e emanações passados e descartados, meu interesse é dos mais escassos) por fazer com que você escreva muito mais sobre ele do que sobre um herói ainda mais fascinante. Se ao menos você tivesse me dado mais um pequeno episódio daquele seriado romanesco, A Vida Prosaica de R.L.S.! Meu caro amigo, você salta muitos capítulos de uma vez. Seu correspondente não faria isso. Fico realmente embevecido que você consiga, tanto tempo depois, encontrar algo naquela obra onde minha musa diminutiva tentou pela primeira vez esticar suas perninhas. É um livro de boa fé, mas, creio, de habilidade limitada. Além do mais, assim que minhas produções foram finalizadas, ou ao menos lançadas ao mundo para ganhar a vida, elas *me* parecem mortas. Elas minguam quando *desmamadas* – apartadas do seio materno, e apenas florescem – um pouco – quando bebem o leite de meu cuidado plástico. Nem por isso estou menos tocado por suas palavras excelentes e amigáveis. Talvez esteja ainda mais tocado pelas que você dedica ao menos favorecido *Portrait*. Meu caro Louis, acho que não o acompanho aqui – por que este livro desperta em você tanto desprezo – já que você pode suportar *Roderick*, ou qualquer outro? Ele é como os outros, e os outros são como ele. Dou-lhe minha palavra: você está sendo injusto com ele – e eu esfolo a cabeça, desnorteado. É certamente um trabalho gracioso, ingênuo, elaborado – com muitas páginas, mas (creio) um assunto interessante, e um bocado de vida e estilo. Aí está! Talvez *todos* os meus trabalhos sejam condenáveis – mas não consigo perceber a danação particular deste um. No entanto sinto como se fosse quase grosseiro defender-me – porque mesmo sua censura me agrada e suas restrições me revigoram. Recebi hoje mesmo do sr. Bain seu *Memories and Portraits*, e lambo os beijos antecipadamente. É muito convidativo, posso ver, e tem o maravilhoso revestimento e o porte de qualquer um de seus livros.

Londres está entrando em seu ritmo de inverno e a neblina densa e gélida nos envolve. Vejo Colvin vez ou outra *dans le monde*, que, no entanto, eu frequento cada vez menos. Sinto realmente sua falta. Meu afeto a sua mulher e sua mãe – minha saudação ao bravo Lloyd.

Do seu fiel, sempre,

H. James

Ps: não posso descrever como estou irritado com a demora da *Century* em publicar meu artigo sobre você – é revoltante. Mas não há o que eu possa fazer, e eles dizem que não sairá antes de março. Eles que vão à m... . Também sinto – muito – não ter nenhuma outra espécie de prosa de meu próprio gênio para lhe enviar. De fato, escrevi um bocado ultimamente – mas esses periódicos abomináveis ficam segurando minhas coisas: não tenho a menor ideia por quê. Mas tenho fé que a dança vai começar em breve, e então você poderá colher algum prazer. Eu lhe imploro, escreva você alguma coisa para alguém que *sabe* e ainda assim está faminto: porque não há sequer um aperitivo aqui para nos manter vivos. Não vou questioná-lo – seria em vão – mas quisera eu saber mais de você. Quero *vê-lo* – onde você mora e como – e conhecer seus dias com algum detalhe. Mas não sei nem o nome de seu habitat nem o dia em que você escreveu sua carta: nada disso figurava na página. Mando-lhe minha bênção mesmo assim.

[34] JAMES A STEVENSON¹⁹⁰

De Vere Gardens, 34 West London

18 de dezembro [1887]

Meu caro Louis,

Você é extremamente acessível a qualquer jovem brilhante e talentoso, mas dou esta carta de introdução a meu jovem amigo Owen Wister,¹⁹¹ que corresponde duplamente a essa descrição, apenas pela forma e pela diversão. Ele não poderá lhe dar nenhuma notícia muito recente minha, mas tenho esperanças de que ele possa me presentear, depois de encontrar com você, às suas custas. Não tenho o mérito de enviá-lo a você – ele vai nas asas de sua própria admiração – mas posso dar este empurrãozinho, com um olho para *détails intimes* de sua saúde e das circunstâncias, ninharias que suas musas aventureiras (você tem meia dúzia delas – uma poligamia desavergonhada) recusam a um amigo que estima os relatos de costumes domésticos. O portador desta carta é neto de bons amigos meus, e reúne o melhor de uma origem americana e inglesa. A mãe de sua mãe é minha distinta e estimada vizinha, a sra. Fanny Kemble¹⁹² – sua própria mãe, uma dama bela e encantadora, que mora perto da

---

¹⁹⁰ Beinecke Library, manuscrito 4942.

¹⁹¹ O escritor Owen Wister (1860-1938), filho de Sarah Bluter Wister. Seu romance mais famoso, *The Virginian* (1902), é considerado o primeiro romance cowboy.

¹⁹² Atriz britânica.

Filadélfia, e que espero que você tenha a ocasião de conhecer um dia. Mas Owen Wister falará por si – e você não encontrará nenhum defeito nisso, pois, parece-me, tal como ele é, você certamente ficará feliz em conhecê-lo. *Vale e valeat!*

Do seu fiel, sempre,

Henry James

[35] STEVENSON A JAMES¹⁹³

[Saranac Lake, 26 de janeiro, 1888]¹⁹⁴

Meu caro e encantador James,

Para citar suas palavras à minha mulher, não creio que alguém escreva cartas mais elegantes, e muito menos tão simpáticas quanto as suas, a não ser Colvin, que porém está mais para um pai severo. Fiquei aflito com seu relato sobre meu estimado Meredith: temo que o que você disse sobre Mariette seja a pura verdade; quisera poder visitá-lo; dadas as circunstâncias, vou tentar escrever; e no entanto (você me entende?) há alguma coisa naquela afetação poderosa, *genialisch*, que me deixa tenso até para escrever uma carta a ele. Não é fácil ficar à vontade com ele; ele se impõe, e é difícil saber o que ali é verdadeiro e o que é impostura travestida de acrobacia intelectual.¹⁹⁵ Li com uma admiração indescritível seu *Emerson*. Começo a ansiar pelo dia em que esses seus retratos serão reunidos num volume: não deixe de me incluir. Mas Emerson é um voo mais alto. Você tem um *Turgueniev*? Você me disse muitas coisas interessantes sobre ele, e parece que as vejo escritas, compondo um retrato gracioso e *bildend* (gostaria de saber de onde vem essa enxurrada de alemão – não abro um livro em alemão desde que troquei os dentes). Meu romance¹⁹⁶ é uma tragédia: quatro capítulos de um total de seis ou sete estão escritos, e nas mãos de Burlingame.¹⁹⁷ Cinco capítulos são a mais perfeita

---

¹⁹³ BOOTH e MEHEW, vol. VI. O comentário sobre Mariette, a filha de 16 anos de Meredith, fora suprimido por Colvin. Ele também cortou algumas palavras e orações.

¹⁹⁴ Colvin data erroneamente esta carta de março de 1888.

¹⁹⁵ Antes de publicar esta carta, Colvin consultou James. Sua resposta, em 5 de janeiro de 1911 traz a seguinte passagem: “By the same token don’t hesitate to print the passage about Meredith *tel quel* – leaving the ‘humbugging’ untouched. The word isn’t invidiously but pictorially and caressingly used – as with a rich, or vague, loose synthetic suggestion. Who in the world is there today to complain of it. *Voilà*.” (BOOTH e MEHEW, vol. VI, p. 104.)

¹⁹⁶ *The Master of Ballantrae*, publicado como folhetim na *Scribner’s Magazine* de novembro de 1888 a outubro de 1889 e em livro pela Scribner’s em Nova York e pela Cassel and Co. em Londres, em agosto de 1889.

¹⁹⁷ Redator chefe da *Scribner’s Magazine*.

tragédia humana, feitos com uma brevidade e um ritmo veloz e saltarelo nos quais me sai muito bem. O último, ou os dois últimos, lamento dizer, não foram tão bem desenhados; quase hesito em escrevê-los; são muito pictóricos, mas são fantásticos; eles envergonham, talvez até degradem, o início. Quem me dera saber disso antes; mas foi assim, em todo caso, que a história me ocorreu. Eu tinha a situação; era uma vontade antiga. O irmão mais velho parte para a batalha de 45 [1745], o mais novo fica; o mais novo, é claro, fica com o título e o patrimônio e se casa com a noiva designada ao mais velho – um acerto de família –, mas ele (o mais novo) sempre a amara, e ela realmente amara o mais velho. Você vê a situação? Então o diabo e Saranac me sopraram esse *dénouement*, juntei as pontas em um ou dois dias de pensamento febril, e comecei a escrever. E agora (me pergunto se não fui longe demais com o fantástico) o irmão mais velho é um ÍNCUBO: supostamente morto em Culloden, ele retorna e leva o dinheiro da família; então vem morar com eles, e é quando acontece a verdadeira tragédia, o duelo noturno dos irmãos (muito natural e, creio, de fato inevitável), e a segunda suposta morte do mais velho. Marido e mulher agora se entendem de verdade, e é então que aparece a rachadura na couraça. Porque a terceira suposta morte e o modo como o irmão mais velho reaparece pela terceira vez é abrupto; abrupto, meu senhor. É mesmo abrupto demais, e temo que desonre o material honesto até aqui; mas o que vem a seguir é altamente pictórico e leva à morte do irmão mais velho pelas mãos do mais novo num assassinato a sangue frio ao melhor estilo, para leitor nenhum botar defeito, espero eu. Veja como é ousado o plano. Não há senão seis personagens, um deles aparece episodicamente, e mesmo assim a história abrange um período de 18 anos e será, imagino, o mais longo de meus trabalhos.

Do seu,

R.L.S.

Li o *Raleigh* de Gosse. Divino.

[36] JAMES A STEVENSON¹⁹⁸

Londres, De Vere Gardens, 34, West

28 de fevereiro, 1888

Meu brilhante e singular Louis,

---

¹⁹⁸ Beinecke Library, manuscrito 4943.

Isto é apenas uma palavra para corrigir uma tolice intrometida na mensagem que lhe despachei há alguns dias, em relação à sua entrada no Athenaeum. Meu comentário sobre você não aproveitar a oportunidade *já* a menos que quisesse foi simplesmente fruto de uma imaginação solidária, e tinha a intenção de concordar com a sua própria ideia a respeito da conveniência do caso. Prova disso é que, ao saber agora mesmo por ele no Museum que você está disposto a colher sem delongas a flor expectante (hurra!) voarei *de ce pas* até a augusta instituição (não o Museum, mas a outra, a sábia, humana, arquiépiscopal e nonagenária assembleia) para figurar como seu segundo, o bom Colvin sendo seu proponente. O comitê certamente o elege, mas de qualquer forma você tem dois patronos. Fazer isso me deixa mais feliz do que ficaria se endossasse um cheque de milhares. *Vogue la galère!* Envio-lhe por este correio os primeiros acontecimentos de uma pequena ficção na *MacMillan*, que vai se estender por seis meses (em lamentáveis bocadas mensais). Em um ou dois dias vou enviar-lhe um artigo que saiu na *Fortnightly*.

Do seu, sempre,

Henry James

Leia, se encontrar pelo caminho, um negócio que saiu em três números da *Atlantic* (março, abril e maio) intitulado *The Aspern Papers*.

[37] STEVENSON A JAMES¹⁹⁹

Manasquan (aham!), New Jersey

[28 de maio, 1888]

Meu caro James,

Em que enxurrada vieram, finalmente!²⁰⁰ Até agora, o que mais gosto é o primeiro número de *A London Life*. Você nunca fez nada melhor, e não sei se alguma vez você já fez algo tão bom quanto o acesso da menina: tip-top. Tenho propagado seus trabalhos recentes em sua terra natal. Tive que apresentar a Low o volume do *Beltraffio*, que o deixou de joelhos; ele ficou

¹⁹⁹ BOOTH; MEHEW, vol. VI. Colvin excluiu o trecho em que Stevenson especula sobre *Two Nations* e comenta sobre Low e o *Georgina's Reasons*.

²⁰⁰ Muitas histórias de James demoraram a ser publicadas pelas revistas porque tiveram que esperar as ilustrações. Em 1888, saíram aos montes: *Louisa Pallant*, na *Harper's* de fevereiro; *The Reverberator*, na *Macmillan's* (fevereiro – julho), *The Aspern Papers*, na *Atlantic Monthly* (março – maio), *The Liar*, na *Century* (maio – junho), *A London Life*, na *Scribner's* (junho – setembro), *Two Countries* (mais tarde intitulada *The Modern Warning*), na *Harper's* de junho.

impressionado com a primeira parte de *Georgina's Reasons*, mas (como eu) não de todo satisfeito com a parte II. É irritante descobrir que o público americano é tão estúpido quanto o inglês, mas eles hão de acordar a tempo: pergunto-me o que eles acharão de *Two Nations*. Presumo que tenha causado algum alvoroço; mas sendo um Baronet inglês (*ou peu s'en faut*) eu mesmo, ninguém se abriu para mim. Eles mal podem acusá-lo de “bajular os ingleses” – esta é sua sina, fui informado – em *Two Nations*; porque creio que você bate em ambas as partes com uma rudeza tão óbvia a ponto de escapar até da cegueira internacional.

Low esteve pregando aqui hoje de manhã sobre a extraordinária superioridade de *Georgina's Reasons* em relação às coisas francesas atuais no que diz respeito a verdade, interesse, audácia e tato. Então creio que lhe consegui um apóstolo. Ao diabo com os cabeças-ocas.

Isto, meu caro James, é uma despedida. Em 15 de junho o iate *Casco* vai (o clima e a ciumenta providência permitindo) zarpar pelos Golden Gates rumo a Honolulu, Taiti, Galápagos, Guayaquil e – espero que *não* ao fundo do Pacífico. Ele levará seu humilde e obediente servo e sua trupe. Parece bom demais para ser verdade, e é uma ótima forma de atravessar a clorose da maturidade que, com todas as doenças que a acompanham, está agora se declarando em minha mente e em minha vida. Dizem-me que não é tão severa quanto a da infância: se eu (e o *Casco*) formos poupados, conto-lhe mais detalhadamente, já que sou uma das poucas pessoas no mundo que não se esquecem de sua própria vida.

Adeus, então, meu bom camarada, e por favor mande-nos umas palavrinhas; esperamos ter três endereços nos próximos dois meses: Honolulu, Taiti e Guayaquil. Mas, se você não ouvir nada mais definitivo, as cartas nos serão encaminhadas da Scribner's. Em 3 (três) dias parto para São Francisco.

Do seu mais cordial, sempre,

R.L.S.

[38] JAMES A STEVENSON²⁰¹

De Vere Gardens, 34, West London

31 de julho [1888]

Meu caro Louis,

---

²⁰¹ Beinecke Library, manuscrito 4944.

Você está longe demais – ausente demais – invisível, inaudível, inconcebível demais. A vida é brevíssima, e a amizade é matéria muito delicada para tais lances, para que se cortem nacos sanguinolentos assim – um ano de uma vez! Portanto, volte. Que tudo vá à breca, que tudo vá a pique – e que você volte logo. Mais um pouco e deixarei de acreditar em você: não quero dizer (no sentido habitual do termo) em sua veracidade, porém literalmente e mais fatalmente em sua verdade – sua existência objetiva. Você se tornou um belo mito – uma espécie de *mort* inusitado, incômodo, insepulto. Mês a mês, você faz soar sua voz em tons tão felizes – mas ela vem de muito longe, do outro lado do globo, e então você é para mim como um mosquitinho andando pela superfície inferior da minha poltrona. Suas aventuras são, sem dúvida, maravilhosas; só não consigo, de fato, evocá-las, entendê-las, acreditar nelas. Posso crer nas que você escreve, Deus sabe, mas não nas que você vive, ainda que as últimas, eu sei, levem a novas revelações acerca das primeiras, e sua habilidade com elas seja, decerto, maravilhosa o bastante. Este é um brado pessoal e egoísta: eu o quero de volta; porque a literatura é solitária e Bournemouth é árida sem você. Seu lugar em meus afetos não foi usurpado por outro, porque não há nem sequer a sombra de outro que possa usurpá-lo. Se houvesse, eu tentaria perversamente me interessar por ele. Mas não há, repito, e literalmente não me interessa por nada senão por sua volta. Não tenho nem mesmo seu romance para enganar o estômago. Os lânguidos e úmidos meses vão passando e nem sinal dele. Sobre a cornija da lareira, vejo tremeluzir o belo retrato de sua mulher – o gentil McClure²⁰² o trouxe há alguns meses, mas a imagem parece difusa, distante e deliciosa como a de uma beldade do século passado. Quisera eu que você tivesse saudade – quisera eu que sua farra chegasse ao fim. O tempo anda sem feição. O verão está impregnado de reumatismo – uma estação sombria, sufocante, como nunca se viu. A cidade está vazia, mas não vou partir. Não tenho dinheiro, porém tenho algum trabalho. Faz pouco, escrevi uma série de relatos breves – esses você não vai ver enquanto não voltar para casa. Acabo de começar um romance²⁰³ que deve sair pela *Atlantic* a partir de 1º de janeiro e que espero concluir antes do fim deste ano. Na verdade, acho que não estarei livre dele até meados do ano que vem. Depois disso, se Deus quiser, não vou, por um bom período, escrever nada que não seja breve. Quero deixar uma multidão de imagens do meu tempo, projetando meu pequeno foco circular sobre o maior número possível de pontos, primando tanto pelo número como pela qualidade, de tal forma que o número chegue a um conjunto que tenha valor como observação e testemunho. Mas não

---

²⁰² Samuel Sidney McClure (1857-1949), jornalista e editor americano.

²⁰³ *The Tragic Muse*.

há uma única criatura aqui para quem eu possa sequer murmurar tal intenção. Nada se destaca nestas ilhas a não ser a vil politicagem. A crítica é de uma estupidez e de uma puerilidade abjetas – ela não existe; ela rebaixa a inteligência de nossa raça a um nível muito rasteiro. Todas as manhãs, Lang, no *D.N.*²⁰⁴ e, creio, em centenas de outros lugares, emprega seu estro fácil e frágil para reduzir tudo ao mais baixo nível da falação filistina – é a visão da velhota aqui ao lado ou do sabichão a uma mesa de jantar.²⁰⁵ Outro dia, a Sociedade dos Autores Ltda. (sou membro e acho que você também, embora eu não saiba bem de que se trate) ofereceu um jantar aos literatos americanos para lhes agradecer as preces em prol do *copyright* internacional. Eu tive o cuidado de me abster por achar precipitada a comemoração, e vejo pelo *Times* desta manhã que a ventilada ventura nunca esteve tão distante. Edmund Gosse enviou-me uma engenhosa biografia de Congreve, que acaba de sair, e eu a li, mas não é tão boa quanto a outra, de Raleigh. Mas basta deste assunto insuportável. [...] ²⁰⁶ Vamos, meu caro Louis, não vivamos à míngua. Não tenho como demovê-lo porque, como disse, mal consigo concebê-lo. Você matou a imaginação em mim – aquela fração que o figurava e na qual você aparecia vívido e próximo. Sua mulher, sua mãe e o sr. Lloyd sofrem também, devo confessar, desta falta de alento, de fé. Tenho, claro, sua carta de Manasquan (é este o nome estúpido?) do dia... Mas que ingenuidade a minha, pensar que havia uma data! Era terrivelmente impessoal – de pouco me serviu. Mais um pouco e já não acreditarei em você, já não poderei lhe mandar minhas bênçãos. Tome esta, portanto, como sua última chance. Sigo seus passos com uma asa dolorida, uma geografia inadequada e uma esperança imorredoura. Sempre seu, meu caro Louis, até o último rallo,

Henry James

[39] STEVENSON A JAMES

---

²⁰⁴ *Daily News*.

²⁰⁵ A resposta de Andrew Lang na *Pall Mall Gazette* ao ensaio de Walter Besant trazia um comentário maldoso sobre *An International Episode*, de James. O crítico dizia preferir uma história como *Margot La Balafree* “to all the Bostonians nymphs who ever rejected English dukes for psychological reasons”. Lang não mencionou o nome de James ou da história em seu ensaio. James, em “The Art of Fiction”, respondeu, sem tampouco nomear Lang: “The writer in the *Pall Mall* opposes the delightful (as I suppose) novel of *Margot la Balafree* to certain tales in which ‘Bostonian nymphs’ appear to have ‘rejected English dukes for psychological reasons.’ I am not acquainted with the romance just designated, and can scarcely forgive the *Pall Mall* critic for not mentioning the name of the author, but the title appears to refer to a lady who may have received a scar in some heroic adventure. I am inconsolable at not being acquainted with this episode, but am utterly at a loss to see why it is a story when the rejection (or acceptance) of a duke is not, and why a reason, psychological or other, is not a subject when a cicatrix is”. Nesta carta, James expressa sem delongas sua opinião sobre o crítico.

²⁰⁶ Trecho ilegível – duas páginas de garatujas.

Honolulu

[Março de 1889]

Meu caro James,

É verdade – confesso – estou em falta com a amizade e (o que não é tão grave, mas ainda assim digno de nota) com a civilização. Passo mais um ano longe de casa. Aí está, nu e cru, e agora sim é que você não põe mais fé em mim e é benfeito (dirá você) e que o diabo me carregue. Mas veja bem, e me julgue com brandura. Tive mais diversão e prazer nos últimos meses do que jamais em minha vida, e mais saúde do que em dez longos anos. E mesmo aqui em Honolulu o frio me fez murchar; e estas preciosas águas estão repletas de ilhas a serem desbravadas; e ainda que o mar seja um ambiente funesto, gosto de navegar; e gosto das borrascas (depois que elas passam); e chegar a uma nova ilha, não sei nem dizer como isso é bom! Em suma: levo por mais um ano esta vida e pretendo tentar me esquivar às flechas envenenadas e pretendo (se possível) voltar são e salvo e conversar com Henry James como outrora; nesse meio-tempo, deixo instruções a H. J. para que me escreva mais uma vez. Que ele envie sua carta aqui para Honolulu, pois meus rumos são incertos; se ela for enviada para cá, há de me seguir e me encontrar, se eu puder ser encontrado; e se eu não puder ser encontrado, o bom James terá cumprido seu dever, e nós estaremos no fundo do mar, onde não se pode esperar que carteiro algum nos descubra, ou definhando numa ilha de coral, servos resignados de algum potentado bárbaro – quiçá até de um Missionário Americano. Minha mulher acaba de enviar à sra. Sitwell uma tradução (*tant bien que mal*) de uma carta* que recebi de meu melhor amigo neste canto do mundo: vá visitá-la e dê uma espiadela na carta; vai lhe fazer bem; é um método de correspondência ainda melhor que o de Henry James. Faço troça, mas, de verdade, é uma coisa estranha para um escriba de meia-idade, gasto e doente como R.L.S., receber uma tal carta de um homem de 50 anos, político de destaque, orador de primeira, a melhor cabeça de seu vilarejo: em poucas palavras, “o deputado mais popular de Tautira”. Meu século XIX veio dar aqui, e se posta ao lado de algo belo e ancestral. Acho que o destinatário de uma carta como essa deveria se cobrir de modéstia – até Mallock,²⁰⁷ diria – e, para mim, mais vale tê-la recebido do que ter escrito *Redgauntlet* ou o sexto canto da *Eneida*. Dito isto, se meus livros me permitiram ou me ajudaram a fazer esta viagem, a conhecer Rui e a receber essa carta, eles não terão sido (segundo a velha fórmula dos prefácios) escritos em vão. Isto pode soar menos a modéstia que a fanfarronice; porém

---

²⁰⁷ W. H. Mallock, de quem Stevenson não gostava. Nome havia sido excluído das publicações anteriores.

posso lhe garantir que, de fato, as duas coisas são verdade. Um pouco do que diz a tal carta é mérito meu; não tudo, mas um pouco pelo menos; e este pouco me orgulha, e todo o resto me envergonha; e quão mais belo é no geral o homem antigo se comparado ao de hoje!

Ora, ora, Henry James é um bom homem, muito embora *seja* do século XIX, e isso a olhos vistos. E para cair em suas graças, quisera eu ser mais explícito; mas, de fato, não tenho como ser menos vago, e não sei dizer o que vou fazer, nem para onde vou por algum tempo ainda. Assim que eu tiver certeza, você saberá. Todos vão muito bem – a mulher, sua compatriota, menos que todos; os problemas não são completamente alheios; mas no geral prosperamos, e somos, afetuosamente, seu,

Robert Louis Stevenson

Enviei dois taitianos para você. Tati, meu chefe, é muito interessante; ambos são, em certo sentido, seja bom com eles!²⁰⁸

*[carta Ori]

Faço você saber de meu grande afeto. Na hora em que você nos deixou, fiquei cheio de lágrimas; minha mulher, Rui Telime, também, e todo o pessoal da casa. Quando você embarcou, senti um grande sofrimento. É por isso que eu fui até a estrada, e você olhou daquele navio, e eu olhei para você no navio com grande tristeza até que vocês levantaram âncora e içaram as velas. Quando o navio partiu, corri pela praia para ver você ainda; e quando você já estava em mar aberto eu gritei para você: “Adeus, Louis”; e quando estava voltando para minha casa, tive a impressão de ouvir sua voz dizendo: “Rui, adeus”. Depois fiquei olhando o navio o quanto pude até cair a noite; e quando ficou escuro eu disse para mim mesmo: se eu tivesse asas eu voaria para o navio para encontrar vocês e para dormir no meio de vocês, para poder voltar à costa e dizer a Rui Telime “eu dormi no navio de Teriitera”.

Depois disso, nós passamos aquela noite na impaciência da tristeza. Por volta de oito horas eu tive a impressão de ouvir sua voz, “Teriitera – Rui – aqui está a hora de *putter* [queijo] e *tiro* [melaço]”. Eu não dormi aquela noite, pensando continuamente em você, meu querido amigo, até de manhã; estando então ainda acordado, fui ver Tapina Tutu na cama dela, e, ai de mim, ela não estava lá. Depois olhei nos quartos de vocês; não fiquei feliz como antes. Não ouvi sua voz dizendo “Olá, Rui”; pensei então que você tinha partido e que você tinha

---

²⁰⁸ Trecho ausente na edição de Colvin.

me deixado. Então saí, fui à praia para ver seu navio e não vi. Aí, chorei até a noite, dizendo para mim mesmo sem parar “Teriitera volta para seu próprio país e deixa seu querido Rui na tristeza, e por isso eu sofro por ele e choro por ele”. Não vou esquecer você em minha memória. Aqui está o pensamento: eu desejo encontrar você de novo. É o meu querido Teriitera a única riqueza que eu desejo neste mundo. São os seus olhos que eu desejo ver de novo. O que deve ser é que meu corpo e seu corpo vão comer juntos na mesma mesa: aí está o que faria meu coração contente. Mas agora estamos separados. Que Deus esteja com vocês todos. Que Sua palavra e Sua misericórdia acompanhem vocês, para que vocês fiquem bem e nós também, segundo as palavras de Paulo.

Ori-a-Ori, quer dizer,
Rui

[40] JAMES A STEVENSON²⁰⁹

De Vere Gardens, 34, West London

29 de abril, 1889

São notícias horríveis, meu caro Louis, notícias odiosas para quem tinha meticulosamente se programado para passar o próximo agosto devorando suas histórias – perto de uma das janelas que dão para o jardim de Skerryvore – como o *lazzarone* napolitano engole os filamentos lubrificados do *vermicelli*. Ainda assim, com minha terrível capacidade de compreendê-las, sou forte o suficiente, superior o suficiente, para dizer *qualquer coisa*, para conversar, depois. É à luz de conversa ilimitada que eu vejo os anos vindouros, e minha honrosa poltrona à beira do fogo precisará de uma sucessão de novas almofadas. Você me faz uma falta escandalosa, porque, meu bom camarada, não há ninguém – literalmente ninguém; e eu de modo algum o acompanho, não posso segui-lo (quero dizer na minha capacidade de conceber e de “perceber”) e agora é absolutamente como se você estivesse morto para mim – quero dizer, para minha imaginação, claro – não para meus afetos ou minhas orações. Então me resignarei a limitar seus possíveis maus tratos, e ficarei perplexo, a suspirar, decididamente de lado, para todo o sempre.

Nada poderia ser melhor do que saber, por notícias escritas de seu próprio punho, que sua saúde e alegria estão exaltadas, e, se outro ano vai botá-lo na linha, de modo que você não “se desfaça” novamente, tentarei me manter ao longo dos áridos meses. Irei ter com a sra.

---

²⁰⁹ Beinecke Library, manuscrito 4945.

Sitwell para ouvir o que o fez corar – deve ser algo muito radical. Seus chefes tribais são turvos para mim – por que não seriam, quando até você é? *Va* por mais um ano – mas não fique distante muito mais do que isso, pois precisaríamos, por legítima defesa, sobreviver a você. [...] ²¹⁰ Eu mesmo não faço muito mais do que ficar em casa e escrever uns contos – até alguns longos – que você verá quando voltar. Nada me convenceria, ao enviá-los a você, a me expor a prejudiciais comparações polinésias. No mais, não há nada nesta terra a não ser o eterno conflito irlandês – o lugar está todo retalhado e ensanguentado com isso. Não há muito o que falar – estou cansado demais de tudo isso –, a não ser que dois ou três dos dias mais interessantes que já vivi foram recentemente na empacotada, pulsante e emocionante pequena corte da Comissão Especial, a respeito do surpreendente drama das cartas forjadas do *Times*. ²¹¹

Tenho uma esperança, um sonho – que sua mãe volte para casa e que possamos ir vê-la e sorver-lhe as narrções. Mas parece-me vão e improvável. Uma bela, maravilhosa carta de sua esposa para Colvin, há alguns meses, parecia indicar que *ela* não se opõe à sua vida selvagem e rebelde. Espero que essa vida sirva um pouco a ela também – quero dizer, que renove sua juventude e suas forças. Será penosa a espera – por sua prosa e por sua pessoa – especialmente porque a prosa não pode ser melhor do que já é, mas a pessoa sim.

Do seu, sinceramente,

Henry James

[41] STEVENSON A JAMES

Union Club, Sidney

19 de fevereiro, 1890

---

²¹⁰ Trecho ilegível.

²¹¹ Em abril de 1887, o *Times* londrino publicou uma série de artigos, “Parnellism and crime”, nos quais Charles Stewart Parnell (1846-1891), líder da facção irlandesa na Casa dos Comuns e defensor do Home Rule, foi acusado de ser cúmplice nos assassinatos do Phoenix Park. Mas os artigos baseavam-se em cartas falsas, forjadas por Charles Pigott, um extremista nacionalista. Numa das cartas, Parnell supostamente mandava matar os representantes do governo britânico em Dublin. O caso foi levado ao tribunal e, em fevereiro de 1890, Pigott confessou a armação e cometeu suicídio logo após, e Parnell foi absolvido das falsas acusações. James e sua irmã Alice tinham um grande interesse pela “questão irlandesa”. No início de 1886, ele escreveu a Grace Norton “We are up to our necks in the Irish question.” Enquanto Alice era beligerante, James achava que a Irlanda estava se deleitando em formas odiosas de irresponsabilidade e licenciosidade: “I see no greatness, nor any kind of superiority in them... They have been abominably treated in the past – but their wrongs appear to me, in our time, to have occupied the conscience of England only too much to the exclusion of other things” (EDEL, 1996, p. 320).

Aqui – na excelente, civilizada e antípoda sala de fumar deste clube, acabo de ler a primeira parte de seu *Solution*.²¹² Meu caro Henry James, isso é arte fina; não se acanhe com a sombra de seus competidores franceses: nenhum deles, nem Maupassant, poderia ter feito algo mais rematado e refinado; seco no toque, mas a atmosfera (como num belo por do sol de verão) é abundante em cor e perfume. Não direi mais; esta nota é *de solutione*; a não ser que eu – que nós – somos todos seus sinceros amigos, e esperamos apertar sua mão em junho.

Robert Louis Stevenson

assinado, selado e
lavrado como seu próprio ato
e feito,
e pensativo e reflexivo,
neste dia dezenove de fevereiro do ano de nosso Senhor
mil oitocentos e noventa
e nada.

[42] JAMES A STEVENSON²¹³

De Vere Gardens, 34, West London

21 de março, 1890

Meu caro Louis e minha cara sra. Louis,

Dou-me conta, com horror e vergonha, que, nos próximos meses, seu retorno à Inglaterra²¹⁴ tornar-se-á uma tal realidade que dentro em pouco eu estarei frente a frente com vocês, estigmatizado pela infâmia quase criminal do meu longo silêncio. Deixe-me romper o silêncio, então, antes que a felicidade em encontrá-los novamente (que os céus apressem esse dia) seja mitigada pela apreensão com o seu desdém. Despacho essas palavras incoerentes para Sydney, na esperança de que elas possam lhes alcançar antes de vocês embarcarem rumo à nossa

²¹² *The Solution*, novela publicada na *New Review* de dezembro de 1889 a fevereiro de 1890. Saiu depois em *The Lesson of the Master* (1892).

²¹³ Beinecke Library, manuscrito 4946. Os comentários sobre a saúde de Colvin não fazem parte da edição de Lubbock.

²¹⁴ Apenas algumas semanas depois de chegarem a Upolu, Fanny e Louis decidiram começar uma plantação em Samoa. A proximidade da civilização – havia um transporte mensal a Sydney, que levava apenas nove dias, e o correio para a Inglaterra demorava semanas, não meses – influenciou a decisão. Compraram uma propriedade no Mount Vaea, a aproximadamente 5 km de Ápia, com pelo menos 50 cabeças de gado e porcos. Havia duas cachoeiras e muitos córregos. Deram-lhe o nome de Vailima, que em inglês significa *five waters*. A propriedade era no topo da montanha, e eles logo arranjaram para que um caminho fosse aberto e uma casa construída. No início de 1890, ele começou a escrever para os amigos para justificar a decisão de permanecer ali. Mas estava planejando uma viagem de volta para arrumar as malas e vender Skerryvore (HARMAN, p. 396).

palpitante Inglaterra. Minha desprezível mudez foi um vil acidente – não preciso nem dizer que não houve a menor pretensão e que não faz nenhum sentido. Tive simplesmente o ano mais atarefado de minha vida e fui de tal forma drenado do fluido da expressão – interligado como está ao cântaro público – que toda minha correspondência secou e morreu de sede. Ademais, vocês tinham de certo modo se tornado inacessível à mente assim como ao corpo, e tinha a sensação de que, em meio a aventuras tão intensas, qualquer notícia minha seria mera falação irrelevante para vocês. Agora, no entanto, vocês *têm de* aceitar as coisas como elas são. Não será nenhuma novidade para vocês o fato de que a perspectiva de seu retorno tornou-se indiscutivelmente a questão do dia. As outras duas questões (a eterna questão irlandesa e Rudyard Kipling) ficaram de fora. (Nós lhe diremos tudo a respeito de Rudyard Kipling²¹⁵ – seu rival nascente; ele já liquidou um imortal – Rider Haggard; a estrela da vez, 24 anos, autor de notáveis histórias anglo-indianas sobre a vida nos quarteis – Tommy Atkins – e extraordinária capacidade de observação). Neste momento, me comprometi (com Colvin) a pleitear ardentemente com vocês sobre a questão de Samoa e sua expatriação. Mas, de alguma forma, quando chega a hora, não posso fazê-lo – em parte porque não consigo acreditar em nada tão horrível (um longo bramido de horror emergiu de todos os seus amigos) e em parte porque antes que qualquer passo assim tão definitivo seja irreversivelmente dado, nós teremos a chance de vê-los e de coroá-los com flores. Quando eu ouvir de seus próprios lábios melódiosos que vocês estão decididos, veremos o que há para ser feito; mas não tomarei nada por certo até que vocês alcem voo ou botem os pés na soleira da porta. Colvin acaba de me contar as últimas novidades inomináveis – quero dizer, a viagem à Samoa e tudo o que a precedeu, e sua mãe gentilmente me comunicou suas próprias informações maravilhosas. Portanto meu silêncio esteve repleto de som – um som às vezes infinitamente amedrontador. Mas a alegria com a sua saúde, meu caro Louis, é uma sensação da qual compartilho – e me faz muito mais feliz do que qualquer coisa que pudesse vir de mim mesmo. Não há nada que possa acontecer comigo que me fará tão bem quanto saber que você está bem. Somos pobres criaturas, submissas e aterrorizadas, do alfaiate e da criada de fora; mas *temos* um ou dois sentimentos *nobres*, mesmo assim. Sua volta provavelmente será melhor para o caro e velho Colvin que qualquer remédio, especialmente porque, depois de dias sombrios, ou meses, ele parece mesmo ter virado sua face para a direção certa. Não o desaponte e não o deixe na mão.

---

²¹⁵ James conheceu Kipling em 1890, e foram amigos até o fim da vida. Quando leu *Mine Own People*, James ficou encantado com o jovem escritor indiano, e escreveu um prefácio para a edição americana do livro como um favor para seu amigo Wolcott Balestier. Mas ali já tinha uma ressalva: “If the invention should ever fail Kipling, he would still have the lyric string and the patriotic chord, on which he plays admirably”. Quando leu *The Light that Failed*, ele admitiu que “there the talent has sometimes failed” (EDEL, 1996, p. 411).

Ele está tristemente magro, mas você o fará robusto. (Veja como sou astuto quando queria parecer desinteressado). De verdade, será uma cura para ele ver você – e o oposto se daria caso ele perdesse você.²¹⁶ Eu, graças a Deus, estou em melhor forma do que quando você embarcou pela primeira vez. Recentemente terminei o romance mais longo e mais caprichado que já escrevi²¹⁷ (ele saiu em um periódico por 16 meses) e o último, neste formato, que jamais farei – sairá como livro em maio. E outras coisas rasas demais para serem rugidas pelo tubo australasiano. Mas a vibração mais intensa de minha vida literária, assim como da de muitos outros, foi *The Master of Ballantrae* – uma joia pura, meu garoto, uma obra de arte inefável e superior. Ela nos deixa a todos tão orgulhosos por você quanto você pode se orgulhar *dela*. Deixe-o enrubescer, traga-o de volta pela mão, florescendo, cara sra. Louis, e falaremos sobre tudo, conforme costumávamos fazer outrora em Skerryvore. Quando nós *tivermos* falado sobre tudo e quando todas as suas histórias tiverem sido contadas, então vocês poderão remar de volta à Samoa. Mas paremos por agora. Minhas saudações mais cordiais ao jovem Lloyd – que está ficando grisalho antes da hora, temo. Fiquei desolado em saber da situação delicada de seu genro. Espero que toda essa tensão tenha passado agora. *Recebam* esta carta antes de embarcar – *não* embarquem antes de recebê-la. Aí, então, partam imediatamente. Mando um volume da Estrela Nascente para que o ciúme os precipite até aqui. Foi o que ele fez a seu negligenciado, ainda que negligente amigo,

Henry James

[43] JAMES A STEVENSON

De Vere Gardens, 34, West London

28 de abril, 1890

Meu caro Louis,

Não respondi, por duas razões, à sua deliciosa carta, ou melhor, ao seu notável bilhete enviado do Sydney Club, mas preciso agradecê-lo por ele agora, antes que as torrentes o tenham engolido ou o lavado de qualquer reminiscência do gosto das coisas terrestres – os trabalhos caseiros dos seus amigos, marinheiros de primeira viagem. Uma das razões mencionadas é que eu havia escrito à Sydney (a/c do enigmático Townes) apenas alguns dias

²¹⁶ Colvin encarou a notícia da mudança de Stevenson para Samoa como uma ofensa pessoal. Em seu *Memories and Notes* ele escreveu: “I persuaded myself that from living permanently in that outlandish world and far from cultivated society both [Stevenson] and his writing must deteriorate” (HARMAN, p. 397).

²¹⁷ *The Tragic Muse*.

antes da chegada de seu bilhete; a outra é que até poucos dias atrás eu alimentava a doce ilusão de que você já teria partido rumo à Inglaterra antes que qualquer coisa pudesse lhe alcançar. Esta esperança tão cara a todos nós foi despedaçada de uma forma para a qual a história fornece um paralelo apenas no comportamento de suas mais famosas coquetes e cortesãs. Você é de fato a Cleópatra macho ou a Pompadour pirata das Profundezas – a Libertina errante do Pacífico. Você nos acena com todo tipo de provocação e possibilidade – e mal temos tempo de abrir os braços para recebê-lo antes de você nos dar suas costas imortais e levantar voo de forma ainda mais provocativa. A moral da história é que temos de permanecer castos, queiramos ou não. De verdade, foi realmente uma decepção ter junho substituído por setembro; mas acredito cegamente na providência que zela por você, em detrimento de todos os outros assuntos humanos – acredito que até mesmo *Ele* desconfie que você sabe o que faz, e mesmo o que *Ele* faz, ainda que a uma hora dessas Ele não já não saiba mais quem é. Além do quê, tenho razões egoístas para me resignar com o fato de que estarei na Inglaterra em setembro, ao passo que, para meu mais intolerável tormento, provavelmente não poderia estar em junho. Portanto, quando você vier, se algum dia você vier, o que do fundo do meu coração eu duvido, eu o verei em todo seu estranho brilho exótico, com sua pintura, suas contas e plumas. Que você cultive uma magnífica safra extra de todas essas coisas (pois elas lhe trarão uma fortuna aqui) nesse verão extra que lhe foi concedido à nossa revelia. Para mim é fascinante e delicioso ver seu apetite pelo *meu* simples pudim caseiro, depois de todos os selvagens petiscos canibais a que você se acostumou. Penso o melhor do pobre pequeno estudo escrito em nosso a duras penas familiar dialeto depois de saber que ele pôde suportar tais viagens e resistir a tais testes. Você alimentou uma vaga presunção em mim – a de tentar chegar até você em junho ou julho com um romance terrivelmente palavroso, mas muito bem-acabado, que sai (provavelmente) nos últimos dias de maio. Se tivesse certeza de que ele lhe alcançaria em algum recife de coral, não hesitaria; porque, sendo sincero e egoísta, não posso (espiritualmente) *não* colocar o livro sob os olhos do único Anglo-saxão capaz de perceber – ainda que não ligue para mais nada nele – quão bem escrito é. Portanto, vou provavelmente lançá-lo às águas e rezar por ele; como suponho que você voltará à Sydney, ele talvez lhe encontre lá, e você pode lê-lo na viagem de volta. Naquela caixa, você *vai ter de*. Não digo isso para suborná-lo antecipadamente a uma tolerância sobrenatural – mas tenho a impressão de que não deixei claro ou disse o suficiente em minha última carta que vida literária grandiosa seu *Master of B.* está levando aqui. De algum modo, um milagre se deu para você (todos eles são para você) e a boa e velha indulgência do gosto inglês *vibrou* com reconhecimento preternatural. Uma quantidade improvável de gente percebeu que *The*

Master é “bem escrito”. É o maior sucesso de crítica que o público leitor inglês pode agora outorgar; onde falhou (o sucesso, salvo que de modo algum falhou!) foi devido à incapacidade constitucional dos árbitros – infectados, por relações vulgares, como se tivessem uma doença inominável. Nós perdemos nosso status – *nous n’avons plus qualité* – para julgar. Não obstante, ano passado você nos despertou no meio da noite, por uma hora – e nós nos arrastamos para fora em nossa roupa de dormir, pulamos o muro do jardim e roubamos uns louros, que estamos brandindo desde então sobre sua cabeça ausente. Digo-lhe isso porque acho que Colvin (provavelmente foi ele – ele está visivelmente melhor – ou então a sra. Sitwell) mencionou outro dia que você tinha perguntado, em uma comovente ignorância virginal, qual teria sido o destino do livro. Seu destino, meu bom camarada, foi simplesmente uma glória brilhante: e suponho – ou melhor, espero – que você descubra que o brilho também tiniu. Outro dia enviei-lhe um novo Zola, um pouco ao acaso: mas não estou seguro de que tenha satisfeito sua curiosidade. Não li *A Besta Humana* – a conhecemos sem isso – e me disseram que Zola relata seu objeto de forma maçante e imperfeita. Leria qualquer coisa nova dele – mas isso é velho, velho, velho. Espero que neste verão sua pena atravessasse as profundezas da arte assim como sua proa, ou sua quilha, ou seja lá como for que isso se chama, vai sulcar os mares do Pacífico. Em que estranhas e maravilhosas tintas você não poderá agora mergulhar sua pena! Banhe-se, eu lhe imploro, na nota penetrante da perfeição, até exalar seus aromas e essências! Diga à sua esposa, por favor, que leia nas entrelinhas tudo o que não tive ocasião de escrever diretamente para *ela*. Espero que ela tenha continuado a destilar para sua mãe o mel das impressões que, há alguns meses, a última me deixou provar por um ou dois dias – em longos favos de papel almaço amarelo. Elas dariam – *vão dar* – um livro deliciosamente agradável. Espero que Lloyd, que eu saúdo e abençoo – esteja vivendo à altura de seus privilégios juvenis – e segregando mel também, de acordo com a doce disciplina da colmeia. Há ainda muito mais coisas para lhe dizer, sem dúvida, mas, se eu continuar, todas elas tomarão a forma de questões, e isso não seria justo. A coisa suprema a dizer é Não, ah *não*, simplesmente arruíne nossos nervos e temperamentos pelo o resto da vida ao não jogar a âncora em setembro, para aquele que, uma vez na vida, não vai errar o lance:

H.J.

[44] STEVENSON A JAMES²¹⁸

²¹⁸ BOTH; MEHEW, vol. VI. A versão publicada por Colvin está significativamente diferente desta e tem muitas passagens excluídas.

Union Club, Sydney

19 de agosto, 1890

Meu caro Henry James,

Kipling é bom demais para durar. *La Bête Humaine* eu já tinha lido em Noumea, enquanto interrogava os descendentes do bando de condenados. Ele, sim, é uma Besta; mas não humana, e, para ser sincero, não muito interessante. “Doenças nervosas: a ala dos homicidas” seria o título mais apropriado. Ah, esse jogo começa a ficar cansativo.

Suas duas cartas longas e amáveis ajudaram a entreter este velho e familiar leito de doente. Assim como um livro intitulado *The Bondman*, de Hall Caine,²¹⁹ gostaria que você desse uma olhada nele. Eis um homem que melhora muito rapidamente. Ele leu um pouco de Victor Hugo; mas, se não me engano, ele tem talento. Não estou nem na metade ainda. Acabo de ler a separação entre Michael e Greeba e, sabe, pareceu-me que está tudo ali: a nota, meu sr., a nota almejada. Leia o livro, e me diga o que achou. Hall Caine, a propósito, aparentemente adota o ponto de vista de Hugo sobre a História e a Cronologia. (Depois, o livro não se mantém; ele foge do controle).

Minha carta para o Dr. Hyde enche-me de vergonha. Ela é brutal e cruel: *la Bête Humaine, quoi!* Quisera eu ter recuperado minha compostura antes de tê-la escrito. Levei quatro meses para recuperar minha compostura; por aí você calcula o tamanho da minha fúria. Geralmente me recomponho em dez minutos, e, quase sem exceção, em 24 horas. Mas o Dr. Hyde teve a capacidade de tocar bem na minha ferida; e a consequência disso é que fui injusto com ele, e agora me arrependo.²²⁰

Preciso lhe dizer abertamente – *não posso* dizer a Colvin – que acho que não voltarei à Inglaterra mais do que uma vez, e então será para morrer. De saúde eu gozo nos trópicos; até aqui, a que chamam sub ou semitropical, só venho para pegar resfriado. Não botei os pés para fora desde minha chegada; passo meu tempo aqui num bom quarto, ao lado da lareira, e leio

²¹⁹ Hall Caine (1853-1931), autor de romances sentimentais, acabara de publicar *The Bondman*.

²²⁰ O reverendo C.M. Hyde, missionário americano no Havaí, escrevera uma carta denigrando o trabalho do finado padre Damien (Joseph de Veuster) da ilha de Molokai, um missionário belga que dedicara 26 anos de sua vida a cuidar dos leprosos de lá. Stevenson passara 12 dias em Molokai no ano anterior, e, em suas palavras, encontrou um homem “Superb with generosity, residual candour and fundamental good humour. [...] A man, with all the grime and paltriness of mankind; but a saint and a hero all the more for that” (HARMAN, p. 376). Stevenson provavelmente leu a carta de Hyde num jornal de Sydney, como parte de um artigo requeentado de um jornal religioso. Stevenson preparou uma réplica impetuosa, “Father Damien: An Open Letter to the Reverend Dr. Hyde of Honolulu”, que imprimiu e distribuiu entre seus amigos e pessoas influentes, incluindo a rainha Victoria, o presidente dos Estados Unidos e o Papa. Stevenson esperou por uma resposta durante quatro meses, em vão (HARMAN, p. 400-401).

livros e cartas de Henry James, e peço que me tragam seu *Tragic Muse*, apenas para que me digam que ainda não é possível achar tal livro em Sydney; e, no geral, vivo placidamente. Mas não posso sair! O termômetro marcava quase 50 graus²²¹ outro dia: não é temperatura para mim, sr. James – como poderia viver na Inglaterra? Desconfio que não sobreviveria. E isto me deixa muito mal? Você pode imaginar como Colvin me pesa na consciência; sinto como se fosse o pior tipo de deserção; mas, ainda assim, ir para casa apenas para ser enterrado não o ajudaria muito. Sinto por Henry James, pela velha Lady Taylor²²² e mais umas quatro pessoas na Inglaterra, e uma nos Estados Unidos. Fora isso, simplesmente prefiro Samoa. Estas são palavras sinceras e sóbrias. (Me abstenho de tudo, menos do pecado, da tosse, de *Bondman*, alguns ovos e uma xícara de chá). Nunca fui afeito a cidades, casas, sociedade ou (parece) civilização. Tampouco, ao que parece, sou muito afeito das (tecnicamente chamadas) verdes pastagens de Deus. O mar, as ilhas e os ilhéus, a vida e o clima insular me fazem – e me conservam – verdadeiramente mais feliz. Nesses dois últimos anos passei muito tempo no mar, e jamais *cansei*, algumas vezes eu de fato ansiei por um porto; mas na maior parte das vezes me entristecia que a viagem acabasse tão cedo; e nem uma vez sequer deixei de ser fiel ao mar azul e a um navio. Está claro portanto para mim que meu exílio no lugar das escunas e ilhas não pode de modo algum ser visto como uma calamidade. Mas para Colvin talvez seja. Fico contente que agora você o conheça: faz com que fique menos solitário, para começar; porque como você sem dúvida já percebeu, no meio daquele burburinho da sociedade, o homem está quase absolutamente sozinho. Quase ninguém o conhece, ele tem uma casca; há carne boa por dentro, mas a casca é intransponível para a grande maioria dos dentes.

Suspeito que nem você nem Colvin tenham estômago para o mar: vocês não poderiam ambos vir nos visitar? Dizem que a náusea faz bem para o fígado. Falaremos sobre isso em outro momento.

Adeus, por ora: preciso pegar minhas provas.

N.B. Até minha mulher sucumbiu um pouco ao mar. Ela mal podia esperar, na última vez em que estávamos em terra firme, para embarcar de novo. Do seu, sempre,

R.L.S.

---

²²¹ Dez graus Celsius.

²²² A viúva do poeta Sir Henry Taylor, de quem Stevenson era amigo. Mesmo após a morte do poeta, em 1886, permaneceu próximo de Lady Taylor e de suas filhas Ida e Una, escritoras.

[45] STEVENSON A JAMES²²³

Vailima, Apia, Samoa

29 de dezembro, 1890

Meu caro Henry James,

É horrível quão pouco todos escrevem, e quanto deste pouco desaparece nas vastas entranhas do Correio. Muitas cartas, tanto as que postei quanto as que me foram enviadas, sei agora que se perderam no caminho: estou de olho no Correio de Sydney, uma enorme estrutura desajeitada com uma torre, que me parece que não está muito longe da cena do crime; mas não tenho prova alguma. *The Tragic Muse*, que você disse que estava a caminho, eu já havia encomendado de um livreiro de Sydney: há cerca de dois meses ele me disse que tinha expedido um exemplar para mim; e eu sigo tragicamente sem musa.

Notícias, notícias, notícias. Que sabemos das suas? Que lhe importam as nossas? Estamos no meio da estação das chuvas, e vivemos entre alarmes de furacões, em um caixote de madeira de dois andares, nada seguro, 650 pés acima do nível do mar e a 3 milhas de distância da praia.²²⁴ Atrás de nós, até a outra encosta da ilha, florestas desertas, picos, e torrentes ruidosas; em frente, encostas verdes que dão no mar, das quais dominamos cerca de 50 milhas.²²⁵ Vemos os navios entrar e sair da perigosa enseada de Ápia; e, se eles ancoram ao longe, podemos até ver seus mastros superiores quando estão fundeados. De sons humanos, além daqueles dos nossos próprios trabalhadores, alcançam-nos, em longos intervalos, saudações dos navios de guerra no porto, o sino da catedral, e o mugido da concha chamando os meninos que trabalham nas plantações alemãs. Ontem, que foi um domingo – a *quantième* é muito provavelmente errônea; você pode agora corrigi-la – tivemos um visitante – Baker de Tonga. Já ouviu falar dele? É um grande homem aqui; acusado de roubo, estupro, assassinato judicial, envenenamento, aborto, desvio de dinheiro público – e, estranhamente, não de falsificação ou de incêndio proposital: você ficaria espantado em ver como chovem acusações nesse mundo dos Mares do Sul. Não tenho dúvidas de que eu mesmo já seja um personagem ilustre; se ainda não for o caso, não deve tardar.

---

²²³ BOOTH; MEHEW, vol. VII. Versão ligeiramente diferente, com algumas correções e uma passagem a mais.

²²⁴ 200 metros de altitude e cerca de 5 quilômetros de distância da praia.

²²⁵ 80 km.

Mas nem todos os nossos recursos ultimamente vêm do Pacífico. Nós tivemos companhia esclarecida: o pintor La Farge²²⁶ e seu amigo Henry Adams.²²⁷ um grande privilégio – se ao menos durasse. Iria vê-los com mais frequência, mas é um lugar complicado de se chegar a cavalo. Tive de fazer meu cavalo nadar da última vez que fui até lá para jantar; e como ainda não devolvi as roupas que tive de emprestar, não ousou voltar se tiver que passar pelo mesmo apuro: parece inevitável – assim que as roupas estiverem limpas, que eu não me meta imediatamente na camisa ou nas calças do cônsul americano! Eles, creio, viriam me ver com mais frequência não fosse a dúvida horrenda que pesa sobre nosso departamento de abastecimento: *frequentemente* não temos quase nada para comer; um convidado simplesmente quebraria a banca; minha mulher e eu jantamos um abacate; muitas vezes jantei pão duro e cebolas. O que você faria com um convidado em época de vacas magras? Você o comeria? Ou serviria um fricassé de trabalhador? No entanto nós nos encontramos e me agrada muito.

Trabalho? O trabalho está parado agora; mas escrevi, creio, uns trinta capítulos do livro sobre os Mares do Sul,²²⁸ todos eles vão precisar de retoques, suponho. Meu Deus, que provação que é um livro longo! O tempo que me tomou para conceber esse volume, antes que eu sonhasse em começar a colocar as coisas no papel, foi excessivo; e depois imagine escrever um livro de viagens *in loco*, quando estou continuamente expandindo minhas informações, revendo minhas opiniões, e vendo as mais bem acabadas partes do meu trabalho desmoronar. Logo, logo não terei mais nenhuma opinião. E sem uma opinião, como amarrar artisticamente um vasto acúmulo de fatos? Darwin disse que ninguém poderia observar sem uma teoria; suponho que ele estivesse certo; é um ponto delicado da metafísica; mas posso jurar que nenhum homem é capaz de escrever sem uma – ao menos da forma como ele gostaria, e minhas teorias derretem, derretem, derretem, e, enquanto elas derretem, as águas do degelo levam embora minha escrita e deixam uma vastidão de áreas vazias – desertos ao invés de terras cultivadas.

Kipling é de longe o jovem mais promissor que apareceu desde que – aham – eu apareci. Sua precocidade e a variedade de seus dotes me espantam. Mas sua prolixidade e pressa me preocupam. Ele deveria proteger sua chama com as duas mãos e “juntar toda sua

---

²²⁶ John La Farge (1835-1910), pintor, era um velho amigo de Henry James. Ele acompanhou Henry Adams à viagem que fez pelos Mares do Sul.

²²⁷ Henry Adams (1838-1918), escritor e historiador.

²²⁸ *In the South Seas* é uma reunião de 47 artigos publicados em folhetim na *New York Sun* e depois em livro pela Scribner's, em 1896.

força e sua doçura em uma mesma bala” (“envolver toda sua força e toda sua doçura com uma mesma bala”? Não me lembro exatamente das palavras de Marvell).²²⁹ É o que os críticos sempre me disseram; mas nunca fui capaz – e certamente nunca culpado – de uma tal produção orgiástica. Nesse ritmo, suas obras vão rapidamente submergir a superfície habitável do globo; e certamente ele tinha bala na agulha para mais do que estes *sketches* sucintos e esses versos lançados ao vento, não? Eu olho, admiro, regozijo-me; mas numa certa ambição que nós todos temos por nossa língua e literatura, me sinto ferido. Tivesse eu a fertilidade e coragem desse homem, creio que poderia erigir uma pirâmide.

Bem, nós começamos a ser fósseis antiquados agora; e já estava mais do que na hora de *algo* surgir para tomar nosso lugar. Certamente Kipling tem o dom; as fadas madrinhas estavam todas embriagadas no seu batismo: o que ele vai fazer com isso?

Vou tentar mandar todo mês uma carta longa a Colvin, a qual, suponho, ele deixará você ver, se tiver algum interesse. Minha mulher teve um abcesso na orelha, mas está melhor agora, e espero que se mantenha razoavelmente bem. Somos um casal muito louco para levar uma vida assim tão rude, mas nós nos saímos muito bem: ela é jeitosa e inventiva, e eu tenho uma qualidade, eu não resmungo. O mais próximo que cheguei disso foi outro dia: tinha acabado de jantar, pensei por um momento, então mandei selar meu cavalo, fui até Ápia e jantei novamente – com um tremendo apetite, devo dizer; esta é minha melhor desculpa. Adeus, meu caro James; arrume um momento para escrever para nós, e registre sua carta.

Do seu, afetuosamente,

R. L.S.

[46] JAMES A STEVENSON²³⁰

De Vere Gardens, 34, West London

12 de janeiro, 1891

Meu caro Louis,

Devo-lhe uma resposta há muito tempo, vergonhosamente – e agora que lancei mão da pena, como se dizia, percebo o quanto ardo por me comunicar com você. Como, em sua magnanimidade, você talvez já tenha esquecido quanto tempo faz que me enviou, de Sydney,

²²⁹ Cf. *To his Coy Mistress*: “Let us roll all our strength, and all/ Our sweetness, up into one ball”.

²³⁰ Beinecke Library, manuscrito 4928. A passagem sobre Gosse não consta da edição de Lubbock, mas Leon Edel a incluiu em suas *Selected Letters* (p. 243.).

a trágica declaração de sua secessão permanente, não vou lembrá-lo de tão detestável data. Aquela declaração, na verdade, me reduziu ao silêncio que guardo há tanto tempo: não podia protestar – não protestei; eu até consenti mecanicamente e à minha revelia; mas não podia *falar* sobre isso – mesmo com você ou com sua mulher. Sentir sua falta é sempre uma dor perpétua – e dores são contraindicadas para as proezas ginásticas. Em suma, nós o perdoamos (que as Musas e as doces Paixões *nos* perdoem!), mas não podemos propriamente *tratá-lo* como se o tivéssemos feito. No entanto, nesse meio tempo há muitas coisas pelas quais tenho que lhe agradecer. Em primeiro lugar, por Lloyd. Ele esteve encantador, nós o adoramos – *nous nous l'arrachâmes*. É um jovem dos mais simpáticos, e nós nos deliciamos com sua conversa fluente e aplaudimos seus modos cortesios. Como você nos achará vulgares quando voltar (tem malícia neste “quando”). Depois, pelas coisas belas e estranhas que você me mandou e que produzem em minha sala uma espécie de vago rumor semelhante à ressaca do Pacífico. Diante delas, meu coração bate – minha imaginação palpita – meus olhos se enchem de lágrimas. Cobri uma parede nua de meu quarto com um acre de tecido pintado, e é como se eu morasse numa tenda samoana – pendurei o triste desenho em sépia justamente onde, 50 vezes por dia, ele me faz lembrar de você. E hoje eu lhe agradeço pelo novo livro de baladas, que acaba de me alcançar por ordem sua. Só tive tempo de ler as primeiras peças – mas vou devorar o restante e partilhar minhas impressões antes de fechar esta carta. De passar os olhos, parecem-me cheias de encanto e da vida imaginativa e “proteica” que você leva – mas acima de tudo me parecem cheias de sua terrível distância. Meu estado de espírito é dos mais estranhos – uma espécie de deleite em saber que você está lá, pairando no inconcebível; e, ao mesmo tempo, uma sensação miserável de estar sentado num péssimo lugar no fundo da plateia, longe demais para acompanhar o espetáculo como se deve. Não quero perder nenhuma de suas vibrações e, do jeito que estou, alcanço apenas algumas delas – e isso é uma aflição constante. Li com um prazer irrestrito os primeiros capítulos de seu livro de prosa²³¹ (gentilmente concedido a mim no pequeno volume vermelho destinado ao sucesso); adorei-os e abençoei-os de verdade. Mas tenho *mesmo assim* uma restrição – senti falta do *visível* – quero dizer, no que diz respeito às pessoas, coisas, objetos, faces, corpos, trajes, feições, modos; senti falta dos elementos preliminares, do toque *pessoal* do pintor. Ou bem você não sentiu – por algum acidente – sua responsabilidade suficientemente engajada neste quesito ou bem, em função de alguma teoria sua, declinou dela. Nenhuma teoria que nos prive de *ver* é boa. Contudo, não tenho dúvida de que vamos esfregar os olhos de satisfação antes que

---

²³¹ *The South Seas*, 1890.

tenhamos terminado a leitura. É claro que as imagens – as abençoadas fotografias de Lloyd – *y sont pour beacoup*; mas eu queria sentir mais a nota do retrato. Sem dúvida, sou guloso – mas quem *não é* quando janta na Maison D’Or? Desconfio que você não tem senão um interesse acanhado por *Beau Austin* – de outro modo eu lhe contaria como estive religiosamente presente àquela *première* memorável.²³² Lloyd e sua maravilhosa e encantadora mãe já terão lhe contado os detalhes agradáveis da ocasião. Eu achei-a – não tanto a ocasião, mas a obra – cheia de *qualidade*, e estampada de encanto; mas, por outro lado, parece desdenhar um pouco demais as precauções cênicas. Desconfio, no entanto, que você não dá a menor importância para esse assunto, e não vou incomodá-lo mais a respeito a não ser para dizer que a peça foi repetidamente encenada, que foi o único acontecimento digno que se discutiu *dans notre sale tripot* depois de muito tempo, e que W. Archer *en raffole* periodicamente no *World*. Não me despreze demais se eu confessar que *anch’io sono pittore*. *Je fais aussi du théâtre, moi*; e o faço, para começar, por razões numerosas demais para importuná-lo, mas todas excelentes e práticas. Uma noite dessas, em Southport, Lancashire, a adaptação de um dos meus primeiros romances – *The American* – foi um sucesso *dont je rougis encore*. A coisa só será representada em Londres daqui a alguns meses – e fará a *tournee* das Ilhas Britânicas primeiro. Não seja duro comigo – a necessidade simplificadora e punitiva pousou sua mão brutal sobre mim e eu tive que tentar ganhar de um jeito ou de outro o dinheiro que não ganho com a literatura. Meus livros não vendem, e parece que minhas peças podem vender. Portanto vou, descaradamente, escrever uma meia dúzia. Já escrevi, na verdade, outras duas além desta que acabou de ser encenada,²³³ e o sucesso pronunciado –

---

²³² *Beau Austin*, escrita por Stevenson e Henley, estreou em Londres no dia 3 de novembro de 1890. Os dois já tinham colaborado na peça *Deacon Brodie*, e escreveram também *Admiral Guinea*. Eles achavam que poderiam ganhar um bom dinheiro com o teatro, sobretudo porque a recepção de *Deacon Brodie* parecia promissora. As peças, no entanto, não eram grande coisa. Segundo Arthur Wing Pinero, Stevenson “was deliberately using outworn models, and doing it, too, in a sportive, half-disdainful spirit. [...] The authors aimed at absolute beauty of words, such beauty as Ruskin or Pater or Newman might achieve in an eloquent passage, not the beauty of dramatic fitness to the character and the situation” (apud HARMAN, p.270.). A colaboração também era exaustiva para Stevenson. Fanny reclamava que Henley exigia demais da saúde frágil do marido, passava muito tempo com ele e bebia todo o uísque da casa.

²³³ Enquanto esperava a estreia de *The American* em Londres, James escreveu uma comédia que chamou de *Mrs. Vibert* (depois ela viria a se chamar *Tenants*), baseada num conto melodramático que ele lera há anos na *Revue de Deux Mondes*. Ele submeteu esta peça a John Hare, um ator-produtor que havia lhe encomendado algo para o teatro. James queria que Geneviève Ward, vinda de uma carreira operística em Nova York, tivesse o papel principal. Ela declinou. James ofereceu o papel à famosa atriz de tragédias Helena Modjeska, que disse que só conseguia ver Ward no papel. Desta forma, Hare perdeu o interesse na peça e descartou-a. A outra, também uma comédia, foi baseada em seu conto *The Solution*. Augustin Daly, um veterano do teatro, estava abrindo uma casa em Londres, e decidiu receber *Mrs. Jasper*, como era chamada então a peça, como uma das atrações de estreia. No entanto, após uma série de desentendimentos entre James e Daly, a peça foi cancelada (EDEL, 1996, p. 367-368).

realmente *pronunciado* – da última vai provavelmente apressar as próximas. Por tudo isso, fico contente que você não esteja aqui. A literatura está fora disso. Não perco uma ocasião para falar de você. Quanto a Colvin, eu o vejo com razoável frequência: suponho que aconteça esta noite, por exemplo, num jantar deste clube decididamente engomado demais ao qual ambos pertencemos, do qual *Lord Coleridge* é presidente e muita gente do tipo de sir Theodore Martin é membro. Felizes os seus ilhéus que não têm sir Theodore Martin. Fui visitar a sra. Sitwell um dia desses em seu encantador novo habitat, todo de cores claras e chintz novo. Sempre falamos longamente de você – celebramos ritos com a mesma devoção dos primeiros cristãos nas catacumbas. Gosse acabou de publicar uma engenhosa, bem-acabada, vívida e bem feita biografia do pai – o fanático e naturalista –, muito feliz na proporção, no tato e talento. A compaixão filial *lui a porté bonheur* – é uma das boas biografias. Ele é no geral próspero e produtivo – creio, no entanto, que ele se dedica demais às “coisas menores” da literatura e muito pouco às oportunidades superiores. Mas eu o acho uma das poucas criaturas inteligentes e, em tais assuntos, convertíveis por aqui.

13 de janeiro – Encontrei Colvin na noite passada, depois de escrever o que está acima, em companhia de sir James Stephen, sir Theo Martin, sir Douglas Galton, sir James Paget, sir Alfred Lyall, cônego Ainger e George du Maurier. Imagino como esta lista o fará lamber os beiços por Ori e Rahiro e Tamatia e Taheia – ou seja lá como for o nome de *ces messieurs et ces dames* que fazem parte atualmente de sua lista de visitas! Ele me falou sobre uma copiosa carta-diário que acabou de receber de você, bendito seja, e estamos acertando para breve um dia para eu ir comer ou beber com ele e ouvir a tal carta. De ontem para hoje também li seu livro de baladas – com a admiração que sempre sinto, como criatura fatalmente inapta para o verso (é um sentimento que não tem nenhum valor como testemunho) diante de qualquer feito em rima e metro – especialmente da parte de produtores de boa prosa.

19 de janeiro – Parei esta carta há mais de uma semana e desde então faltou-me tempo para continuar com ela, tendo estado fora da cidade durante muitos dias por conta de tarefas teatrais menores: para acompanhar um pouco mais meu tributo a mais vulgar das musas em seu circuito provinciano e ensaiar duas ou três partes que precisavam de atuação mais vigorosa. Graças aos céus, não terei mais contato direto com isso até que a peça seja montada em Londres em outubro próximo. Parei no momento em que lhe falava sobre seu livro de baladas. A elaboração de versos sonoros e ritmados (por um prosador superior) sempre me *seduz* um pouco – e eu o invejo nesse sentido pelos seus versos; mas, fora isso, eu não aprovo você escrevendo baladas como essas. Elas mostram sua “destreza”, mas não mostram seu gênio. Eu diria mais, não fosse odioso para um homem do meu refinamento escrever para

você – tão longe e na espera de algo – em tom de protesto. Tampouco acho que o canibalismo, a selvageria *se prête*, por assim dizer – espera-se ou menos disso, em termos de sugestão, ou mais, em termos de documento; e espera-se mais do estilo elevado e impecável (em oposição à ligeireza) quando se trata de poesia. Veja só, *estou* lançando através dos mares escuros uma página que pode, afinal, ser malcriada – mas, meu caro Louis, é apenas porque gosto muito de sua prosa divina e quero o conforto que ela me dá. As coisas são diversas porque escrevemos assim. Não precisamos fazê-las porque são diversas. A única novidade em literatura aqui – tal é a nulidade virtuosa de nossa mente – continua a ser a criança-monstro de Kipling. Anexei aqui, para sua diversão, algumas páginas que escrevi recentemente sobre ele, à guisa de prefácio para um *recueil* americano (obviamente autorizado) de alguns de seus contos.²³⁴ Posso acrescentar que ele acaba de publicar sua mais longa história até agora – uma coisa no *Lippincott*,²³⁵ que também lhe mando aqui – que me tira o chão sob os pés na medida em que acho que é a mais fraca, de uma forma juvenil, de suas produções (apesar de ter muita “vida”), que deixa muito a desejar quanto à composição e à arte de narrar, explicar e até de sugerir.

Por favor, diga a sua mulher, com minha amizade, que tudo isso é endereçado a ela também. Tento imaginá-los todos no que, temo, seja sua ausência de hábitos, como vocês moram, agrupados em torno do que, também temo, não seja de modo algum um lar familiar. Aonde vocês vão quando querem aconchego? – ou, senão, o que vocês *fazem*? Espero que vocês pensem um pouco no fiel abandonado a cujos poderes de evocação e de afeição vocês impõem tamanho esforço. Gostaria de poder mandar até vocês um entregador da Fortnum and Mason com um naco de *mortadella*. Estou tentando fazer uma série de “coisas breves” e mandarei as menos ruins a vocês. Pretendo escrever a Lloyd. Queira felicitar cordialmente, de minha parte, sua heroica mãe quando ela saltar em sua praia, e esteja certo, meu caro Louis, de que vocês estão nas lembranças mais ternas do seu,

Henry James

[47] JAMES A STEVENSON²³⁶

De Vere Gardens, 34, West London

18 de fevereiro de 1891

---

²³⁴ *Mine Own People*, 1891.

²³⁵ *The Light that Failed*, apareceu no *Lippincott's Monthly Magazine*, periódico americano, número de janeiro de 1891.

²³⁶ Beinecke Library, manuscrito 4949. Muitas passagens desta carta foram excluídas das edições anteriores.

Meu caro Louis,

Sua carta de 29 de dezembro é um apelo dos mais tocantes; fico contente em saber que a minha última carta para você foi postada duas ou três semanas antes de eu ter recebido a sua. Se a minha foi – ou terá ido – parar na sua ilha de coral é uma questão a propósito da qual suas revelações sobre o estado do correio samoano me imbuem das piores apreensões. De qualquer modo, cerca de um mês atrás despachei para você – supostamente via São Francisco – uma longa arenga. Devia ter escrito nesse ínterim; mas, mesmo que tenha a impressão de estar sempre com a pena em punho, não consigo realizar nada de tão glorioso assim. Parto amanhã de manhã para um mês em Paris, mas juro que prefiro perder meu trem a partir sem rabiscar umas palavras para você e sua mulher esta noite. Provavelmente não verei por lá nada que possa lhe interessar muito (ou mesmo que possa me interessar enormemente), mas não tendo nem um iate, nem uma ilha, nem uma natureza heroica, mulher, mãe e filho corajosos, ou sequer estômago para o mar, preciso procurar aventuras mais humildes. Outro dia, escrevi contando-lhe mais ou menos o que estava fazendo – *estou* fazendo – nestes meus dias de velhice; e a mesma descrição geral há de servir agora. Estou fazendo o que posso para me lançar na direção dramática – e o curioso da coisa é que estou levando isso quase a sério, como se *tivéssemos* a *Scène Anglaise*, o que não temos. E sonho secretamente em suprir essa lacuna infame? *Pas même* – meu zelo neste caso só se equipara à minha indiferença. O que importa é que, tendo começado a trabalhar nessa direção alguns meses atrás – para dar de comer aos meus pequenos – vejo a *forma* se abrir diante de mim como se houvesse um reino a conquistar: um reino, na verdade, de brutos ignorantes, como são os gerentes, e estúpidos canastrões, como são os atores. Mesmo assim, sinto como se tivesse finalmente *encontrado* minha forma – minha verdadeira forma –, aquela para a qual a pálida ficção é uma substituta inútil. Deus queira que eu não persista nesta verdade herética por mais de dois ou três anos – tempo o bastante para desenterrar oito ou dez obras-primas consideráveis e ganhar dinheiro suficiente para que eu possa me aposentar em paz e me dedicar tranquilamente a *um pouco* de escrita suprema, tão distinta da extorsão que é a Forma acima mencionada. Sua solidão e sua penúria, meu caro Louis, encham meus olhos de lágrimas. Se ao menos fosse possível enviar pacotes a Samoa, eu colocaria a Fortnum and Mason para trabalhar para você. Mas se interceptaram os meus hieróglifos em Sidney, o que não fariam com as linguíças? Certamente há cura para a sua falta de víveres; na falta de outra solução, por que não voltar? Haja o que houver, não devore a sra. Louis. Você é precioso para a literatura – mas ela é preciosa para os afetos, que são maiores, ainda que de um jeito pior... Parece-me estranho que John La Farge e

Henry Adams tenham caminhado por sua praia de coral. O primeiro é um dos dois ou três homens vivos que (sem contar [...])²³⁷ eu conheço há mais tempo – desde antes da puberdade. Ele era notável. Ultimamente não sei dele, e não sei o que ele se tornou. No entanto, ele [...]²³⁸ lugar-comum – ele é um produto estranho e complicado. Henry Adams é tão conversível quanto é permitido a um Adams ser pelo esquema da natureza. Mas o que é incrível para mim é que ambos tenham dado para a vida de bucaneiro quando “já está na hora de voltar” – La Farge muitas vezes *père de famille*.²³⁹ Farei mesmo o possível para ir ao Egito encontrá-lo, se, como o caro Colvin me deu a entender, você aparecer por lá depois da febre errática de Samoa.²⁴⁰ Lá você me daria asas – principalmente se o teatro me der ouro. É um sonho de uma felicidade sem limites. Não deixe de cumprir seu papel nele. Quase me alegro que você pergunte por *The Tragic Muse*; o que me prova, quero dizer, que você está curioso o bastante para que o livro lhe faça falta. Contudo, acabo de postar, registrado, o primeiro exemplar que recebi do primeiro volume, que acaba de sair. Queria ter mandado os três volumes por Lloyd, mas ele parecia certo de que você já os teria recebido, e eu não insisti, pois sabia que ele estava carregado de embrulhos e fardos. Logo mais vou lhe enviar outra *Muse*, e uma, ao menos, há de alcançá-lo. [...]²⁴¹ é um curioso, complicado, feio drama de *fin de siècle* do “grande mundo” [...]²⁴² o que o príncipe de Gales tem a ver com isso. [...]²⁴³ Colvin está de fato melhor, acho eu – se é que alguém que já é tão bom pode melhorar. Deus queira que minha última carta comprida tenha chegado a você. Prometo escrever novamente em breve. Abraço todos vocês com toda minha simpatia e sou sempre seu mais fiel,

Henry James

[48] JAMES A STEVENSON

De Vere Gardens, 34, West London

30 de outubro, 1891

---

²³⁷ Palavra ilegível.

²³⁸ Trecho ilegível.

²³⁹ Esta passagem, que corresponde a duas páginas do manuscrito, foi cortada da versão publicada por Lubbock.

²⁴⁰ *Macbeth*: III, 2. No original: “After the fitful fever of his life”.

²⁴¹ Trecho ilegível.

²⁴² Trecho ilegível.

²⁴³ Trecho ilegível.

Meu caro Louis,

Meus silêncios são ultrajantes, mas, de alguma forma, sinto como se você estivesse fora do alcance do som. Ademais, parece que minha última carta, despachada muitos meses atrás, eu admito, nunca chegou até você. Mas Colvin disse-me que um correio parte amanhã via São Francisco, e a sensação de estar menos distante de você aumenta com o fato de que jantei na noite passada com Henry Adams, que me contou sobre as visitas que lhe fez meses atrás. Ele recriou você e sua mulher para mim como pessoas vivas, e acendeu dessa forma a chama do meu desejo de não esquecer de você e de não aparentar ter esquecido de você. Ele chegou recentemente – a Paris – via Nova Zelândia e Marseille, e acabou de vir a Londres para descobrir que não poderá ir à China, como tinha planejado, por causa do fechamento recentemente decretado, e inexorável, de todas as suas regiões exceto as mais longínquas. Ele cogita agora a Ásia Central, mas não consegue encontrar ninguém para ir com ele – eu, sinto dizer, menos ainda. Ele está para embarcar La Farge de volta – atualmente na Inglaterra com seus amigos franceses (que não vi). Sinto como se tivesse que fazer de minha carta um mingau fumegante de novidades; mas não tenho ideia de por onde começar. Nada, no entanto, parece mais relevante do que a melhora substancial do estado de saúde de Colvin. Jantei com ele há alguns dias no Athenaeum e ele me deu a impressão de estar muito melhor do que nos últimos anos. Ele esteve nas trevas – e por tempo prolongado; mas creio que já vê a luz do dia e escuta os pássaros cantarem. Aquele pequeno demônio negro do Kipling já terá talvez saltado em sua praia de prata quando esta carta lhe alcançar – ele deixou publicamente a Inglaterra para ir a seu encontro muitas semanas atrás – levando o talento literário com ele para fora do país. Como você mesmo vai se haver com ele muito em breve, não é necessário que eu lhe diga mais, a não ser que a natureza esmorece desde que ele partiu e a arte resmunga e se revira na cama. Disseram-me que você e Lloyd despertam ambas em *The Wrecker*,²⁴⁴ mas tive a bravura de não começar o *Wrecker* ainda. Não posso lê-lo em pequenas doses e entre as capas vulgares das revistas; mas só estou esperando a hora certa, enquanto lambo os beijos antecipadamente. Sou um *cockney* ainda mais vil do que aquele que você deixou aqui quando partiu, na medida em que agora nem à Bournemouth vou mais. Em um ano inteiro, não me ausentei de Londres senão duas vezes – uma vez por 6 semanas, na primavera passada, em Paris, e outra no verão, pelo mesmo período de tempo, na Irlanda, que tem um encanto estrangeiro, maltrapilho, que me toca. Então temo não ter muito a mostrar

---

²⁴⁴ *The Wrecker*, que Stevenson escreveu em colaboração com seu enteado Lloyd Osbourne, foi publicado de agosto de 1891 a julho de 1892 na *Scribner's Magazine* e apareceu em forma de livro em junho de 1892.

devido a tal adesão à minha cadeira – a não ser pelos furos nos fundilhos de minhas calças. Escrevi e ainda vou escrever algumas boas história curtas – mas você não será perturbado por elas até que elas se apoiem umas nas outras em um volume. Pretendo nunca mais escrever outro romance; quero dizer, tenho me dedicado solenemente a uma brevidade magistral. Voltei a ela como se volta a um primeiro amor. “*La première politesse de l’écrivain*”, disse recentemente o maravilhoso Anatole France, “*n’est-ce point d’être bref? La nouvelle suffit à tous. (Tal palavra é nouvelle.)*”²⁴⁵ *On peut y renfermer beaucoup de sens en peu de mots. Une nouvelle bien fait est le régal des connoisseurs et le contentement des difficiles. C’est l’elixir et la quintessence. C’est l’onguent précieux.*” Eu o cito porque *il dit si bien*. Mas você pode perguntar a Kipling. Desculpe-me se pareço sugerir que alguém como você, que destilou o elixir, precisa perguntar algo para alguém. Estou cético demais até para mencionar que lhe mandei há séculos *The Tragic Muse* – pois é de se presumir que ela nunca tenha lhe alcançado. Recentemente, apresentei uma peça aqui – uma dramatização de meu velho romance *The American* (ela foi encenada na última primavera em diversos lugares do interior), em circunstâncias de humilhação pública que a colocam na categoria dos começos heroicos. Os jornais criticaram-na sem piedade, e ela foi – por muitos de seus intérpretes – lamentavelmente mal representada; ela também trai a inexperiência de seu autor e sofre terrivelmente com a camisa de força que é a falta do elemento cênico no livro. Mas se não tivesse sido solicitado a fazer essa peça, jamais teria começado; e se não tivesse começado, não teria o firme propósito de mostrar, daqui em diante, que flor de perfeição creio que possa colher nos gastos arbustos – ah, rala vegetação! – da forma dramática. A peça está em sua quinta semana – e vai provavelmente atravessar umas boas outras; mas houve um tempo (no início, Deus sabe!), que fiquei contente por você não estar na Inglaterra. Adams me fez enxergar você – vocês dois – um pouco, e espero que John La Farge consiga fazer ainda mais. (Ele vem daqui a alguns dias.) Colvin leu suas cartas para mim quando pôde, discretamente, e minha vida tem sido um fardo pelo medo de abrir o *Times* a cada manhã e descobrir as agitações samoanas. Mas aparentemente você sobrevive, ainda que eu pouco ganhe com isso. Estamos todos sob água aqui – chove intensamente há cinco semanas – e a terra inglesa está devastada por água, como nos primórdios da geologia. Estou consumido por catarro, reumatismo e lumbago – e ontem, quando Adams me falou sobre os trópicos, quase urrei de frustração. Minha pobre irmã – morrendo devagar e serenamente – está deveras doente para

---

²⁴⁵ O parêntese é de Henry James. Ele estava provavelmente lendo *Causeries*, de Anatole France, no *Le Temps*, publicado como *La Vie Littéraire* (1888-1924).

que eu deixe a Inglaterra no momento: ela tem uma casa em Londres agora. Não sei mais sobre quem falar que você possa se interessar em ouvir. Edmund Gosse escreveu um romance – ainda não publicado – que já conheço um pouco. Hall Caine lançou *A Scapegoat* para o enriquecimento de todos os envolvidos – mas eu não estou envolvido. Vou lhe mandar o livro assim que seu volume diminuir um pouco. Os franceses estão desaparecendo – Maupassant está morrendo paralisado, fruto de hábitos fabulosos, segundo me disseram. *Je n'en sais rien*; mas vou sentir a falta dele. Bourget está casado e vai fazer coisas boas ainda – mando-lhe por este correio seu (para mim maravilhoso, enquanto percepção e expressão – ou seja, como literatura) *Sensations d'Italie*. Vi Daudet no inverno passado, mais ou menos em Paris, que também está *atteint de la moelle épinière* e escrevendo sobre isso na forma de um romance intitulado *La Douleur*, que irá consolá-lo com sua venda. Saúdo sua mulher, meu caro Louis, muito afetuosamente – falo para você também, cara sra. Louis, em cada palavra que escrevo. Quero expressar minhas melhores lembranças à sua heroica mãe – que justifica o filho, e de forma ainda mais magnífica a nora e o jovem neto. Mande meu carinho ao bravo Lloyd. Conceda-me uma página de prosa e creia na alegria que uma declaração de seu florescimento na luxúria tropical, se vertida por sua própria mão, vai trazer a seu velho amigo combalido,

Henry James

[49] STEVENSON A JAMES²⁴⁶

[Vailima, Samoa]

7 de dezembro, 1891

Meu caro Henry James,

Obrigado por sua última carta; a anterior se perdeu; da mesma forma, parece, que meu tratado longo e magistral sobre *The Tragic Muse*. Lembro-me muito bem de ter mandado, e foi para Gosse pelo mesmo correio um tratado longo e magistral sobre a vida do pai dele, que espero há tempos que ele confirme ter recebido, e que certamente foi a pique com o outro. Se você vir Gosse, por favor, mencione o fato. Essas pérolas de crítica são agora literatura perdida, como os tomos de Alexandria. Não poderia refazê-las. E preciso lhe pedir que, por hoje, se contente com uma mente anuviada, uma mão cansada, e uma parca refeição, porque estou fisicamente exausto por trabalhos pesados de todos os tipos, os esforços do lavrador e do escritor se amontoam em cima de mim. Não tenho palavras para dizer quão encantado estou

²⁴⁶ BOOTH; MEHEW, vol. VII. A passagem sobre Henley foi suprimida da edição de Colvin.

com o livro de Bourget: ele tem frases que me afetam quase como Montaigne; tinha lido antes disso seu ensaio magistral sobre Pascal; esse livro me convenceu; estou encomendando todos os ensaios dele por este correio, e vou tentar encontrá-lo quando for à Europa. A proposta é passar um verão na França, acho que em Royat, onde os fiéis poderiam vir me visitar; não são muitos agora. Tive o infortúnio de romper relações com Henley, meu amigo de longa data: uma desgraçada pedra de toque na beira da vida, o que me deixa na situação de um peixe com um anzol na goela: o menor movimento estranho do pensamento, e sou apanhado numa pontada ou numa fígada.²⁴⁷ Espero que Henry James venha e parta o pão conosco uma ou duas vezes. Creio que seremos apenas minha mulher e eu; e ela irá para a Inglaterra, mas não eu, ou possivelmente vá incógnito para Southampton, e depois para Boscombe para ver a pobre Lady Shelley. Estou escrevendo – tentando escrever em uma Babel a ponto de se transformar num abismo sem fim; minha mulher, sua filha, seu neto e minha mãe, todos gritando uns com os outros pela casa – não em guerra, graças a Deus! Mas o ruído é ultramarcial, e a nota de Lloyd ali se junta ocasionalmente, e o motivo desta algazarra é simplesmente cacau, de onde vem o chocolate. Talvez você beba do nosso chocolate daqui a cinco ou seis anos, sem saber. Isso causa um belo alvoroço, e nos dá um enorme trabalho, do qual consegui escapar por hoje.

Tenho uma história saindo: Deus sabe quando ou como; ela responde pelo nome de *The Beach of Falesá*, e a tenho em boa conta. Fiquei encantado com *The Tragic Muse*; achei a *Muse* um de seus melhores trabalhos; fiquei encantado também em ouvir sobre o sucesso de

---

²⁴⁷ A relação dos dois andava estremecida: Stevenson irritou-se com a teimosia do amigo, e com o fato de que ele só fazia o que bem entendesse durante a *tournee* de *Deacon Brodie* pelos Estados Unidos, encabeçada pelo desleixado irmão mais novo de Henley, sendo que a temporada pegava carona na popularidade de *Jekyll and Hyde*; Henley confessou a Samuel McClure que sua influência sobre o trabalho de Stevenson não era suficientemente reconhecida e que o talento dele, na verdade, era superestimado, expressando o ciúme que muitos de seus amigos da época da boemia sentiam quando ele começou a fazer sucesso. Em 1888, ocorreu um mal-entendido que levaria ao rompimento dos dois: a *Scribner's* de março trazia um conto de autoria de Fanny, *The Nixie*. Henley reconheceu ali a ideia que Katherine de Mattos (prima de Stevenson) confidenciara a todos no ano anterior. À época, Fanny deu várias sugestões e se ofereceu para colaborar com ela, mas Katherine declinou. Henley tentou, sem sucesso, conseguir que Katherine publicasse sua história. Mas a *Scribner's* publicou a versão de Fanny, certamente por causa de influência de Stevenson. Henley acusou-a de plágio, e Stevenson tratou de defender a esposa, o que deu origem a uma longa querela. Durante a viagem que fez pelo Pacífico Sul (ele partiu em junho de 1888) Stevenson escreveu alguns bilhetes para Henley com o tom carinhoso dos velhos tempos. Henley respondia, e publicava os escritos de Stevenson no *Scots Observer*, que passou a editar em 1888. Mas, para os outros, ele continuava a reclamar de Stevenson e do *affair* Nixie. Em novembro de 1890, Margaret Stevenson estava na Inglaterra para arrumar sua mudança para Samoa. Lloyd lhe contou que Henley, que morava muito próximo de onde sua mãe estava, não tinha ido sequer uma vez vê-la, o que fez com que Stevenson rompesse de vez com ele. Em fevereiro de 1891, Stevenson escreveu a Baxter: “What a miss I have of him. The charm, the wit, the vigour of the man, haunt my memory; my past is all full of his big presence and his welcome, wooden footstep: let it be a past henceforward: a beloved past, without continuation.” Essa briga causou-lhe muita tristeza até o fim da vida (HARMAN, p. 339-413).

sua peça, como você bem sabe, sou um maldito fracasso, e poderia ter jantado no clube que Daudet e seus companheiros frequentavam.²⁴⁸

O dia seguinte. Acabo de tomar o café da manhã no Baiae and Brindisi, e o charme de Bourget me atormenta. Pergunto-me se esse excelente camarada, todo feito de cordas de violino, fragrâncias e inteligência, poderia suportar qualquer coisa da minha prosa rude. Se você achar que sim, peça a Colvin para mandar-lhe uma cópia destes meus últimos ensaios quando eles saírem; e diga a Bourget que lhe serão enviados de uma ilha nos Mares do Sul como uma homenagem literal. Há anos não lia um livro novo que me causasse a emoção literária que *Sensations d'Italie* causou. Se (como eu imagino) minha literatura comezinha será a morte para ele – e, pior que a morte, jornalismo – cale-se a esse respeito. Tenho uma grande curiosidade em conhecê-lo, e se ele não conhece meu trabalho, terei mais chances de me aproximar dele. Li *The Pupil* outro dia com grande alegria; seu pequeno menino é admirável; por que não há meninos como ele a menos que ele venha da Grande República?

Fico por aqui, e escrevi uma dedicatória para Bourget; não há por que resistir; é um caso de amor. *C'est Venus tout entier, quoi!*²⁴⁹ Ah, ele é maravilhoso, eu abençoo você por ter me presenteado com ele. Eu realmente gostei desse livro como eu – quase como eu – costumava gostar de livros aos 20, 23; e esses são os anos para ler!

R.L.S.

[50] JAMES A STEVENSON²⁵⁰

De Vere Gardens, 34, West London

19 de março, 1892

Meu caro Louis,

Envio-lhe hoje, registrado, um pequeno volume de contos que publiquei recentemente²⁵¹ – boa parte dos quais, no entanto, você pode já ter visto em alguma revista. Por favor, aceite, em todo caso, a modesta oferta. Aceite também meu agradecimento por sua doce carta não datada que recebi há um mês – aquela na qual você fala de Paul Bourget com uma apreciação

²⁴⁸ O “dîner des sifflés”, nos anos de 1870, era frequentado por escritores como Flaubert, Daudet, Edmond de Goncourt, Turgueniev e Zola, cujas experiências no teatro todas fracassaram.

²⁴⁹ Passagem havia sido excluída. Referência a Racine, *Phèdre*. I iii.

²⁵⁰ Beinecke Library, manuscrito 4951. Versão publicada por Lubbock suprimiu os comentários sobre H. Ward e sobre o casamento de Kipling.

²⁵¹ *The Lesson of the Master*, publicado em fevereiro de 1892 pela Macmillan.

e uma felicidade encantadoras. Faço eco à sua admiração – acho o livro italiano uma das coisas mais maravilhosas de nossa época. Correspondo-me apenas ocasionalmente com ele – e não escrevi desde que ouvi de você; mas devo ter uma chance em breve, provavelmente agora, de repetir para ele suas palavras, e elas lhe serão muito ternas. Ele vive a maior parte do tempo, agora, na Itália, e *talvez* eu vá para lá em maio ou junho – ainda que, na verdade, eu tema que isso seja pouco provável. Colvin me falou sobre o volume com algumas de suas preciosidades *inédites* que está prestes a sair,²⁵² e a novidade é um lampejo num mundo vulgar.²⁵³ A vulgaridade da literatura nestas ilhas, hoje em dia, é indizível, e eu me agarro a você da mesma forma que, em meio ao estardalhaço do mercado, a orelha se volta para a música. Ainda assim, por mais paradoxal que isso possa parecer, oh Louis, tive a finura de não ler *The Wrecker* nas páginas do periódico. Este é um heroísmo superior e prudente, e faço com você o que gostaria que fizessem comigo. Acredite, entretanto, que vou saboreá-lo em demorados goles assim que tiver o livro nas mãos. Então lhe escreverei novamente. Você não me diz nada sobre você – por isso não há nada em que acreditar ou a que eu possa me aferrar, salvo a preciosa superstição de que você goza em alguma medida de saúde e conforto. Você está, porém, longe demais para minha imaginação, e, não fosse pela mágica amigável do bom Colvin, que põe uns parafusos aqui e ali, eu seria incapaz de captar e reter a iridescência opalina de sua lenda. E mesmo quando ele fala de possíveis guerras e do clangor de armas, tudo me passa ao largo como se fosse uma antiga canção.²⁵⁴ Você veja como eu preciso de você ao alcance das mãos para me manter no cume da emulação. Você fatiga, em suma, minha credulidade, mas não minha afeição. Nós recentemente nos reunimos, todos, para despachar a você uma testemunha ocular na pessoa do gênio ou do *genus*, ele mesmo, Rudyard, e para o choque de tal personalidade extraordinária com a sua começaremos em breve a dirigir nossos atentos ouvidos. Esperamos ardentemente que, desta vez, a maré de fato o leve até sua praia.²⁵⁵ Com ele irá a nova pequena esposa, cujo irmão, Wolcott Balestier, morto recentemente em plena juventude, quando prometia tanto (não faço alusão, ao dizê-lo, particularmente ao seu lado literário), era um jovem amigo muito estimado. O “futuro” de

---

²⁵² *Across the Plains with Other Memories and Essays*, volume concebido por Colvin.

²⁵³ Referência a Shakespeare: “So shines a good deed in a naughty world”, *The Merchant of Venice*, V. i. 91.

²⁵⁴ Stevenson escrevia longos boletins para Colvin sobre sua vida em Samoa. Depois de sua morte, Colvin editou as cartas no volume *Vailima Letters* (1892).

²⁵⁵ Kipling jamais fez a viagem prometida a Samoa.

Kipling é para mim, hoje, indecifrável; e seu casamento só piora minhas incertezas.²⁵⁶ A principal coisa que me aconteceu nos últimos tempos foi a morte de minha querida irmã há duas semanas – após anos de sofrimento, que, no entanto, não fizeram dela uma pessoa menos excepcional e notável ou diminuíram o efeito deste evento (o que poderia ter acontecido), fazendo uma extrema diferença em minha vida.²⁵⁷ Que dizer de minha ocupação? Nos últimos anos, saio cada vez menos de Londres – mas estou pensando em, mais cedo ou mais tarde (num futuro próximo), me ausentar longamente no estrangeiro, mas não num lugar muito distante. Estou trabalhando com o *breve* – eu abjurei para sempre o longo. Insisto no horroroso pequeno problema teatral, com atrasos e intermissões, mas, é horrível dizer, sem que meu propósito esmaça. Vou em breve publicar outro pequeno livro de contos,²⁵⁸ que lhe enviarei incontinentemente. Escrevi muitas ficções breves no último ano. No que diz respeito a histórias publicadas aqui por mãos mais hábeis, *David Grieve*, da sra. H. Ward, reina. É um monumento de diligência e cultura, sem muita inspiração – cheio de engenhosidade também, ainda que seja ao mesmo tempo de uma mediocridade de doer. O pequeno e bravo Thomas Hardy conquistou um grande sucesso com *Tess of the d'Urbervilles*, que quase só tem defeitos e falsidades e, mesmo assim, tem uma beleza e um encanto singulares. Vou mandar-lhe ambas as obras assim que deixarem de ter três volumes ou de custar 31/6. O que mais se fala por aqui, entretimentos, é sobre o dia em que se poderá acreditar que você virá nos encontrar em alguma acessível praia meridional. Nós *todos* iremos ao Mediterrâneo por você – que isso não lhe pregue a Samoa. Mando minhas saudações aos seus companheiros de jogo – seus companheiros-fantasmas. A esposa-fantasma conhece meus sentimentos. Que o enevoadado fantasma da mãe receba minhas lembranças mais cordiais. O longo espectro Lloyd ri sem dúvida um riso sobrenatural para meu *ébauche* de cumprimento. Ainda assim eu sinto, meu caro Louis, que eu o seguro *de fato* por tempo suficiente para lhe trazer ao coração do velho amigo muito fiel,

Henry James

[51] JAMES A STEVENSON

²⁵⁶ Em janeiro de 1892, apenas um mês após a morte de seu irmão, a pequena Caroline Balestier casou-se com Kipling. Foi um casamento quase secreto, com a família ainda em luto, e a mãe e a irmã de Caroline adoentadas. Foi James que a entregou a Kipling no altar (EDEL, 1996, p. 410-411).

²⁵⁷ Alice James morreu no dia 6 de março de 1892.

²⁵⁸ *The Private Life* foi publicado em Londres por James R. Osgood, McIlvaine & Co., em 3 de junho, e em Nova York pela Harper, em 15 de agosto.

De Vere Gardens, 34, West London

15 de abril, 1892

Meu caro Louis,

Envio-lhe por este mesmo correio as magníficas *Mémoires de Marbot*,²⁵⁹ as quais deveria ter lhe mandado antes, tivesse eu as lido antes e, por consequência, afinado para como poderiam ajudar a distraí-lo do sol reluzente dos trópicos. Os três volumes seguem, registrados, em três pacotes separados, e todas as minhas orações para que escapem dos estranhos perigos do caminho os acompanham e pairam sobre eles. Algumas pessoas, creio, consideram esse fascinante guerreiro como um Munchausen²⁶⁰ *bien-conditionné* – Deus me livre de tal injúria! A mim ele não só encanta, mas convence. Não consigo escrever uma carta hoje, meu caro Louis – há cerca de um mês (quando foi o último correio), mandei-lhe uma longa o bastante, via São Francisco (como esta). Mas não posso deixar de dizer que acabo de ler a última página da adorável coletânea de algumas de suas mais felizes lucubrações publicada pelo caro Colvin.²⁶¹ Elas compõem um volume altamente sedutor e, além do mais, muito honorável. Era indispensável reuni-las, e elas mais do que justificam o volume. A primeira, *The Lantern-Bearers*, e as duas últimas são, é claro, as melhores – estas últimas têm páginas excelentes e admiráveis e lhe dão o mais alto crédito. Você nunca sentiu, pensou, se expressou de modo tão fino e feliz como em muitas dessas passagens, e, de modo geral, você está no seu melhor aqui. Não tenho lido críticas ou jornais (além do quê, a obra mal está no mercado), portanto não sei qual a sorte do livro, mas é suficiente para mim – admito que dificilmente seja suficiente para você – saber que eu o adoro. Almejo pela conclusão de *The Wrecker* – cujo estranho e maravilhoso emaranhado Colvin deslindou outro dia para o êxtase de meus ouvidos. Espero não traí-lo se disser que ele até leu para mim um trecho de uma carta sua muito interessante – ainda que salpicada de um devaneio crítico no qual me perdi um pouco – falando do projeto de um audacioso *roman de mœurs* sobre uma mulher má.²⁶² Você deve imaginar o quanto eu anseio por ele – mas não a ponto de querer que saia antes da

²⁵⁹ Marcellin Marbot (1782-1854), general bonapartista próximo de Louis-Philippe, um dos responsáveis pela conquista da Argélia. Marbot acompanhou Napoleão na Espanha, em Portugal e na Rússia, e foi nomeado general na noite de Waterloo. Os três volumes de suas memórias foram publicados em 1891.

²⁶⁰ Barão von Munchausen (1720-1797), oficial alemão que se tornou um personagem lendário devido a suas longas falas em que se gabava de si mesmo e de suas aventuras imaginárias.

²⁶¹ *Across the Plains*.

²⁶² Stevenson contou a Colvin seu projeto para *Sophia Scarlet* em uma carta de janeiro de 1892. Mas não foi levado adiante.

continuação de *Kidnapped*. Pelo amor de Deus, deixe-me ter ambos. Fico maravilhado com a prodigalidade de sua produção e me regozijo ao ver seu gênio no zênite. Muito em breve deixarei Londres por 3 ou meses – quisera eu que fosse com tudo o que é preciso para desembarcar em sua praia. Às vezes acho que já passei pelo pior no que diz respeito a sentir sua falta, e então descubro que não. Suspiro por você ao redigir estas palavras, pois tenho cada vez menos companhia em minha velhice – estou cada vez mais confinado à solidão, que é o destino inevitável de qualquer um que, nestas ilhas, realmente tenta, mesmo que de um modo tão tímido quanto o meu, *fazer* alguma coisa. Frequentemente me acho a ponto de pegar o trem para Skerryvore, para fazer uma serenata para seus fantasmas, convencê-los a prosear com um pobre camarada. Tome isto, de qualquer forma, como uma invocação lamentosa. Mais e mais uma vez eu saúdo sua mulher, a dama dos lábios cerrados, e sou, meu caro Louis, seu, e de Lloyd e de sua mãe, incansável

Henry James

[52] STEVENSON A JAMES

[Vailima, Samoa]

[25 de maio, 1892]²⁶³

Meu caro Henry James,

Não espere mais do que uma palavra deste ser perturbado e esgotado, e esta palavra será apenas um hurra para Adela.²⁶⁴ Ah, ela é deliciosa, deliciosa; poderia viver e morrer com Adela – morrer, talvez, seja o melhor; você nunca fez algo tão forte, e nunca irá fazer.

David Balfour, a segunda parte de *Kidnapped*, está finalmente no forno; e não é nada mal, creio. Quanto a *The Wrecker*, é uma máquina, você sabe; não espere nada além disso; uma máquina, e uma máquina policial; mas creio que o final seja uma das mais genuínas carnificinas da literatura; e nós apontamos nossa máquina, com um orgulho modesto, como a única máquina policial sem um vilão. Nossos criminosos formam uma tripulação das mais agradáveis, e deixam a galé quase sem nenhuma mancha em sua reputação.

²⁶³ De acordo com Booth, esta carta é de 25 de maio de 1892, ou de até um pouco antes, mas foi datada por outra pessoa dia 26 de maio, e Colvin datou-a erroneamente de outubro de 1891. É uma resposta à carta de James de 19 de março de 1892.

²⁶⁴ Adela é a heroína do conto “The Marriages”, publicado pela Atlantic Monthly em agosto de 1891 e depois incluída no volume *The Lesson of the Master*.

Que mundos distintos são esboçar Adela e tentar escrever os quatro últimos capítulos de *The Wrecker*! Céus, são como dois séculos; e nosso trabalho é tão rude e melodramático, visando somente certo fervor de convicção e o senso de energia e violência no homem; e o seu é tão perfeito e brilhante e de um acabamento tão maravilhoso! Parece de mau gosto mandar tal livro para tal autor; mas seu nome está na lista. E nós humildemente lhe pedimos para analisar os capítulos sobre a *Norah Creina* com o estudo do capitão Nares, e os já mencionados quatro últimos capítulos, em sua matéria bruta e a curiosa (e talvez frouxa) manobra técnica de trazer as partes da história a um ponto de encontro, a narrativa tornando-se cada vez mais sucinta e os detalhes mais apurados a cada página.

Declaração juramentada de R.L.S.

Nenhum pessoa viva bate Adela: eu adoro Adela e seu criador. *Sic subscrib.*

Robert Louis Stevenson

Um poema sublime a seguir:

Adela, Adela, Adela Chart,
What have you done to my elderly heart?
Of all the ladies of paper and ink
I count you the paragon, call you the pink.

The word of your brother depicts you in part:
'You raving maniac!' Adela Chart;
But in all the asylums that cumber the ground,
So delightful a maniac was ne'er to be found.

I pore on you, dote on you, clasp you to heart,
I laud, love, and laugh at you, Adela Chart,
And thank my dear maker the while I admire
That I can be neither your husband nor sire.

Your husband's, your sire's were a difficult part;
You're a byway to suicide, Adela Chart;
But to read of, depicted by exquisite James,
O, sure you're the flower and quintessence of dames.

R. L. S.

ERUCTAVIT COR MEUM.²⁶⁵

---

²⁶⁵ Abertura do Salmo 45. "My heart is inditing of a good matter". A versão revisada traz "overfloweth with a goodly matter".

My heart was inditing a goodly matter about Adela Chart.
 Though oft I've been touched by the volatile dart,
 To none have I grovelled but Adela Chart,
 There are passable ladies, no question, in art –
 But where is the marrow of Adela Chart?
 I dreamed that to Tyburn I fared in the cart –
 I dreamed I was married to Adela Chart:
 From the first I awoke with a palpable start,
 The second dumfounded me, Adela Chart!

Outro verso irrompe de mim, veja você; não há limite para a violência da Musa. *C'est Venus tout entire!*²⁶⁶

[53] STEVENSON A JAMES²⁶⁷

[Vailima]

5 de dezembro, 1891²⁶⁸

Meu caro James,

Como pode um tal silêncio ter se abatido sobre nós? A voz fraca e quase inaudível da autojustificativa murmura que não partiu de mim. Procurei nos meus registros e descobri que não lhe escrevo nem tenho notícias suas desde 22 de junho, dia de graça no qual começou este inestimável trabalho. Não era para ser assim. Como voltar atrás? Lembro-me de ter participado meu entusiasmo com *The Lesson of the Master*, e lembro-me de ter recebido *Marbot*: foi este nosso último contato?

Pois bem, como você provavelmente já deve ter deduzido pelo noticiário, estou enrascado para diabo, e (o que pode ser uma novidade para você) estou trabalhando para diabo. Em 12 meses contados no calendário, terminei *The Wrecker*, escrevi tudo de *Falesá*,²⁶⁹ com exceção do primeiro capítulo, (bem, grande parte de)²⁷⁰ *History of Samoa*, fiz algo aqui e ali para minha biografia do meu avô, e comecei E TERMINEI *David Balfour*.²⁷¹ Que tal isso

---

²⁶⁶ Racine, *Phèdre*, I. iii.

²⁶⁷ BOOTH; MEHEW, vol. VII. A longa passagem sobre Thomas Hardy e a crítica a *Tess of the d'Urbervilles* fora excluída da edição de Colvin.

²⁶⁸ Na verdade, 1892.

²⁶⁹ *The Beach of Falesá*.

²⁷⁰ Inicialmente Stevenson tinha escrito “tudo” [all]; substituiu por “quase tudo” [almost all] e finalmente escreveu “bem, grande parte de” [well, much of] em cima.

²⁷¹ Por exigência dos editores, o livro foi publicado no Reino Unido com o título de *Catriona*.

para um ano? Desde então, posso dizer que não fiz nada além de rascunhar três capítulos de outro romance: *The Justice-Clerk*,²⁷² que deveria produzir raios e trovões – só espero não jogar fora um chifre de Auroque (se é assim que se soletra isso) tentando fabricar uma colher.

No que tange a enrascada, você talvez se divirta ao saber que fui na verdade sentenciado à deportação por meus amigos de Mulinuu, C.J. Cedercrantz e o barão Senfft von Pilsach.²⁷³ A horrível condenação, no entanto, se recusou a cair, devido a Circunstâncias sobre As Quais. Só fiquei sabendo disso (por assim dizer) noite passada. Oficialmente, digo, mas havia rumores. Algum dia saberei da história toda, e então a dividirei com os amigos que têm senso de humor.

Desconfio, no entanto, que essa época de felicidade em Samoa irá cessar logo; e a luz ofuscante da história não vai mais brilhar no Seu Sinceramente e seus companheiros aqui na praia. Nós nos perguntamos se a razão se deleitará mais com o fim de um negócio vergonhoso, ou se o degenerado lamentará mais o fim de sua diversão. Porque, diga o que quiser, foi uma temporada profundamente interessante. Não sabemos o que é notícia, política, ou mesmo a vida do homem, até que a observemos em escala tão reduzida, com nossa própria liberdade em jogo. Não perderia isso por nada. E amigos inquietos me suplicam para que eu fique em casa e estude a natureza humana nos salões de Brompton! *Farceurs*! E, de qualquer forma, você sabe que não tenho talento para isso. Nada me induziria a ter o mais remoto interesse por

---

²⁷² Título original de *Weir of Hermiston*, romance inacabado. Os capítulos foram publicados em *Cosmopolis* de janeiro a abril de 1896, e em livro pela editor Chatto and Windus, de Londres, em maio de 1896. Stevenson começou o romance em 1890 e deixou-o várias vezes, só vindo a trabalhar com mais regularidade nele em suas últimas semanas de vida. *Justice-Clerk* é o segundo juiz mais poderoso da Suprema Corte da Escócia.

²⁷³ Stevenson escreveu uma série de cartas para o *Times* sobre os assuntos samoanos. Seu principal ponto era protestar contra as tentativas dos alemães de tomar o poder na ilha. Desde a década de 1850, com estabelecimento das plantações de copra, cacau e banana em Samoa, eles passaram a exercer uma forte influência. Eles também construíram o porto de Ápia e estabeleceram linhas entre Samoa e Nova Zelândia, Austrália e São Francisco. Quando, em 1887, os alemães depuseram o rei samoano Malietoa Laupepa e colocaram no poder Tupua Tamasese, simpático à causa alemã, o Reino Unido e os Estados Unidos mandaram navios de guerra para as ilhas do Sul, e desde então a situação ficou cada vez mais tensa. Algum tempo depois, Mataafa Iosefo se insurgiu contra Tamasese, e teve apoio de alguns residentes britânicos e americanos. No verão de 1889, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos chegaram a um acordo pela volta do rei. Quando Stevenson chegou a Samoa, fazia dois dias que Laupepa tinha sido oficialmente reconhecido como rei. No entanto, Mataafa estava planejando uma insurgência para reaver o poder. Mesmo antes de chegar a Ápia, quando ainda estava em Honolulu, ele já escrevia para o *Times* sobre o exílio de Laupepa. Na Europa, seus amigos achavam as cartas longas, específicas e retóricas demais, e não lhes deram muita importância. Mas elas provocaram a ira do sueco Conrad Cedercrantz, que chegara a Ápia em dezembro de 1890 para ser o novo presidente da Suprema Corte, e do prussiano Arnold Senfft von Pilsach, que no ano seguinte assumiu como presidente do Conselho Municipal, apesar de eles serem seus amigos. Seu apoio a Mataafa também era visto como tentativa de engendrar uma guerra. Como Stevenson tinha outros amigos em altos postos do governo samoano, escapou – por pouco – de ser deportado.

Brompton *qua* Brompton ou por um salão *qua* um salão. Sou um Escritor Épiko com k,²⁷⁴ mas sem o gênio necessário.

Apresse-se com um novo livro. Estou agora reduzido a dois de meus contemporâneos, você e Barrie – ah, e Kipling! Eu gostei de *Nada the Lily*, de Haggard; não é maravilhoso, mas é grande. Quanto a Hardy – você se lembra da velha anedota? “– Você está ferido, meu senhor? – Ferido, Hardy – Mortalmente, meu senhor? – Mortalmente, Hardy.”²⁷⁵ – bem, eu fui mortalmente ferido por *Tess of the d’Urbervilles*. Não acho que seja exagerado na crítica; mas vou dizer que *Tess* é, dos livros que já li, um dos piores, mais fracos, menos razoáveis mais *voulu*. Exceto pelo estilo, parece-me tão ruim quanto Reynolds – repito – Reynolds: ou mais banal, sem nenhuma conexão possível com a vida ou a natureza humana; é simplesmente o retrato inconsciente de um homem fraco, mas decidido a parecer esperto, ou de um colegial inseguro que quer ser malandro, mas não sabe como. Devo dizer-lhe honestamente que nunca consegui terminar de ler o livro; talvez haja tesouros das Índias mais para a frente; mas até onde eu li, James, é (em uma palavra) condenável. Não tem vida, não tem verdade, pensava continuamente enquanto lia; e finalmente – nem mesmo é honesto! foi o veredicto que jorrou de minha boca.²⁷⁶ Escrevo com raiva? Quase acho que sim; fui traído na casa de um amigo – e me ofendeu ouvir que outros amigos se deliciaram com aquele festim ilusório. Não poderei ler uma página de Hardy por muitos e muitos dias, minha confiança se foi. De modo que você e Barrie e Kipling são agora minhas Três Musas. E é preciso, como você sabe, ter reservas em relação a Kipling. E você e Barrie não escrevem o suficiente. Devo dizer que também leio Anstey quando ele é sério, e que quase sempre Marion Crawford consegue me deixar feliz por um dia – *c’est ne pas toujours la guerre*, mas tem vida e audácia, e se move, e de qualquer forma não é *Tess*. Você leu *The Witch of Prague*? Ninguém conseguiria ler duas vezes, claro; e, mesmo na primeira vez, é preciso saltar algumas partes. *E pur si muove*. Mas Barrie é uma beleza, *The Little Minister* e *Window in Thrums*, hã? Ele tem algo, aquele jovem; mas ele precisa aprender a enxergar e a não querer agradar demais. Ele tem talento, mas há um jornalista à espreita – aí está o risco. Veja que página rende o caso da luva em *Window*! É de tirar o fôlego; isso é audácia, se você quer saber.

²⁷⁴ “Epick writer with a k to it” no original.

²⁷⁵ No original: “– Are you wowned, my lord? – Wounded, `Ardy – Mortually, my lord? Mortually, `Ardy”. Diálogo entre o capitão Hardy e Nelson em encenações populares da morte de Nelson.

²⁷⁶ Cf. Revelações 3:16.

Por que desperdicei o pouco tempo que resta com esta espécie de resenha árida? Realmente não sei. Suponho que seja uma mera ebulição de conversa literária acumulada. Começo a pensar que é mister receber uma visita dos amigos. Quisera eu que você viesse!

De qualquer forma, mande notícias, e perdoe esta efusão boba e maçante. Do seu, sempre,

Robert Louis Stevenson

[54] JAMES A STEVENSON²⁷⁷

De Vere Gardens, 34, West London

17 de fevereiro, 1893

Meu caro e distante Louis,

A coisa mais encantadora que me aconteceu no último ano foi o advento de seu bilhete tranquilizador de 5 de dezembro (não de 1891, meu caro ilhéu perdido no tempo: é de causar inveja vê-lo tão luxuriosamente “fora”. Quando você cede à excentricidade de uma data você o faz realmente de forma excêntrica). Digo que sua gentil carta é tranquilizadora simplesmente porque, de modo geral, ela o faz crível por uma hora. Você é, no mais, inteiramente feito da mesma matéria dos sonhos. Creio que seja por isso que eu não sigo escrevendo para você, não falo com você, por assim dizer, em meu sono. Por favor, não pense que eu o esqueci ou que sou indiferente a qualquer coisa que lhe diga respeito. O mero fato de eu pensar em você é uma companhia melhor do que quase qualquer outra que me é tangível aqui, e Londres é mais povoada para mim por você viver em Samoa do que pela residência de quem quer que seja em Kensington ou Chelsea. Minha curiosidade está voltada para você o tempo todo; tento entender suas atividades políticas, seus perigos e sua vida pública. Se meus esforços resultam apenas numa pálida figura é porque você está escandalosamente longe. Então penso que o invejo demasiadamente – seu clima, sua vida excitante, sua magnífica habilidade. Você acertou, eu tenho muito pouco disso tudo ultimamente – mas você *não pode* imaginar quão difícil é para mim, cada vez mais, escrever. Não obstante, vou publicar, com uma simultaneidade quase perfeita, três pequenos (distintos) livros – dois volumes de literatura barata [*penny fiction*] e um de pequenos ensaios,²⁷⁸ todos tirados de fontes nas quais,

²⁷⁷ Beinecke Library, manuscrito 4953. Os nomes de Rider Haggard ou Marion Crawford tinham sido cortados da versão de Lubbock, assim como o pequeno trecho sobre a saúde de Colvin.

²⁷⁸ *The Real Thing and Other Tales, The Private Life e Essays in London and Elsewhere*, todos publicados em 1893.

sem dúvida, você já pode ter encontrado um ou outro. Seja como for, a coisa deverá ser novamente (D.V.²⁷⁹) depositada no seu recife de coral. Muito revigorante, ainda que não de todo convincente, foi o alísio fresco (um alísio é fresco?) da sua crítica a alguns de *ces messieurs*. Eu lhe concedo Hardy de bom grado e mesmo com um pontapé. Sou submisso e envergonhado lá onde o estardalhaço público é ensurdecedor – assim baixei a cabeça e deixar passar *Tess of the D. 's*. Mas, ah, sim, caro Louis, ela é vil. A pretensão à “sexualidade” só faz par com a ausência dela, e a abominação da linguagem com a reputação de estilista do autor. Há, decerto, alguns aromas, visões e sons agradáveis. Mas você tem melhores na Polinésia. Por outro lado, não posso acompanhá-lo nem um pouco em sua tolerância quando se trata de Rider Haggard ou Marion Crawford. Deixe-me acrescentar que não consigo lê-los, então não sei nada sobre eles. Mesmo assim, não tenho problemas em declarar que eles são *industriels* desavergonhados e suas obras não passam de glórias de Birmingham. Você terá adivinhado que eu me delicio antecipadamente com seu ano de proezas literárias. Contudo, não li uma palavra sua desde o bravo e belo *Wrecker*. Não poderei *tocá-lo* até que sinta que o abracei ao abrigo da capa. De modo que eu espero com sofreguidão as coisas anunciadas aparecerem. Colvin me deixou impaciente para ler *David Balfour* – mas ainda não enganou meu estômago com *Beach of Falesá*. Ele está muito bem – não o tempo todo, mas ele está se recuperando. Quero dizer, claro, em relação a seus anos tristes e ruins. A sra. Sitwell, que tem maravilhosos ferros teóricos em estranhos fogos imaginários,²⁸⁰ *me fait part* de qualquer migalha saborosa que consegue de você. Sei das coisas magníficas que vocês todos comem, e o que a cara sra. Louis esplendorosamente veste (mas não é um pouco transparente, não?). Por favor, assegure esta dama intensamente lembrada de minha muda fidelidade. Ouvi dizer que sua mãe se aproxima de nossas praias e fico feliz em vê-la e em poder sondá-la. Entretanto, não sei por quanto tempo essa cerimônia terá de ser, infelizmente, adiada, pois semana que vem irei para a Itália, onde ficarei por toda a abençoada primavera. Não me ausentei de Londres sequer por uma hora desde meados de agosto último. Ouço você proferir alguma objurgação indígena antes de mergulhar no mar cor de safira para apagar a imagem enfadonha. É apenas uma fábula que você virá um dia para o Mediterrâneo? Iria aos pilares de Hércules para lhe dar as boas-vindas. Transmita minha amizade ao robusto e literário Lloyd. Me alegra muito vê-lo estender suas asas. Não tenho absolutamente nada para lhe enviar. As musas estão mudas, e

---

²⁷⁹ *Deo Volente*.

²⁸⁰ No original, “who has wonderful theoretic irons on strange imaginary fires. Have many irons in the fire” é uma expressão que significa ter várias opções ou modos de agir à mão. A frase tampouco constava da edição de Lubbock.

na França também. Comprei, infelizmente, três exemplares do grande *Cosmopolis* de 7 francos de Bourget – e dei-as todas; mas mesmo que eu lhe enviasse um, você acharia que ele dá voltas demais em torno do assunto para seu gosto – e Deus sabe que é verdade. Vou tentar despachar para você o pequeno e encantador *Etui de Nacre*, de Anatole France – um verdadeiro mestre. *Vale-ave*. Do seu, meu caro Louis, em uma espécie de desespero esperançoso e alienação tenaz,

Henry James

[55] JAMES A STEVENSON²⁸¹

De Vere Gardens, 34, West London

8 de junho, 1893

Meu caro Louis,

Envio-lhe por este correio (10 de junho via São Francisco, registrado) dois pequenos volumes de contos²⁸² que publiquei recentemente – todas coisas velhas que tiveram sua pequena hora pálida em revistas, nas quais, como vaga-lumes tímidos em uma vereda obscura da literatura, um ou dois dentre eles podem ter tido a chance de tremeluzir para você. Temo que a centelha deles vá praticamente desaparecer, no entanto, sob sua luz tropical. Não posso dizer com que tristeza e compaixão soube – há dois dias – por Colvin que aquela luz recentemente turvara-se para você pela ansiedade no que tange a saúde de sua mulher. Só voltei essa semana dos três meses que passei no continente (principalmente em Paris), e esta foi a primeira notícia que tive de sua aflição. Creia, por favor, e peça que a sra. Stevenson acredite, que divido-a com vocês da forma mais sincera. Parece-me demasiadamente triste que – aí tão longe em suas imensidões desamparadas – você tenha que suportar tamanha dor. Mas você é um tal herói que ensinou os deuses a tratá-lo dessa forma e a jogar vorazmente com suas pulsações. A esta altura estou certo de que eles já aprenderam que nesse jogo a última palavra é sempre sua, e viraram-se para vítimas mais gratificantes.

Tenho a impressão de que estou a frasear, meu caro Stevenson, quando na realidade penso em você com o simples desejo de ajudá-lo, apesar de minha impossibilidade. No

²⁸¹ Smith só publicou um trecho desta carta, transcrito de um fac-símile. Ela foi a única que não foi tirada da edição de Percy Lubbock. O restante da carta foi descoberto na Universidade de Yale e publicado em *Letters*, vol III, organizado por Leon Edel (The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, 1990. p. 413-415).

²⁸² *The Real Thing and Other Tales*, publicado em março de 1893, e *The Private Life*, que saiu na semana em que esta carta foi escrita.

entanto, pode bem ser, a meu ver, que as condições estejam a essa altura melhor e que o futuro esteja mais claro – e peço do fundo de meu coração para que isso se consume. Devido à minha ausência da Inglaterra, perdi completamente a chance – alguma semanas atrás – de ver sua mãe quando ela estava em Londres.²⁸³ O mais próximo que cheguei disso foi travar uma correspondência honesta e elegante com uma parente sua na casa de quem ela estava hospedada. Foi uma decepção imensa, preparado como estava para interrogá-la insistentemente. Mas haverá outra chance, pois tive a felicidade de descobrir que ela vai ficar aqui por muitos meses. Foi apenas quando voltei, outro dia, que pude colocar as mãos no *Island Nights*, que, graças à sua generosidade, (por favor receba meus mais ternos agradecimentos) encontrei em minha mesa esperando por mim. Essas histórias têm para mim o mesmo velho charme, e as li com o mesmo gosto com que uma criança chupa uma bala. Por sorte, diferentemente da bala, elas continuam aqui depois de chupadas – prontas para serem novamente absorvidas pelo organismo. A arte de *The Beach of Falesá* parece-me uma arte levada à perfeição, e eu me delicio com a verdade da observação, a modéstia da natureza, do narrador. O homem primitivo não me interessa, confesso, tanto quanto o civilizado – no entanto ele *me interessa* quando você escreve sobre ele. Entretanto, minha impaciência para que *David Balfour* saia em forma de livro para ser tomado nas mãos e acariciado pelos olhos deriva em parte da desconfiança de que ele trate de gente mais complicada. Ultimamente tenho visto tão pouco seus amigos que minhas notícias sobre eles são muito *éventées*. Colvin parece bastante com o que ele foi nos anos tranquilos. Ouço dizer – você talvez tenha ouvido – que se trata de uma possibilidade de ele ir para o posto ideal de diretor da National Gallery (quando sir Frederick Burton se aposentar).²⁸⁴ Seria para seus amigos uma satisfação pessoal se ele fosse nomeado; mas eles só podem prender a respiração e ter esperança, lembrando apreensivos que ele tem dois ou três concorrentes formidáveis. Um deles, creio, é Edward Poynter,²⁸⁵ R.A.²⁸⁶ A literatura está rarefeita e Kipling está silencioso. Quer dizer, *esteve* – em Brattleboro’, Vermont²⁸⁷ (a mais estranha forma de agressão de mulheres – quero dizer,

---

²⁸³ Margaret Stevenson acabara de retornar de uma visita que fez a seu filho em Samoa.

²⁸⁴ Colvin não conseguiu a nomeação e continuou em sua função no British Museum.

²⁸⁵ Edward Poynter (1842-1905), pintor, foi nomeado diretor da National Gallery em 1894.

²⁸⁶ Abreviação de “right ascension”.

²⁸⁷ Kipling estava morando nos Estados Unidos com a mulher, que era americana. Um ano depois desta carta, Henry James escreveu para sua amiga Grace Norton: “In proportion as he has come steadily from the less simple in subject to the more simple – from the Anglo-Indians to the natives, from the natives to the Tommies, from the Tommies to the quadrupeds, from the quadrupeds to the fish, and from the fish to the engines and screws. But he

agressão *pela* mulher), mas creio que um livro (de contos) saia hoje. Bourget eu não vejo há um ano; ele passou o inverno na Grécia e na Síria, (onde ele ainda está – no consulado francês em Beirute), mas ele retorna à Europa muito em breve para embarcar em julho para os Estados Unidos de Chicago. Espero que agora ele sinta que atingiu o cosmopolitismo. Em Paris não havia nada de nutritivo salvo os sonetos de Heredia,²⁸⁸ os quais decididamente preciso lhe mandar: eles têm para mim uma beleza nobre uma rara perfeição. Eles fazem a musa inglesa (do momento) parecer (estranha combinação) a uma só vez iletrada e muda. (O livro segue também por este correio). Vi Daudet – que parece ter retornado das garras da morte lenta – *sair* de uma paralisia progressiva. Meredith eu vi há três meses – com seu *accueil* encantador, suas escamas brilhantes e impenetráveis, e o (para mim) total mistério de sua perversidade. Essa perversidade floresce, creio, nos dois folhetins que estão para ser publicados – um deles pela Scribner.²⁸⁹ Ele é maravilhosamente galante e brilhante. De minha parte, tenho feito alguns trabalhos, e sigo um plano modesto, do qual não seria nada decente falar mesmo que tais trabalhos fossem um sucesso.²⁹⁰ Fazer isso neste momento, portanto, seria de fato vergonhoso. Nada seria pior para mim do que passar um só instante por um vulgar acabado (nos dois sentidos do termo). Mas vou lhe mandar um terceiro livrinho pelo próximo correio.²⁹¹ Adeus. Minhas melhores, mais calorosas e mais fiéis lembranças a sua mulher e a Lloyd. Você me faz *sentir* mais do que nunca que o espírito de um homem – seu talento – é sua experiência. Ergo, quero a sua (ah, *parte* dela – e não a dor!) – e, no entanto, quero ficar com a minha própria também – *com* a dor! Quem vai escolher? Mas a experiência resolve a questão. Quanto a você, meu caro Louis, aperto sua mão e sou seu, sempre,

Henry James

[56] STEVENSON A JAMES²⁹²

Plantações Vailima

17 de junho, 1893²⁹³

---

is a prodigious little success and an unqualified little happiness and a dear little chap. And such an uninteresting mind” (EDEL, 1996, p. 412).

²⁸⁸ José María de Heredia (1842-1905), escritor nascido em Cuba, de pai espanhol e mãe francesa. *Les Trophées* foi publicado em 1893.

²⁸⁹ *Lord Ormont and his Aminta*.

²⁹⁰ A referência aqui é provavelmente aos projetos de James no teatro.

²⁹¹ *The Wheel of Time*, publicado em setembro de 1893.

²⁹² BOOTH E MEHEW, vol. VIII. O começo desta carta foi ditado a Belle. A passagem sobre Gladstone havia sido excluída da edição de Colvin.

Meu caro Henry James,

Creio que deixei passar um correio para responder à sua carta. Você ficará desolado em saber que minha mulher esteve extremamente mal e muito feliz em saber que ela está melhor. Não posso dizer que ainda estou apreensivo por ela. Nós vamos lhe mandar uma fotografia dela tirada em Sydney, em seu traje habitual na ilha quando ela anda, cuida do jardim e comanda em sua voz estridente os assistentes marrons. Ela estava muito doente quando posou, o que talvez explique sua aparência na fotografia. Isso me faz lembrar de uma amiga de minha avó que costumava dizer, quando conversava com mulheres jovens: “Pois bem, quando eu era jovem, eu não era exatamente o que você chamaria de uma *beldade*, mas eu era pálida, penetrante e interessante”.²⁹⁴ Não me atreveria a insinuar que Fanny não é uma “beldade”, mas não há dúvida que nessa imagem ela está “pálida, penetrante e interessante”.

Como você sabe, atravessei sérios problemas e andei me batendo com os grandes desta terra, não de todo sem sucesso. É, talvez você se interesse em saber, um negócio estúpido e exasperador. Se você consegue fazer com que os tolos admitam algo, eles livrarão a cara negando outra coisa. Se você consegue induzi-los a dar um passo para a direita, eles via de regra se autocompensarão com um salto para a esquerda. Sempre achei (baseado em nenhuma evidência, apenas em um sentimento ou intuição) que a política era a mais suja, a mais tola e a mais arbitrária das atividades humanas. Sempre achei, mas agora eu o sei! E pensar em Gladstone tentando forjar seu Home Rule²⁹⁵ e toda aquela corja remendando diariamente acordos desonestos me entristece até a náusea. Felizmente você não tem nada a ver com qualquer coisa desta sorte e vou poupá-lo do horror de mais detalhes. Vou apenas dizer que seu amigo Rosebery parece, de todos os pontos de vista, humano ou divino, ser um excepcional homem branco.

Recebi de você um livro de um homem chamado Anatole France. Por que deveria esconder? Não tenho nenhuma serventia para Anatole. Ele escreve lindamente, e o que mais? Baron Marbot é uma outra história. Assim como o Baron de Vitrolles,²⁹⁶ que estou lendo

---

²⁹³ Resposta à carta de James de 17 de fevereiro. James respondeu a esta em 5 de agosto.

²⁹⁴ No original: “Aweel, when I was young, I wasnae just exactly what ye wad call bonny but I was pale pentratin’ and interestin’”.

²⁹⁵ Em 1886, William Ewart Gladstone (1809-1898), à época primeiro-ministro do Reino Unido, propôs o Home Rule (autogoverno) para a Irlanda, mas foi derrotado na Câmara dos Comuns. Sua segunda tentativa conseguiu ser aprovada na Câmara dos Comuns, mas falhou na dos Lordes, em 1893. Stevenson era um unionista ferrenho, e deplorava os ataques violentos dos partidários do Home Rule no início da década de 1880.

²⁹⁶ Político francês (1774-1854), pró-rei, escreveu suas memórias.

agora com deleite. Sua escapada em 1814 é uma das melhores páginas que lembro de ter lido. Mas Marbot e Vitrolles estão mortos, e o que é feito dos vivos? Parece que a literatura está estacionando. Estou convencido de que é o caso comigo; e estou certo de que todos dirão o mesmo quando tiverem o privilégio de ler *The Ebb-Tide*. Meu caro, o horror daquela história não pode ser descrito em palavras. Há apenas quatro personagens, é certo, mas que bando de porcos! E o comportamento deles está de fato tão profundamente abaixo de qualquer padrão possível que, retrospectivamente, me pergunto como eu mesmo fui capaz de suportá-los até o fim da interminável narrativa. Bem, sempre se salva alguma coisa; vai servir como uma pedra de toque. Se os admiradores de Zola o admiram pela feiura pertinente e pelo pessimismo, creio que deveriam admirar isto; mas se, como suspeito há tempos, eles não admiram nem entendem a arte daquele homem, e apenas têm prazer em chafurdar no seu ranço como o galgo revolve a carniça, então certamente ficarão decepcionados com *The Ebb-Tide*. Ai de mim! Pobre continho, não é nem *mesmo* rançoso.

À guisa de antídoto ou febrífugo, estou avançando a passos largos com a minha História dos Stevensons,²⁹⁷ que, espero, vai se revelar sobretudo divertida, em algumas passagens pelo menos. O excesso de material pesa sobre mim. Meu avô é um personagem de comédia; e preciso apesar disso tratá-lo como se fosse uma figura séria e (a seu modo) heroica, e às vezes eu me perco no caminho, e temo que, no fim das contas, acabe borrando a imagem. De qualquer modo, *à la grâce de Dieu!*, espero não desperdiçar um chifre tentando fabricar minha colher.²⁹⁸ Veja bem, cortar e editar o livro do meu avô é um empreendimento comparável à construção do Bell Rock,²⁹⁹ o que espero ter conseguido fazer, mas, no fundo, tenho minhas dúvidas. E há um senhor naco de estilo e qualidade muito diferentes entre os capítulos II e IV. E não há como consertar isso! É simplesmente uma necessidade deliciosa e exasperante. Você sabe, esse assunto dá uma excelente narrativa; mas, talvez, haja assunto demais! Eis o obstáculo.³⁰⁰ Bem, bem, será óbvio para você que meu espírito está afetado; estaria com muito menos. *The Ebb-Tide* e *Northern Lights*³⁰¹ são uma refeição completa para qualquer homem comum.

---

²⁹⁷ A partir daqui é Stevenson quem redige a carta.

²⁹⁸ Referência à passagem da carta 53.

²⁹⁹ Nome de um célebre farol da costa norte da Escócia, construído por Robert Stevenson, avô de Louis e amigo de Walter Scott.

³⁰⁰ No original *There is the rub*. Hamlet, III, 1.

³⁰¹ Publicado em 1896 como título *A Family of Engineers* (Edinburgh Edition).

Encomendei pelo correio seu último livro, *The Real Thing*, então certifique-se de que você não vai me enviar um. Que mais você está fazendo ou pensando em fazer? Novidades não tenho nenhuma, e não quero ter. Tive que parar com as bebidas fortes e com o tabaco, e estou agora num estado de transição que se avizinha à loucura. Você nunca fumou, creio, então não poderá jamais experimentar a satisfação de parar. Mas ao menos você bebeu, e poderá talvez imaginar minha contrariedade quando subitamente descubro que um copo de claret ou um brandy com água me dão uma dor de cabeça horrível na manhã seguinte. Não há dúvidas: beba o que for, e lá estará sua dor de cabeça. O tabaco é tão ruim quanto o álcool para mim. Se eu sobreviver a tal ruptura de hábitos, não passarei de um filhotinho amedrontado, na verdade. Sou de tal forma feito, ou pervertido, que não gosto nem de imaginar uma vida sem o vinho tinto na mesa e o tabaco com seu adorável carvão incandescente. Isso não me agrada nem de longe. Depois que estiver lá, posso até achar que é o Jardim do Éden, mas as cores do portal não me agradam. Imagine alguém lhe dizer que você tem de deixar sua casa, seus livros e seus clubes, e partir para a África central para lá acampar e comandar uma expedição: você se poria a urrar e coicear, e daria no pé. Acho o mesmo de uma vida sem vinho nem tabaco; e, se isso continuar, terei de partir e fazê-lo, meu senhor, em carne e osso!

Eu pensava que Bourget fosse seu amigo? E pensava que os franceses eram uma raça educada? Ele recebeu minha dedicatória com um silêncio majestoso que me surpreendeu até a apoplexia. Dediquei meu livro ao vil estranho, ao Francês desagradável, ao Maldito Forasteiro? Bem, não faria novamente; e ao menos que seu caso seja suscetível de uma explicação, você poderia talvez dizer isso a ele, entre nozes e vinho, para passar uma hora agradável. Sinceramente, pensei que minha dedicatória fosse digna de uma carta.

Se é que algo é digno de algo aqui embaixo! Você conhece a história do homem que encontrou um botão em seu cozido e chamou o garçom? “O que é isso?”, diz ele. “Bem,” disse o garçom, “o que você esperava? Esperava encontrar um relógio de ouro e a corrente?”. Divino apólogo, não é? Eu bem que esperava encontrar um relógio de ouro e a corrente; esperava poder fumar em excesso e beber até o conforto todos os dias de minha vida; e continuo a olhar fixamente para esse botão, indignado! Não é nem um botão; é uma insígnia de abstêmio! Mas esperemos que eu seja libertado deste quinhão ainda.

Do seu, sempre,

Robert Louis Stevenson

[57] JAMES A STEVENSON³⁰²

De Vere Gardens, 34 West London

5 de agosto, 1893

Meu caro Louis,

Preciso agradecê-lo pela carta das mais encantadoras e interessantes e pela representação fotográfica de seu belo rosto, que não posso louvar tão irrestritamente. O retrato tem suas qualidades enquanto recordação, mas não se pode dizer o mesmo em relação à semelhança. Lembro de você, penso em você, evoco-o de forma muito mais plástica. Mas não foi menos generoso e fiel de sua parte me incluir na lista dos afetuosos destinatários. Sua carta contém toda sorte de coisas boas, mas a melhor de todas é a feliz notícia da melhora na condição de sua mulher. Eu me regozijo com isso de forma quase escandalosa, e peço que você diga isso a ela com minha amizade. A fotografia (dela) em Sydney que você gentilmente anunciou ainda não chegou, mas eu a desejo com impaciência. Enquanto isso, seu lugar é ocupado graciosamente pela deliciosa anedota retrospectiva da amiga escocesa de sua mãe, a pálida, penetrante e interessante.

Normalmente, sou contagiado por Colvin a me preocupar de tal forma com você que é tranquilizador saber que você aparentemente não se acha perturbado por nada pior do que a privação de bebidas alcoólicas e tabaco. “Nada pior?”, ouço você repetir, enquanto você se pergunta a que espécie de tortura de selvageria mais refinada eu posso imaginá-lo submetido. Você escolheria talvez – e não podemos culpá-lo por isso – perecer pela espada, antes do que pela penúria. Mas você não vai perecer, meu caro Louis, e estou aqui para lhe dizer isso. *Eu* deveria ter perecido – há tempos – se fosse mortal. Nenhuma bebida alcoólica – ou quase nenhuma – passa por meus lábios inúteis, e ainda assim eles são capazes de um suspiro hipócrita de resignação. Sinto muitíssimo por você, pois me recordo da bandeja cordial que, nos tempos longínquos e fabulosos, costumava ser posta, conforme a noite avançava, sob a lâmpada social de Skerryvore. As noites avançam em Vailima, mas a bandeja, imagino, desapareceu. Que esta árdua provação seja aliviada e, como vocês missionários dizem, seja abençoada para você. Ela fere, repito, mas não mata – o que é pior. O tabaco é uma outra história. Eu fumei um ou outro cigarro – em Skerryvore; e provavelmente vou fumar novamente. Mas não estou ansioso para isso. Você sem dúvida me achará intoleravelmente

---

³⁰² Beinecke Library, Manuscrito 4955. Os comentários sobre Bourget foram excluídos da edição de Lubbock.

desprovido de temperamento. O que me deprime bem mais é o triste pensamento de que você não recebe quase nada que eu lhe envio. Tal, no entanto, não me impediu de postar hoje para você, registrado, via São Francisco (é dia de correio) um volume de pequenas bagatelas que publiquei recentemente, intitulado *Essays in London and Elsewhere*. Ele contém alguns belos escritos – não endereçados aos peixes. Minha última carta para você, para a qual a sua do dia 17 de junho era uma resposta – a única carta datada, caro Louis, que jamais recebi de você! – deveria supostamente acompanhar dois outros volumes meus, que foram despachados a você, registrados, via São F., ao mesmo tempo (*The Real Thing* e *The Private Life*). No entanto, nenhuma dessas obras, evidentemente, tinham lhe alcançado quando você escreveu – e você pediu que eu não lhe enviasse a primeira (ainda que minha carta mencionasse que ela estava a caminho), pois você a tinha encomendado. É tudo um mistério que apenas os peixes um dia sondarão. Também posto agora para você o último continho de Paul Bourget (*Un Scrupule*), sobre o qual ninguém me induzirá a emitir o mais ínfimo rudimento de uma opinião. Tem muito talento (não chamo *isso* de rudimento), mas os franceses andam estranhos. Fico muito contente de poder lhe enviar junto a esta carta um *petit mot* do dito Paul Bourget, em resposta ao seu sentimento de ofensa com o silêncio demasiadamente prolongado dele. Ele esteve em Londres por três dias com sua maravilhosa jovem esposa, a caminho dos Estados Unidos (ele embarca hoje), onde ele pretende aparentemente passar o inverno e escrever um volume de apontamentos – nos moldes de *Notes sur l'Angleterre*, de Taine. Ele jamais saberá quão pouco ele sabe ou pode entender sobre nossa grande e gloriosa civilização anglo-saxã – sobre a qual, entretanto, ele está cheio de julgamentos e simpatias quase que anormalmente lisonjeiras (dadas algumas de suas outras inclinações habituais). Ele estava mais cheio ainda de escrúpulos e vergonha (quando falei com ele) por não ter lhe escrito. As intenções dele, posso lhe assegurar, foram as melhores; mas ele leva uma vida tão migrante que não consigo enxergar como *qualquer uma* de suas intenções poderia jamais frutificar. Ele passou o inverno na Terra Sagrada e, de lá, salta em três semanas (de Beirute) para sua estranha expedição americana. Há um ano – ou mais – ele me pediu sinceramente (em Siena) seu endereço. Eu de pronto lhe dei – *par écrit* – mas o reconhecimento de que ele estava então desejoso de lhe contatar sucumbiu a complexas frustrações. Agora que, finalmente, ei-lo aqui, quisera eu que você fosse capaz de lê-lo! Mas você não será. Minha mão, neste caso, será a mão de Apolo.

Passei seis semanas à beira-mar, e estou de volta à cidade deserta sobretudo porque *está* deserta. *Minha* beira do mar é a sórdida praia de Ramsgate – vejo seus recifes de coral enrubescerem diante da vulgaridade do nome. O lugar tem para mim uma vantagem indizível (na tensão das semanas de trabalho), que a praia de Falesá, felizmente, *não* teria – a de estar

cheia de gente que eu não conheço. A praia de Falesá me cativaria, mas me deixaria estéril – quero dizer, a musa social iria acabar com a outra. Você certamente me achará árido o bastante do jeito que estou. Mas estou menos seco do que parece, no entanto, pois estou trabalhando com uma paciente subterraneidade em um negócio que já é suficientemente desonroso praticar, sem falar a respeito: um negócio extremamente perigoso e heroicamente difícil – *esse* crédito pelo menos ele tem. O caso torna-se simples para mim pela mais horrenda necessidade: o livro, do modo como as minhas limitações me obrigam a produzir, não me dá um tostão. Não diga isso em Samoa – ou ao menos não no Taiti; mas eu *não* vendo 10 exemplares! – e tanto os editores quanto os *publishers* não terão nada para me dizer. Mas eu não menciono isso nunca – mais perto de casa. “A política”, caro político – fico contente que você esteja superando isso. Quando você diz que sempre “achou” a política repugnante, fico tentado a parecer superior e dizer que sempre soube que era assim. Ao menos não consigo ver como alguém pode dar uma olhada, ainda que por cima, nos jornais contemporâneos (quero dizer, os jornais de toda a época de um indivíduo) e ter qualquer dúvida a esse respeito. A moral, os costumes, os materiais de todos aqueles cavalheiros estão talhados ali muito mais que em qualquer outro documento, e a impudência dos seus ares e pretensões na presença disso revolta até a humildade de um espírito tão resignado com tudo quanto o meu. A sórdida briga na Casa dos Comuns na outra noite pareceu-me apenas uma intermissão momentânea na hipocrisia. A hipocrisia retorna com a fingida confusão sobre isso. *The Lives of the Stevensons* (com todo o respeito que tenho por eles) não é o que eu mais quero que você escreva, mas eu preferiria que você publicasse dez volumes disso a escrever outra carta para o *The Times*. Enquanto isso, anseio por *Catriona* – e vão-se as semanas e eu tenho que viver sem você. Mas sou ainda seu, de sua mulher e do insidioso Lloyd, amigavelmente,

Henry James

[58] STEVENSON A JAMES³⁰³

[Vailima]

[c. 15 de agosto de 1893³⁰⁴]

³⁰³ BOOTH; MEHEW, vol. VIII. O poeminha do final tinha sido excluído da edição de Colvin.

³⁰⁴ Colvin datou a carta como sendo de julho de 1893, mas o original tem um carimbo do correio que prova que a carta é de agosto.

Meu caro Henry James,

Sim. *Les Trophées* é, no geral, um Livro. É excelente; mas será o trabalho de uma vida? Sempre suspeito que *você* tenha um volume de sonetos na manga; quando sairá? Estou num daqueles meus humores de absoluta falta de paciência com toda ficção e tudo que lhe diz respeito, lendo, em vez disso, com êxtase, *Decisions* de Fountainhall.³⁰⁵ Você nunca leu: bem, não tem muita forma, e é indizivelmente enfadonho, creio, para os outros – e até para mim em algumas páginas. É como andar por uma mina no subsolo, e com uma lanterna execrável, para procurar pedaços de minério. Isto, e a guerra, serão as minhas desculpas para não ter lido seu (sem dúvida) gracioso livro de ficção. Este ano que vem há de me levar a ele; e sei que quando a ficção começar a me parecer novamente um pouco mais *sólida* vou gostar muito, porque é um James. Você sabia que prefiro, quando estou assim, tentar ler um livro ruim? Pelo menos não é tão decepcionante. E Fountainhall é de primeira linha, dois grandes volumes em fôlio, enfadonho e verdadeiro e seco feito um obituário; e há em média um fato interessante a cada vinte páginas, sendo que dez delas são ininteligíveis por causa das technicalidades. Aí está a literatura, se você quiser! Alimenta; cai sobre você genuinamente como chuva. Chuva: até agora ninguém fez jus à chuva na literatura: decerto um tema para um escocês. Mas aí não se pode fazer a chuva neste estilo livro-caixa que estou tentando – ou a meio caminho entre o livro-caixa e uma balada antiga. Como superar, como escapar da *particularidade* embrutecedora da ficção? “Roland chegou à casa; tinha portas verdes e venezianas nas janelas; alguém raspava o chão no andar de cima”. Ao diabo com Roland e o raspador!

Do seu, afetuosamente,

R.L.S.

O *Romancer* Confuso e Ambicioso
ocupado em nutrir
Uma Quimera
Que provará ser
Uma Garrafa (em Italiano).³⁰⁶

³⁰⁵ *Decisions of the Lords of Council*, de Fountainhall, que Stevenson estava lendo para pesquisar para seus livros *Weir of Hermiston* e *St. Ives*.

³⁰⁶ Um “fiasco”, que vem da frase em italiano *far fiasco* [literalmente fazer uma garrafa (*to make a bottle*)], originalmente no sentido de falhar numa performance dramática, mas depois de aplicação mais geral.

[59] STEVENSON A JAMES

[meados de setembro, 1893]³⁰⁷

Meu caro James,

Você receberá isto das mãos de nosso primo, Graham Balfour,³⁰⁸ que vai lhe contar tudo sobre nós – como estamos, e como não estamos – e os jardins de Tamaitai e, no geral, os mínimos detalhes de nosso estilo de vida. Você vai ver que ele é um camarada de primeira.

Do seu, sempre,

Robert Louis Stevenson

[60] JAMES A STEVENSON³⁰⁹

De Vere Gardens, 34, West London

21 de outubro de 1893

Meu caro Louis,

Os correios informam, para meu desgosto, que não há navio para os seus lados via São Francisco este mês, e que eu devo confiar estas poucas linhas à precária e pérvida Hamburgo. Faço isso, então, pelo simples motivo de que não posso mais conter o entusiasmo que tomou conta de mim desde que li *Catriona*. Perdi, logo depois de lê-lo, o correio do mês passado, e fiquei infinitamente irritado por não ter podido lhe transmitir meu êxtase no calor da hora. Porque o dito *Catriona* ressoa e recende com tal gênio que não há refúgio para o leitor desesperado a não ser arrojá-lo em adoração. Não sei bem se é magnânimo de sua parte ter êxito assim de forma tão sem consideração – deve haver certa modéstia no triunfo fácil que sua musa inflamada talvez descuide um pouco. Mas perdoe a imagem desajeitada – não tentarei levá-la adiante. Deixe-me apenas dizer que não despacho essas palavras débeis por caminhos tão cheios de água senão para lhe agradecer por um prazer extraordinário. Creio que quando um livro tem a beleza superior de *Catriona* aquilo que os simplórios chamam de crítica está fadado a cometer alguma espécie de indelicadeza. A obra vive segundo uma regra tão absoluta que seria grotesco tagarelar sobre o que ela *poderia* ter sido! Vou lhe dizer o

³⁰⁷ Alguém anotou nesta carta a data de 19 de maio de 1895, o que levou Janet Adam Smith a datá-la erroneamente de 19 de maio de 1893. A carta não havia sido publicada na edição de Colvin.

³⁰⁸ Graham Balfour chegou a Vailima em agosto de 1892 e passou boa parte dos dois últimos anos de vida de Stevenson na casa dele. Ele escreveu a primeira biografia do escritor, que foi publicada poucos anos após sua morte.

³⁰⁹ Beinecke Library, manuscrito 4956. A última página do manuscrito foi excluída da edição de Percy Lubbock.

único ponto em que dei por um desejo insatisfeito, mas só falarei a respeito depois de dizer que feito raro me parece toda a personalidade e o tom de David e com que mão supremamente feliz você pintou as mulheres de carne e osso. Elas são absolutamente adoráveis e todo mundo corre atrás delas. Em David não há um erro, não há jamais uma nota em falso; ele é de uma verdade e correção exasperantes. A única coisa que me faz falta no livro é a nota da *visibilidade* – o livro submete minha visão, minha imaginação *visual*, a uma privação quase dolorosa. A imaginação auditiva, por assim dizer, é servida como um fidalgo, e esse alarido parece uma afronta diante da frustração do prazer dos olhos – de modo que me sinto (falo, é claro, apenas do ponto de vista que *minha* impressão anseia por se completar durante a leitura) na presença de vozes no escuro – vozes tão mais distintas e vívidas, tão mais admiráveis e sonoras, como as vozes sempre são – mas também tão mais atormentadoras e confusas – por causa destes olhos vendados. Eu solto um gemido de súplica quando você, por exemplo, leva seus personagens, perto do final, em uma ou duas linhas, de Leyden a Dunkirk sem nem um vislumbre de informação que sugira algo sobre a ambientação da estrada do século XVIII. No entanto, apegue-se a esse sistema de evocação enquanto ele lhe servir para chegar a coisas tão grandiosas. A vida, as letras e a arte, todas se encantam com você.

Fico feliz de saber que sua esposa sofre menos com a saúde e que suas próprias inquietações estão em parte mitigadas. Não sei bem como renovar suficientemente o penhor de minha mais sincera simpatia por vocês. Vocês vivem em condições tão inimagináveis e à melodia da experiência tão grandiosas e estranhas que têm de me perdoar se estou em tão completo descompasso com suas peripécias. Sei que vocês estão cercados pelo estrondo da batalha, e ainda assim a beleza do que você produz tem uma calma goetheana, comparável à beleza destilada em Weimar quando a fumaça ainda pairava sobre Jena. Fico apenas com seu lado livresco – ainda que os demais protestem aos brados. Espero encontrá-lo um dia sentado em uma poltrona tagarela em torno da lareira. Não fosse por *Catriona* não teríamos podido manter a cabeça erguida este ano. Fazia tempo, antes disso, que nenhuma frase decente era escrita em inglês. Estamos sistematicamente cada vez mais vulgares e ignóbeis. A única luz no horizonte está em saber que seus livros são apreciados. Tentarei ver Colvin antes de postar isto aqui – no mais, não o vejo há três meses. Tive um verão típico da costa britânica, com banhos mecânicos e banda alemã. Encontrei Zola para um almoço um dia antes que ele partisse de Londres e o achei muito sensato e comum e inexperiente. Nada, literalmente nada jamais lhe aconteceu a não ser escrever os Rougon-Macquart. O que torna essa série, admito,

ainda mais curiosa.³¹⁰ Seu *tour de force* é do tipo oposto. Renove o milagre, meu caro Louis, e creia-me seu desde já boquiaberto,

Henry James

Ps: Tive que guardar minha pobre carta por vários dias – descobri que, afinal, um correio parte logo mais via São Francisco, graças aos céus. Nesse ínterim, encontrei Colvin e tomei a liberdade de assuntar discretamente, ainda que avidamente, seus projetos – e giros! Trapezista no vazio do Pacífico! Colvin está lúcido e firme e nós estamos todos torcendo para que ele seja nomeado chefe da National Gallery depois de sir Frederick Burton. Mas eu estou distante demais disso tudo para *medir* suas chances e [...] ³¹¹. *Ora pro nobis*. Vi Gosse na noite passada – indo dar uma palestra em Sunderland e muito satisfeito com um artigo encantador (sobre seu talento) na [...] ³¹². Escrito por Augustin Filon (não *filou*), circunstâncias, [...] ³¹³. *Catriona* é cada vez mais belo. Eis o obstáculo! ³¹⁴

H.J.

[61] STEVENSON A JAMES

Apia

Dezembro, 1893

Meu caro Henry James,

O carteiro me tomou de assalto três dias antes do esperado; que o bom Deus me ajude! É impossível responder a cada um como se deve. Seu júbilo com *Catriona* me fez bem, e ainda mais a sutileza e veracidade de seu comentário sobre a pobreza do sentido visual naquele livro. É bem verdade, e a não ser que eu faça o maior esforço – e estou, nesse sentido, convencido de sua necessidade – será cada vez mais assim, temo, no futuro. Eu *ouço* as pessoas falando e

---

³¹⁰ No ensaio que publicou em 1903 sobre Zola, James comenta este encontro quase com as mesmas palavras: “That impression consisted, simply stated, in his fairly bristling with the betrayal that nothing whatever had happened to him in life but to write Les Rougon-Macquart. It was even for that matter almost more as if Les Rougon-Macquart had written *him*, written him as he stood and sat, as he looked and spoke, as the long concentrated, merciless effort that made and stamped and left him”.

³¹¹ Trecho ilegível.

³¹² Palavra ilegível.

³¹³ Trecho ilegível.

³¹⁴ No original “There’s the rub!” (Hamlet III, 1)

as *sinto* em ação, e parece-me que isso é que é a ficção. Meus dois objetivos podem ser descritos assim:

Primeiro – Guerra ao adjetivo.

Segundo – Morte ao nervo óptico.

Temos que admitir que vivemos na era do nervo óptico na literatura. Por quantos séculos a literatura viveu sem nem sinal dele? Todavia, vou levar sua carta em consideração.

Que maravilha o personagem do crítico nos seus *Essays in London*! Duvido que você tenha feito qualquer coisa tão satisfatória em termos de estilo e argúcia.

Do seu, sempre,

R.L.S.

[62] STEVENSON A JAMES³¹⁵

Vailima

7 de julho, 1894

Caro Henry James,

Vou tentar ditar uma carta ou um bilhete para você, e começo sem um pinga de esperança, minha mente estando totalmente em suspenso. Essa doença é muito cruel para o homem de letras. Ela vem se achegando já faz um mês, e parece que piora ao invés de melhorar. Se ela provar que abrande o cérebro, um interesse melancólico se atrelará ao presente documento. Ouvi um bocado a seu respeito de minha mãe e Graham Balfour; o último declara que você poderia tirar um A em qualquer questão samoana. Se assim for, gostaria de ouvi-lo a respeito da teoria da constituição. E também de consultá-lo sobre a importância das partículas *o lo'o* e *ua*, que são tema de uma disputa entre os sabidos locais. Você poderia, se algum dia responder a esta carta, dar sua opinião sobre a origem da raça samoana, apenas para completar o favor.

Ambos dizem que você está com uma aparência boa, e acho que posso concluir disso que você está razoavelmente bem. Quisera eu estar. Não pense com isso que estou doente do corpo; é do bestunto que reclamo. E quando esse vai mal, como você bem deve saber, você começa todos os dias com uma dolorosa decepção, o que não faz bem para o temperamento. Estou num daqueles humores em que um homem se pergunta como alguém pode ser tão

---

³¹⁵ A carta foi ditada a Belle.

idiota a ponto de abraçar a profissão das letras, ao invés de ir ser aprendiz de barbeiro ou ter uma banca de batata assada. Mas não tenho dúvidas de que no decurso de uma semana, ou talvez amanhã, as coisas parecerão melhores.

Temos agora no porto o navio de guerra modelo da Grã-Bretanha. Ele se chama Curaçoa, e tem a mais simpática equipe de oficiais e homens imaginável. Eles, os oficiais, são todos muito íntimos conosco, e a varanda da frente é conhecida como o Clube Curaçoa, e a estrada que sobe para Vailima é conhecida como a Pista Curaçoa. Foi antes uma surpresa para mim; conheci muitos oficiais da Marinha, e de alguma forma nunca consegui pensar inteiramente bem deles, e quiçá algumas vezes perguntei-me com a consciência um tanto pesada como este tipo de homem poderia realizar grandes ações? E veja você! A resposta veio até mim, e vejo um navio que poderia garantir que iria a qualquer lugar possível para um homem ir, e conquistar o que quer que fosse permitido a um homem tentar. Não faz muito tempo, fiz um cruzeiro para Manu’a a bordo deste navio, e me diverti muito. A boa vontade de todos a bordo; a graça sinistra do [...] ³¹⁶ no tombadilho, com os homens tombando sob comando; as ambulâncias apressando-se a levá-los embora; o capitão gritando subitamente “Fogo no salão dos oficiais!” e o pelotão avançando com a mangueira; e, o último e mais curioso dos espetáculos, todos os homens em seus trajes cor de poeira, que, ao som da corneta, simultaneamente caem duros no convés, e o navio prosseguindo com sua tripulação prostrada – dando a impressão de que vai se chocar com o inimigo; nosso jantar à noite num ancoradouro aberto e selvagem, o navio balançando muito, de modo que víamos, alternadamente, sua amurada contra o céu e a praia da ilha, incrustada de palmeiras e falésias acidentadas, com as ondas estrondeando e saltando quase a bordo. O repasto dos oficiais foi no convés, iluminado por tochas, todo mundo, evidentemente, em uniforme, menos eu e o primeiro tenente (que é um corpo reumático), que estava embalado em uma capa. Pouco a pouco o sol poente foi se apagando, a ilha desapareceu sob nossos olhos, embora tenha ficado presente para o ouvido de forma ameaçadora, com a voz da rebentação, e então o capitão acendeu o farol e nos mostrou a costa, a praia, as árvores, as casas dos nativos e as falésias com lampejos de luz do dia, uma espécie de relâmpago deliberado. A essa hora, creio, já tínhamos chegado à sobremesa, e bebíamos provavelmente nosso primeiro cálice de porto à saúde de Sua Majestade. Ficamos dois dias na ilha, e tivemos, adicionalmente, um retrato muito pitoresco da vida nativa. As três ilhas de Manu’a são independentes, e governadas por uma pequena menina mestiça de mais ou menos vinte anos, que fica sentada o dia todo com

---

³¹⁶ Falta palavra.

um vestido rosa, numa pequena casa branca de estilo europeu, com um quarto de acre de rosas à sua frente, fitando as palmeiras das ruas da vila e ouvindo o rumor das ondas. Isso, até onde pude averiguar, é tudo o que ela tem a fazer. “É um lugar muito tedioso”, ela disse. Parece que ela não podia ir para nenhuma outra vila por medo de despertar o ciúme de seu povo na capital. E sair por aí a “tafatafar”,³¹⁷ como dizemos aqui, tem um custo alto demais. Um nativo forte e robusto tem que andar à frente dela e soprar em uma concha ininterruptamente a partir do momento em que ela sai de uma casa até o momento que ela entra em outra. Você já soprou em uma concha? Suponho que não; o suor literalmente jorrava daquele homem, e eu esperava a cada instante vê-lo rebentar uma artéria. Fomos convidados para o *kava*³¹⁸ na casa de hóspedes, em companhia de algumas figuras muito originais. Os jovens rapazes que partem em busca do kava têm o direito de se portar mal *ad libitum* no caminho de volta; e ainda que tenham lhes pedido que se controlassem na ocasião de nossa visita, houve uma estranha balbúrdia no retorno deles, quando chegaram batendo nas árvores e nos postes das casas, saltitando, gritando e urrando como bacantes.

Experimentei nessa ocasião o que é ser célebre. Meu nome era citado logo após o do capitão, e muitos chefes (algo absolutamente novo para mim e de forma alguma uma prática comum em Samoa) brindaram à minha saúde.

E agora, se você não está cansado do Curaçoa e de Manu’a, eu estou, pelo menos no papel. E me recuso a continuar lhe dando exemplos de como não escrever.

A propósito, você me mandou há tempos uma obra de Anatole France, que confesso que não *apreciei*. Desde então, tomei conhecimento de *Abée Coignard*,³¹⁹ e tornei-me um fiel adorador. Não acho que um livro melhor que esse já tenha sido escrito.

E não tenho ideia do que eu disse, e não tenho ideia do que eu deveria ter dito, e sou um total idiota, mas meu coração está no lugar certo, e sou, meu caro Henry James, o seu

R.L.S.

[63] STEVENSON A JAMES³²⁰

³¹⁷ *Tafatafaoing* no original. Stevenson dá à palavra *tafatafa*, da língua samoana, um tom inglês.

³¹⁸ Bebida feita da raiz da pimenteira e tomada de forma ritualística nas cerimônias mais importantes da vida social samoana.

³¹⁹ Em itálico no original. Abée Coignard é a personagem central de *La Rôtisserie de La Reine Pédauque*, um dos mais célebres romances de Anatole France, publicado em 1893. A personagem reaparece em *Les Opinions de Jérôme Coignard* (1893) e *Les Puits de Sainte Claire* (1895).

³²⁰ A carta não havia sido incluída na edição de Colvin, mas foi encontrada por Janet Adam Smith e transcrita em sua coletânea. A carta foi ditada a Belle.

Vailima, Samoa

24 de novembro, 1894

Meu caro James,

Posso lhe apresentar meu jovem amigo, o sr. C. D. Burney,³²¹ com quem tivemos o prazer de conviver aqui em Samoa? Nós o vimos partir com pesar, e parece que podemos atenuar a separação se o entregarmos às mãos dos amigos na Inglaterra. Solicite a ele detalhes sobre meu cacau das quatro horas da manhã.

Do seu, sempre,

Robert Louis Stevenson

---

³²¹ Um dos aspirantes do Curaçoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. “A poesia da circunstância”. In: STEVENSON, Robert Louis. **O Clube do Suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BALDERSTON, Daniel. **El Precursor Velado**: R. L. Stevenson en la Obra de Borges. Tradução de Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1982.

BALFOUR, Graham. **The Life of Robert Louis Stevenson**. 2 vols. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908.

BARTHES, Roland. “O efeito de real”. In: **Literatura e Semiologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas IV**. – 2a ed. – Buenos Aires: Emecé, 2009

BROOKS, Peter. **Henry James goes to Paris**. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

BROOKS, Peter. **The Melodramatic Imagination**: Balzac, Henry James, Melodrama, and the Mode of Excess. New Haven: Yale University Press, 1995.

BROOKS, Peter. *Realist Vision*. New Haven: Yale University Press, 2005.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHESTERTON, G K. **Robert Louis Stevenson**. Thirsk, North Yorkshire: House of Stratus, 2001.

EDEL, Leon. **Henry James – A Life**. London: Flamingo, 1996.

ELLMANN, Richard. **Ao Longo do Riocorrente**: Ensaio Literários e Biográficos. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HARMAN, Claire. **Robert Louis Stevenson: A Biography**. Londres: HarperCollins Publishers, 2005.

JAMES, Henry. **Os Embaixadores**. Tradução: Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JAMES, Henry. **The Portable Henry James**. Nova York: Penguin Books, 1979.

JAMES, Henry. *The American Essays*. Edited, with an introduction and new foreword by Leon Edel. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

JAMES, Henry. “The Art of Fiction”, 1884. In: SMITH, Janet Adam. **Henry James and Robert Louis Stevenson: A Record of Friendship and Criticism**. Londres: R. Hart-Davis, 1948.

JAMES, Henry. **Henry James: A Life in Letters**. Editado por Philip Horne. Allen Lane – The Penguin Press, 1999.

JAMES, Henry. **Henry James, Letters**. Editado por Leon Edel. Vol III, 1883 – 1895. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, 1990.

JAMES, Henry. **Henry James, Selected Letters**. Editado por Leon Edel. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts and London, England. 1987.

JAMES, Henry. **The Portrait of a Lady**. Inglaterra: Penguin Books, 2003.

JAMES, Henry. **The Prefaces to volumes of The New York Edition**. 1907 – 1909. Disponível em: <<http://www.henryjames.org.uk/>>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

JAMES, Henry. “Robert Louis Stevenson”, 1888, tradução: Rubens Figueiredo. In: STEVENSON, Robert Louis. **O Clube do Suicídio e Outras Histórias**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LE BRIS, Michel. **Une amitié littéraire: Henry James – Robert Louis Stevenson**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1994.

LE BRIS, Michel (org.). **Robert Louis Stevenson – Essais sur l’Art de la Fiction**. Paris: Éditions Payot, 1992.

LE BRIS, Michel (org.). **Robert Louis Stevenson**. Paris: Éditions de L’Herne, 1995.

MATTHIESSEN, F. O.; MURDOCK, Kenneth B. (orgs.). **The Notebooks of Henry James**. Nova York: Oxford University Press, 1961.

NABOKOV, Vladimir. “O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, tradução: Jorio Dauster. In: STEVENSON, Robert Louis. **O Clube do Suicídio e Outras Histórias**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PARREIRA, Marcelo Pen. **Os Prefácios de Henry James: Antologia e Comentário**. Dissertação de mestrado apresentada à Área de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo, 2001.

SCHWARZ, Roberto. **A Sereia e o Desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SCHWOB, Marcel. **Spicilège**. Hibouc, 2008.

SMITH, Janet Adam. **Henry James and Robert Louis Stevenson: A Record of Friendship and Criticism**. Londres: R. Hart-Davis, 1948.

SPIILKA, Mark. “Henry James and Walter Besant: ‘The Art of Fiction Controversy’”. In: **Novel: A Forum on Fiction**, Vol.6, n 2 (1973), p. 101-119. Duke University Press.

STEVENSON, Robert Louis. **Across the Plains with other Memories and Essays**. New York: Charles Scribner’s Sons, 1901.

STEVENSON, Robert Louis. *Collected Essays*. The University of Adelaide. Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/s/stevenson/robert_louis/>. Acesso em: 20. Nov. 2012.

STEVENSON, Robert Louis. “A Humble Remonstrance”, 1884. In: SMITH, Janet Adam. **Henry James and Robert Louis Stevenson: A Record of Friendship and Criticism**. Londres: R. Hart-Davis, 1948.

STEVENSON, Robert Louis. **Novels and Stories**. London: Pilot Press LTD, 1945.

STEVENSON, Robert Louis. **The Letters of Robert Louis Stevenson**. 7 vol, editados por Bradford A. Booth e Ernest Mehew. New Haven e Londres: Yale University Press, 1995.

STEVENSON, Robert Louis. **Treasure Island**. Ware, Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 1993.

TRILLING, Lionel. "The Princess Casamassima". In: **The Liberal Imagination**: Essays on Literature and Society. Nova York: The Viking Press, 1950.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **A formação do romance inglês**: ensaios teóricos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Fapesp, 2007.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Dez lições sobre o romance**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. "O romance como gênero planetário". In: **Novos Estudos**, CEBRAP. São Paulo, 2010.

WATT, Ian. "O primeiro parágrafo de *Os Embaixadores*". In: JAMES, Henry. **Os Embaixadores**. Tradução: Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOOLF, Virginia. "Modern fiction" e "Mr. Bennett and Mrs. Brown". In: **Theory of the novel – A historical approach**. Baltimore & London: The John Hopkins University Press.